

Hoje, não há criança que desconheça a situação do futebol, seus expoentes máximos, sua atuação no campeonato mundial.

Tudo isso servirá, para que a criança se entusiasme pelo esporte, pelo exercício físico, sem o qual não poderá haver nação forte.

O homem desenvolvido integral e harmonicamente será o baluarte com o qual a nação poderá contar nos momentos críticos da sua história.

Se desde cedo o habituarmos à prática metódica do exercício, o escolar compreenderá o valor dela em toda a sua vida e procurará desempenhá-la sob qualquer de suas formas. E assim teremos conseguido fazer algo pela campanha da educação física no Brasil.

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ATUALIDADE

Atualmente o problema da educação física está posto, mas não solucionado. Bem pouco, infelizmente se tem feito por ele. Assim dizemos, porque sabemos do seu valor — principalmente na infância — se nesse período forem inculcados os hábitos de exercícios físicos assegurando o perfeito desenvolvimento orgânico da criança.

Onde estaria então a solução? — em começar-se pelo ensino da pedagogia da educação física nas Escolas Normais, pois, nessas condições, as professoras sairiam delas aptas para ministrar as aulas de educação física nos cursos pré-primários e primários. Numa palavra: a solução estaria na preparação das normalistas para tal finalidade, por tres razões diferentes.

1.º) Porque as próprias professoras ministrariam as aulas de educação física, dentro do tempo escolar, sem nenhum acréscimo de despesa ao Estado.

2.º) Porque, no Curso Normal, todas as matérias são interrelacionadas, e, assim sendo, haveria maior enriquecimento do estudo e da Educação Física; em vez de termos apenas instrutoras de ginástica teríamos professoras capazes de dirigir não só a parte mecânica e técnica do movimento, como também a sua parte metodológica.

3.º) Porque à medida que as professoras fossem obtendo suas cadeiras pelo Estado afora iriam difundindo também o valor, a prática e o gosto pela Educação Física.

São, pois, como vemos, grandes as vantagens, mas mesmo assim nas Escolas Normais existentes, o problema continua ainda não solucionado. Excetua-se porem a Escola Normal "Caetano de Campos", onde tem-se procurado dar às professoras os meios necessários à direção das aulas de ginástica no curso primário. Para tal, as alunas recebem aulas não só da mecânica do movimento como também da parte pedagógica da lição de educação física. Assim é que em 1940 as aulas ministradas ao 1.º ano Normal foram no regime do ciclo secundário. Houve aprendizagem dos enunciados dos movimentos, aulas práticas de volley-ball e ainda outras aulas teóricas. Foi feito o histórico da Educação Física através dos tempos, até a atualidade. Foi também focalizado o papel e o progresso da Educação Física em todos os países. Estudaram-se todos os métodos de cultura física existentes, até ao muito atual "Método Francês", com as razões da sua adoção entre nós.

As aulas do 2.º ano Normal já não tiveram o objetivo da cultura física, uma vez que obedeciam ao regime do ciclo elementar. O fim visado foi o aprendizado da voz de comando e da direção da lição. Para

isso, o plano da lição era feito pela professora, comentando com a classe na questão da escolha dos exercícios, e, depois de analisado detalhadamente, deveria ser estudado por todas. Dividida em tres secções de estudos foram as primeiras lições dadas pela professora, e, no dia seguinte, repetidas pelas alunas chamadas no momento. Procedia-se da mesma maneira com a aula completa. Nas aulas teóricas foram abordados todos os ciclos, assim como a ginástica feminina.

Já no 3.^o ano, as alunas entraram diretamente em contato com as crianças. O regime da lição foi o do ciclo elementar, tendo sempre as primeiras aulas sido dadas pela professora. O plano da lição foi sempre elaborado em classe pelas alunas. Era escolhido, entre esses, o melhor como matéria de estudo para o mês. Dividido em tres secções de estudo, deveria o mesmo ser estudado por todas. Duas alunas eram sorteadas na hora para as aulas no 1.^o, 2.^o ou 3.^o ano. A classe também dividida em duas turmas, devia acompanhar as aulas fazendo por escrito suas críticas. A professora, por sua vez, finalizando, fazia um comentário dos erros encontrados. Grande interesse despertou nas aulas a forma de ministrar por dramatizações a lição de Educação Física nos dois primeiros graus, e, daí, serem obtidas ótimas teses.

Para o 3.^o ano Normal, foram também dadas aulas teóricas, não tendo sido esquecido o capítulo de "Acidentes esportivos e Socorros de urgência". Ensinou-se ainda praticamente a elaboração de fichas antropométricas. O exame final foi prático com o plano de aula elaborado pelas próprias alunas.

Por esse esclarecimento do programa no Curso Normal, somos levados a formar um juízo bastante satisfatório em relação à aptidão das professorandas ao ministrarem suas aulas. Esse programa foi elaborado por "professores normalistas" especializados em Educação Física, a escola com dois deles: uma professora que prepara a secção feminina no Curso Normal e fiscaliza as aulas dadas ao 1.^o, 2.^o, 3.^o, 4.^o e 5.^o anos primários pelas professorandas; um professor que ministra as aulas aos alunos normalistas e dá pessoalmente outras ao curso pré-primário e primário.

Como resultado desse amplo trabalho encontramos as turmas de 1939 e 1940 distribuídas pelos mais reconditos recantos do Estado, que podem ser considerados núcleos de uma futura irradiação da Cultura Física, e, pelos mapas anexos, vemos as diferentes localizações desses alunos.

De uma maneira geral, podemos terminar, afirmando que bem pouco se tem feito pela Educação Física do escolar. O número de professores especializados é ainda insuficiente para preencher todos os grupos da Capital, quanto mais os do Estado. Numa Capital como a nossa, onde o número de estabelecimentos de ensino primário quase chega a uma centena, só em menos de 15 encontramos a cultura física dada por especializados. Ora, é uma proporção paupérrima que necessita ampliação.

Contudo, não poderemos negar que há um esforço para o desenvolvimento da Cultura Física das crianças da idade escolar. Os estabelecimentos peri-escolares que procuram suprir a falta da Educação Física na escola dando à criança um pouco mais de sol, de exercício e de recreação. Nessas condições, temos os 'parques infantis espalhados em bairros populosos da nossa Capital e que muito concorrem para a educação infantil, física, social e moral.

Já para as crianças filhas de pais abastados existem os clubes esportivos, onde elas encontram os meios e oportunidades de entregar-se às varias modalidades do exercício físico.

CONCLUSÕES

- I — O ideal seria a formação de professoras de Educação Física nas próprias escolas normais.
- II — Essa especialização deveria tomar maior incremento nas Escolas Normais Livres, das quais sai maior número de professoras anualmente.
- III — Tomada essa medida, seria mais facil organizar núcleos em cada zona do Estado, dos quais seria irradiada para as cidades circunvizinhas a orientação segura dada a Educação Física.
 - 1.º — As próprias Escolas Normais podiam constituir esses núcleos.
 - 2.º — O Chefe de cada zona superintenderia os cursos primário, fundamental e normal de toda região, com o auxílio dos substitutos efetivos.
- IV — A fiscalização geral seria feita por inspetores de Educação Física.



CLASSES DE SAÚDE COLÔNIAS DE FÉRIAS

DR. MENDES DE CASTRO

S. Paulo

A vida ao ar livre, os jogos esportivos, etc., devem merecer lugar de destaque nos programas de educação sanitária escolar.

Se os sãos precisam de ar puro, dos jardins dos campos, das praias, das montanhas, com mais razão, os debéis escolares, cujos organismos debilitados, em formação, exigem certos elementos reparadores que um regime de vida ao ar livre lhes pôde proporcionar.

Encaminhá-las para esses locais é fazer de crianças fracas, depauperadas, cidadãos fortes e uteis, contribuir para o aperfeiçoamento do homem de amanhã, para o melhoramento global da sociedade.

Por investigações realizadas por estudiosos do assunto, é grande o número de alunos debéis encontrados em nossas escolas, principalmente moradores das grandes cidades, onde a vida é mais difícil e os problemas sociais mais graves.

CLASSES DE SAUDE

As chamadas escolas ao ar livre, classes de saude, são os organismos indicados para a melhoria do índice de saude do escolar debil, mercê de um regime especializado, terapêutico, higiênico e dietético, a que, aí, são submetidos.

Em Buenos Aires, tais organizações florescem em grande número, em parques e praças. É comum deparar-se, ao visitante, naquela cidade, escolares que recebem os benefícios do ar puro, em jardins ensolarados e verdejantes, e, ao mesmo tempo, as lições da professora.

Aliás, tais escolas poderiam ser difundidas entre nós. Independem de instalações pomposas e caras: um simples galpão de abrigo, situado em um jardim, é o bastante para o seu funcionamento.

Para as "classes de saude" seriam encaminhados os escolares debéis e que necessitassem de um regime mais brando e horas de descanso entre os estudos.

Os escolares frequentariam as Classes de Saude, durante um ano, para depois continuar na escola comum.

Em cada início do ano letivo, nos Grupos Escolares, por ocasião da matrícula, far-se-ia a seleção dos alunos debéis, que seriam encaminhados para as Escolas de Saude.

Exame clínico — Todo o escolar matriculado na Escola de Saude, seria submetido ao mais rigoroso exame clínico, preenchendo-se, então, a ficha, que teria os seguintes itens:

N.º..... Escola.....
Nome..... Idade..... Sexo.....
Nacionalidade..... Data..... Peso.....
Medidas antropométricas.....
Exame clínico:.....
Coração..... Pulmão.....
Outros órgãos..... Sistema ganglionar.....
Sistema linfático..... Exame de olhos.....
Exame otorinolaringológico.....
Exame da pele..... Exame dentário.....
Exames de laboratório.....
Vacinas: anti-variólica..... anti-diftérica.....
Anti-tífica..... Cutis-reação.....
Radioscopia..... Tratamentos.....
Observações.....

Professora — A professora dessas classes seria especializada no assunto e escolhida a que apresentasse grande devotamento pelo problema da saúde escolar, de preferência a educadora sanitária.

Regime — O regime deveria ser muito brando, alternando-se as recreações, jogos, descanso, com os estudos.

8	— 8,5	— Entrada	— Revista de asseio
8,5	— 8,35	— Estudos	
8,35	— 8,45	— Descanso	
8,45	— 9	— Café, leite	
9	— 9,10	— Descanso	
9,10	— 9,35	— Estudos	
9,35	— 9,55	— Jogos ao ar livre	
9,55	— 10,15	— Estudos	
10,15	— 10,20	— Descanso	
10,20	— 11	— Estudos	
11	— 11,5	— Descanso	
11,5	— 11,50	— Almoço	
11,50	— 11,55	— Descanso	
11,55	— 12	— Saída	

Mobiliário — Além das carteiras e bancos adaptáveis ao tamanho do escolar, seriam necessárias cadeiras preguiçosas para o descanso dos alunos.

Pessoal — Para cada Classe de Saude: uma professora aducadora sanitária; uma servente cozinheira.

Para 6 Classes de Saude: um médico; uma nutricionista.

Já tivemos, em São Paulo, de 931 a 1936, organização semelhante, fundada e mantida pela Cruzada Pró Infância, no Parque D. Pedro II, pela qual passaram, nesse período, cerca de 1.000 crianças, com os melhores resultados, quanto à sua saúde.

COLÔNIAS DE FÉRIAS

Outro complemento do aparelhamento de saúde escolar, para a regeneração dos deuses físicos, é a colônia de férias.

Sainz de los Terreros chama esta organização de "uma das mais genuínas organizações da escola".

Foi o pastor Bion, em 1876, na Suíça, o primeiro a pôr em execução uma colônia de férias para os escolares e com ótimos resultados. Daí por diante, foram se multiplicando em todos os países.

Não é de hoje que todos os higienistas se vêm preocupando com o descanso obrigatório para todos os que trabalham, principalmente nas cidades.

É preciso, porem, que as férias sejam passadas em locais adequados, em clima ameno e sossegado, longe do bulício das cidades.

Muitos países organizam Colônias de Férias para os escolares, em praias, em planícies e em montanhas.

Para estas colônias são encaminhados escolares que necessitam de um regime especializado, escolhidos após exame clínico prévio, devendo durar a estada no local, em média, 15 dias.

Exame clínico — Cada aluno, ao ingressar na Colônia de Férias, faria um exame clínico completo, preenchendo-se a ficha, idêntica à indicada para as Classes de Saúde, e ficaria sob vigilância médica diária.

Regime — O regime seria o mais ameno possível, constando de diversões, passeios, jogos, etc. Eis um exemplo de regime para a praia:

7,30	— 8	—	Despertar, hábitos higiênicos
8	— 8,15	—	Leite, café
8,15	— 9	—	Exame clínico
9	— 11	—	Banho de mar, jogos, etc
11,30	— 12,30	—	Almoço
12,30	— 13	—	Descanso
13	— 14	—	Leituras de histórias, etc
14	— 14,30	—	Descanso
14,30	— 15,30	—	Ginástica
15,30	— 16	—	Descanso
16	— 16,30	—	Lanche
16,30	— 18,30	—	Jogos na praia
18,30	— 19	—	Descanso
19	— 20	—	Jantar
20	— 20,55	—	Passeio
20,55	— 21	—	Repouso

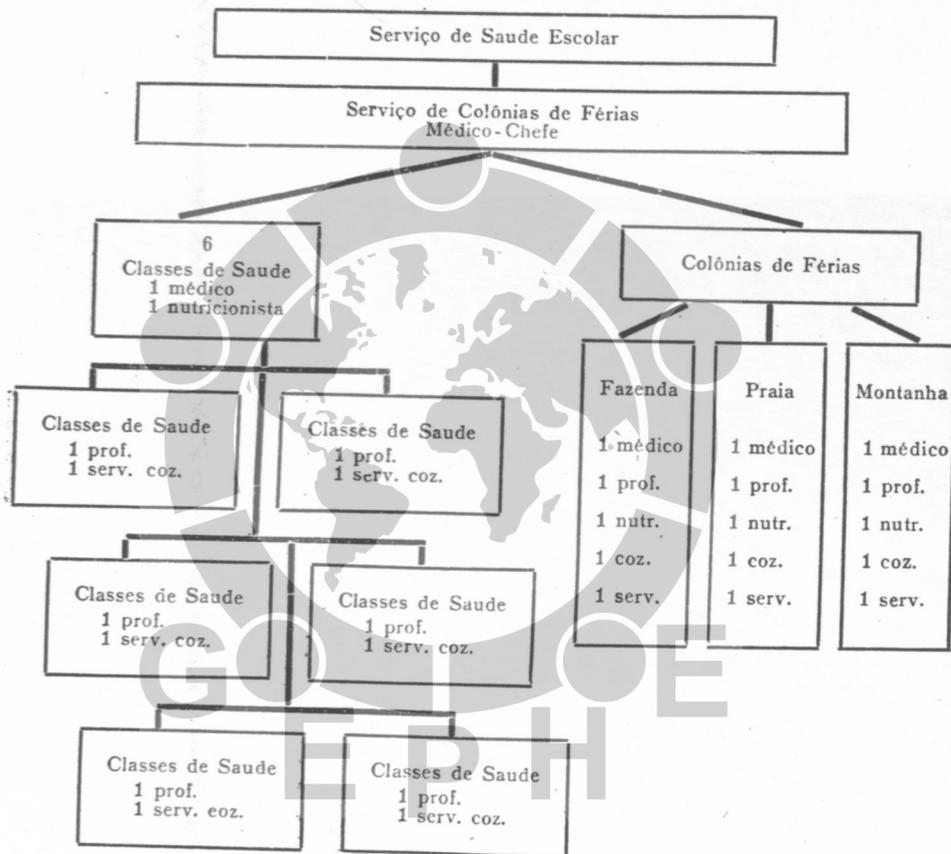
Este regime seria alternado com excursões pelos arredores.

Pessoal — Em cada Colônia de Férias, haveria o seguinte pessoal: uma professora, de preferência educadora sanitária, encarregada da direção da Colônia e uma nutricionista que se encarregaria da alimentação dos escolares. Precisaríamos, também, haver um médico encarregado da vigilância médica da colônia. Além desses funcionários seriam necessárias uma servente e uma cozinheira.

SERVIÇO DE COLÔNIAS DE FÉRIAS

A orientação e direção de todo este aparelhamento seriam organizadas como dependência dos Serviços de Saúde Escolar, tendo o Serviço de Colônias de Férias à sua frente um chefe médico encarregado de toda a organização.

O esquema do serviço seria:



CONCLUSÕES

- 1 — As Classes de Saúde e Colônias de Férias constituem ótimo aparelhamento para a restauração dos debses escolares.
- 2 — As Classes de Saúde e Colônias de Férias devem fazer parte integrante dos Serviços de Saúde Escolar.

BASES CIENTÍFICAS PARA A RESTAURAÇÃO BIOLÓGICA DOS DEBEIS FÍSICOS

COLÔNIAS DE FÉRIAS; ESCOLAS AO AR LIVRE;
PLAYGROUNDS E JOGOS INFANTIS

DR. SEBASTIÃO PINTO

Prof. de Biologia Educacional — Botucatu

Para tonificar os organismos infantis, promovendo a restauração biológica dos debeis físicos, presas faceis de terríveis males, contamos com armas de real valia: as escolas ao ar livre, as colônias de férias, os *playgrounds* e os jogos infantis. Essas instituições, devidamente aparelhadas, exercem ação defensiva das crianças, que, nas idades escolar e pre-escolar, são frequentemente ameaçadas pelas infecções, entre as quais a tuberculose figura em primeira plana, nas suas manifestações hilares, ganglionares, articulares e ósseas, latentes ou larvadas.

Na Europa e na América, colônias de férias e escolas ao ar livre, *playgrounds* e jogos infantis, de há muito que foram categorizados como instituições preventivas de alto valor. Na Argentina, no Uruguai e no Rio de Janeiro, para aplicação proveitosa desses elementos de preservação, trabalhos foram realizados, no sentido de discriminarem as indicações e campos de ação desses estabelecimentos, criticando o funcionamento e mostrando as falhas dessa organização defensiva. No Brasil, infelizmente, pouco se tem feito no assunto. O pouco que temos é insuficiente para mostrar resultados práticos e representa, apenas, uma série de iniciativas que devem ser acoroçadas em larga amplitude.

COLÔNIAS DE FÉRIAS

No mundo civilizado, está generalizada a idéia do aproveitamento das férias, para estadias nas montanhas, campos e praias, das crianças estioladas nos meios confinados das cidades, para gozo de uma vida livre e sadia. Etienne Burnet, na França, e Celestino Dosi, na Itália, recomendam a estadia sistemática das crianças debeis nas colônias de férias, como profilaxia da tuberculose e outras enfermidades.

Para as colônias devem ser enviadas as crianças fracas, enfezadas e linfáticas. Aquelas que apresentam um "deficit" orgânico qualquer, com o intuito de se lhes restituir o vigor necessário, de restabelecer sua saúde abalada e de reerguer seu poder de resistência, seu coeficiente de defesa natural. Os candidatos às colônias de férias devem ser escolhidos entre os convalescentes, os debilitados pelos estudos ou por hiponutrição, os tarados e predispostos às moléstias constitucionais, os pre-

tuberculosos, os portadores de adenopatias traqueo-brônquicas, evitando-se sempre os contagiantes.

Quanto à localização, as colônias de férias podem ser de montanha, de planície ou de praia. Na escolha do local onde devam ser instaladas, serão levados em conta fatores climáticos, tais como a pureza química do ar, o grau higrométrico da atmosfera, o tempo de insolação, a riqueza em raios ultra-violeta, o campo elétrico, bem como a altitude e a aeração da região.

As colônias de montanha, destinadas às férias de verão, devem ter altitude variavel entre 700 e 1.200 metros, no máximo, porque maiores altitudes exigem um período de aclimação acompanhado de reações congestivas, que podem se tornar perigosas. As colônias de praias, de beira-mar, destinam-se às férias de inverno, porque o nosso litoral, no verão, é muito quente, sujeito a um regime de chuvas e batido por ventos fortíssimos, às vezes. As colônias de planície, menos apreciadas, são tidas e havidas como campos de recreio, para curas de repouso, de ar e sol, coexistindo com as colônias fluviais.

Não se faz indistintamente a triagem dos escolares para a montanha ou para a praia. Como ensina Clemente Ferreira, para se obter bons resultados, convem que se faça a seleção cuidadosa dos alunos, discriminando clínica e radiologicamente, se possível, os que têm de ir para as colônias do litoral, da planície ou da montanha, levando em conta, também, a época do ano, as estações e a duração da permanência da criança na colônia.

As colônias de montanha são reservadas, principalmente, aos neuropatas, linfáticos, predispostos à tuberculose, anêmicos, mal conformados por defeitos de ossificação, os convalescentes, os portadores de adenopatias traqueo-brônquicas e periféricas, em suma, os que tenham necessidade de uma excitação moderada dos seus órgãos respiratórios, circulatórios e digestivos, e de um clima sedativo.

Para as colônias marinhas devem ser encaminhados os escolares afetados de engorgitamentos ganglionares, os portadores de lesões tuberculosas curadas, os antigos tuberculosos ósseos, os anêmicos, não vindo esta colônia aos nervosos e artríticos, sendo mesmo contra-indicada para os portadores de adenopatias traqueo-brônquicas.

Digno de nota é o caso de portadores de adenopatias, que, tolerando mal o clima marítimo, são enviados às colônias de praia. Exacerbam-se seus males nos primeiros dias, mas ao fim de uma quinzena ou uma vintena, esses distúrbios cessam e os doentinhos começam a receber os benefícios desse mesmo clima. Ganham com os efeitos terapêuticos do ambiente. O período de reações constituirá um *prazo de adaptação*, que, para uma estadia de poucas semanas é prejudicial, mas para uma longa permanência, de anos até, não prejudica, como se verifica nos preventórios marítimos onde os adenopáticos passam muito bem.

As vantagens do clima marítimo, constituídas pelas emanações iódicas e cloretadas, reflexões e radiações químicas das superfícies dos mares, pela ventilação, completando os benefícios advindo dos raios ultra-violetas, são indiscutíveis. Nas praias, como nas montanhas ou planícies, a luz solar exerce ação benéfica sobre a cutis, nervos e vasos, ativamente a respiração, a circulação e o metabolismo, beneficiando os tecidos e combatendo os processos mórbidos. Daí o uso intensivo dos banhos de sol, procurando-se para cada criança o ponto *optimum de sensibilidade*.

Como fator de primeira ordem, auxiliar do banho de sol, contamos com o banho de ar. É a exposição do corpo ao ar livre, recebendo o organismo ação excitante sobre a cutis, reativadora da circulação, da respiração e melhoria do metabolismo. O banho de sol, elemento terapêutico de incontestável valor, precisa ser ministrado prudentemente. Para isso preconiza-se o esquema de Rollier, o mesmo que disse: "progressão prudente e individualização rigorosa, constituem a base do meu método, na cura helioterápica". Só assim evitar-se-ão incidentes desagradáveis, queimaduras, epistaxes, congestões, etc.

Durante a permanência da colônia-internato, 4 a 12 semanas, os benefícios dos agentes naturais serão consolidados por um regime de vida em que as atividades físicas, os exercícios e a ginástica, sejam alternados com períodos de repouso. A alimentação sóbria, abundante e sadia, e a balneoterapia, completarão os meios de reconstituição dos organismos debilitados. Repousando, desintoxicando-se, o "colôno" apresenta melhoras apreciáveis, tanto sob o ponto de vista físico, como intelectual. Há um desenvolvimento somático e mental, traduzido por boas cores, aparência sadia, disposição para o trabalho, vigor, aumento de estatura, peso e perímetro torácico, bom humor, espírito de camaradagem e facilidade de assimilação dos ensinamentos.

Há notáveis reações fisiológicas nos organismos debeds que se restauram. Estimulam-se as funções respiratórias, circulatórias, digestivas e nervosas. O metabolismo é ativado. Há hiperglobulia e hiperhemoglobina. A criança emotiva, agitada, neuropática, torna-se outra, calma, sossegada e bem disposta. Os climas de altitude e marítimos, quando bem indicados, realizam curas magníficas, quase que milagres.

As colônias de férias, na expressão de B. Vieira de Mello, "são obras de preservação social, cujo capital despendido na sua execução, por maior que possa parecer, representa juros altamente compensadores para a sociedade, restituindo-lhe homens válidos, produtores e reprodutores de uma geração mais forte, em vez de inválidos, procreadores de uma raça dia a dia baixando na escala humana."

ESCOLAS AO AR LIVRE

São escolas para debeds. São escolas florestais. São escolas nos parques e jardins. Funcionam ao ar livre. Representam colônias escolares permanentes, no conceito do higienista belga Enschedé. O fim destes estabelecimentos é fortificar, robustecer e normalizar as crianças debeds, franzinas, linfáticas e pre-tuberculosas. Clemente Ferreira ensina que estas escolas são destinadas "às crianças intoxicadas pelo virus tuberculoso e afetadas mesmo de tuberculose latente, oculta, silenciosa, ganglionar, muitas vezes só revelável pela prova radiológica-tuberculino-cutânea."

Para atender essa finalidade, sem retardar a educação intelectual da criança, esta é a escola ideal, onde o aluno recebe instrução, sol, ar em abundância, alimentação sadia e adequada, liberdade de movimentos, ginástica educativa, alternando tudo com períodos de repouso.

Na sua organização, as escolas ao ar livre variam, de acordo com a situação geográfica e condições climatéricas das regiões, gerando-se dess'arte os tipos alemão, francês e italiano. As escolas do tipo italiano, funcionando em jardins, terraços, galpões, onde as crianças fazem sua

aprendizagem, são as que melhor se adaptam às nossas condições mesológicas. Com instalações complementares, para repouso e refeições dos alunos, e um horário especial, podemos ter o tipo brasileiro.

No regime da escola, os principais pontos a serem observados são: o trabalho escolar, o repouso, a educação física e a alimentação.

Os alunos destes estabelecimentos obedecerão a um horário especial diferente do organizado para as escolas comuns. O dia escolar será dividido em dois períodos, de duas horas cada um. Em cada período serão dadas três aulas de trinta minutos, com um intervalo de quinze minutos entre as duas primeiras aulas. Nas primeiras aulas serão ministrados ensinamentos das matérias ditas pesadas (cálculo, leitura, linguagem escrita, etc.), reservando-se as últimas aulas para as matérias que não demandam muito esforço, atenção contínua e raciocínio prolongado (desenho, história, trabalhos manuais e música).

Com referência à alimentação, três refeições devem ser servidas. A primeira — pequeno almoço — às 8 horas, quando os escolares ingressarem na escola. Constará de café, leite, pão e manteiga, bolos, aveias, etc. A segunda — às 12 horas — é o almoço, consistindo o cardápio em sopa, caldos, feijão, arroz, pão, carne, frutas, doces etc. A terceira, merenda, às 16 horas, antes do regresso aos lares.

Após as refeições, todos repousarão. Depois do almoço o repouso será feito nas esprigüadeiras, durante uma hora para as meninas e uma hora e meia para os meninos. Estes dispõem mais energias em suas atividades, pelo que necessitam de maior repouso. Os intervalos de recreio entre as aulas ou fora delas, serão preenchidos com recreações, jogos, desportos e ginástica educativa. A cultura física deve ser praticada racionalmente, sendo mais usados os métodos franceses, que devem ser ministrados por pessoas competentes.

Com esse regime, com essa orientação, atinge-se a finalidade visada e consubstanciada na triade higiênico-pedagógica de GRANCHER — “dupla ração de ar, dupla ração de alimentos e meia ração de trabalho”.

PLAYGROUNDS E JOGOS INFANTIS

Os *playgrounds*, campos de recreio ou parques infantís, cooperam satisfatoriamente na restauração biológica dos debeis físicos. Acompanhando os trabalhos do Parque Infantil “Pedro II”, desta Capital, observando a vida da infância nos *playgrounds* de várias cidades, comparando com o que vimos no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (em Vicente Lopez), podemos afirmar que são organizações uteis para o robustecimento dos debeis físicos. A educação física, as práticas do asseio corporal, o reforço da alimentação, a assistência médica e dentária e educação higiênica, que integram o seu programa de ação, contribuem poderosamente para melhorar as condições orgânicas das crianças debilitadas. E quando estas crianças provêm dos bairros operarios, moradores em cortiços sem ar nem luz, sub-alimentadas, vivendo numa promiscuidade lamentavel, desconhecendo os mais mezinhos rudimentos de higiene, os parques infantís preenchem cabalmente sua finalidade: educam o espírito e preservam o corpo.

Não só as crianças proletárias se beneficiam com os parques infantís. Mesmo aquelas oriundas de lares abastados, mas que vivem nos apartamentos (cortiços de luxo), entre quatro paredes, falta de ar livre

e de espaço para se movimentarem, estiolando-se numa quietude altamente nociva, também se refazem naqueles oásis de ar livre. Quantas vezes temos visto crianças febris, pálidas, desnutridas, candidatas obrigatórias de todas as infecções, se restabelecerem cabalmente, com esta medida: vida ao ar livre. Quando essa vida ao ar livre é acompanhada das outras medidas complementares que se executam nos parques infantís, o resultado é certo e rápido. É a restauração do organismo combatido.

Para que o parque ou *playground*, preencha sua finalidade, deve satisfazer alguns requisitos, tais como: ser localizado numa grande área ajardinada, num parque bem arborizado, longe da promiscuidade das ruas; possuir instalações e abrigos para os dias de mau tempo; fornecer rações alimentares adequadas às condições personalíssimas das crianças; contar com a assistência de médico e educadora sanitária; ser dotado de aparelhagem para educação física, como piscina, solário, campos para jogos, etc.

Os jogos infantís devem ser preconizados para as crianças, pois promovem o desenvolvimento harmônico do corpo, sem os perigos dos excessos tão comuns nas partidas esportivas e ginástica de aparelhos. Os jogos infantís têm a sua melhor aplicação, para os pre-escolares, devendo ser ministrados por professores especializados, como os diplomados pela Escola Superior de Educação Física.

Com esses requisitos, *playgrounds* e jogos infantís produzem o que deles se espera, em prol das crianças fracas.

CONCLUSÕES

Considerando todo o exposto, podemos concluir:

1.º — Que as colônias de férias, escolas ao ar livre, *playgrounds* e jogos infantís, são ótimos elementos para a restauração dos debses físicos, desde que obedeçam na sua localização e funcionamento a certos preceitos básicos;

2.º — Que essa restauração só poderá ser processada, se assentada sobre bases tais como a vida ao ar livre, alimentação adequada, educação física racional, trabalho e repouso perfeitamente delimitados na extensão e duração, educação higiênica, assistência médica e dentária, etc.;

3.º — Que a triagem das crianças debilitadas para as colônias de férias, a matrícula nas escolas ao ar livre e a frequência aos parques infantís obedeçam a uma precisa indicação médico-higiênica-pedagógica;

4.º — Que a permanência dos debses físicos nessas obras de preservação seja prolongada até que os resultados sejam satisfatórios, a juízo das autoridades médico-escolares ou dos clínicos interessados.

PLANO PARA INSTALAÇÃO DE COLÔNIAS ESCOLARES

PROF. JOSÉ CLOZEL

Delegado Regional do Ensino — Araraquara

É princípio muito conhecido, na era presente, que a educação da infância, para apoiar-se em bases científicas, deve dar a mais alta importância ao estudo da própria criança.

E, por isso, filósofos, cientistas, médicos e higienistas que se dedicam ao assunto, cada qual na sua especialidade, têm proporcionado ao mundo conhecimentos valiosíssimos, que comprovam exuberantemente a necessidade de melhor e mais carinhosamente se proteger a saúde da criança e de se lhe dar educação mais acertada, da qual depende o futuro da Humanidade.

Em consequência, as novas conquistas pedagógicas determinaram profundas alterações teóricas e práticas nos métodos de ensino. A higiene tem procurado preservar a saúde do escolar, indicando medidas preventivas contra moléstias e hábitos perniciosos de fácil aquisição na escola. A medicina tem-se empenhado em restaurar a saúde de milhares e milhares de crianças atingidas por males vários.

No entanto, a despeito do esforço titânico despendido pelos estudiosos, os conselhos resultantes das mais valiosas conquistas científicas não beneficiam a esmagadora maioria das crianças em idade escolar, disseminadas pelo nosso "hinterland".

São poucos, aliás, os países que têm a felicidade de prestar assistência integral ao seu tenro capital humano que desabrocha para renovação da sociedade. Nos mais novos ou mais pobres, o fator econômico é sempre responsabilizado pelo descuido desse problema de tão alta significação para um povo.

No terreno higiênico-pedagógico, embora vagarosamente, nós trilhamos a senda com vontade de alcançar o desejado ideal. Os programas e métodos de ensino, os prédios escolares com requisitos especiais, o mobiliário adequado, as bibliotecas infantis, os parques, a sopa escolar, o copo de leite, o lanche, o gabinete dentário e, na Capital, o médico escolar, testemunham o grau de compreensão que temos de tão relevante problema.

Força é confessar, entretanto, que, pelo menos em extensão, a parte realizada é ainda demasiado insignificante, comparadamente ao vulto do que está à nossa vista para ser resolvido.

Com efeito, não bastam escolas em relativa profusão, não basta a escola bonita e asseada, nem basta o professor competente e dedicado, quando os bancos se enchem de crianças sub-alimentadas, deveis, anêmicas, descalcificadas ou escrofulosas.

É bem verdade que as caixas escolares, há muitos anos difundidas por todas as cidades do Estado de S. Paulo, vêm preenchendo brilhantemente a sua finalidade como instituição auxiliar da escola, pois aos necessitados fornecem material didático, roupa, medicamentos e, nos filhos dos lares mais pobres, um lanche ou um prato de sopa ou um copo de leite.

Índice de nítida compreensão do que seja solidariedade humana, ainda assim alimento fornecido pela caixa escolar não consegue suprir suficientemente as necessidades da criança sub-nutrida, pois é precisamente nas férias, quando deixa de funcionar essa obra de auxílio, que a criança, dispendendo maiores energias físicas nos brinquedos, mais precisaria de alimentação adequada e abundante.

As colônias de férias, hoje tão espalhadas em vários países europeus e americanos, poderiam resolver em boa parte esse problema.

Como fazê-lo, porém, em nossas condições atuais, sem o aparelhamento necessário?

Nos anos de 1937 e 1938 houve uma ousada tentativa por parte dos então dirigentes do escotismo, e os prédios dos grupos escolares de S. Vicente, de Santos e de Serra Negra converteram-se em hospedarias de cetenas e centenas de meninos residentes nos mais afastados pontos do Estado. E a despeito de toda a falta de comodidade de tais abrigos, foi visível o aproveitamento dos meninos durante os períodos em que lá estiveram.

O Departamento do Ensino Profissional tem proporcionado colônias de férias, com regularidade, aos alunos de seus institutos.

Posteriormente coube ao Departamento de Educação Física instalar, em Santos, a colônia de férias "Dr. Alvaro Guião".

Não obstante sua indiscutível utilidade, esse movimento ainda não pôde alcançar a extensão desejada, por várias causas importantes, destacando-se, dentre elas, a falta de prédios adequados a essa finalidade.

Importa, porém, não capitular ante a dificuldade presente. Ao contrário, convém, a necessidade o diz, enfrentar o problema com animo varonil, para resolvê-lo dentro das nossas atuais possibilidades econômicas.

Não pugnamos pelas soluções provisórias, nem mesmo com elas concordamos, pois que as obras feitas com este caráter resultam em desíperdícios de dinheiro. Mas também, não nos abalancaríamos a idealizar um plano relativamente dispendioso, em quadra financeira de exceção, como o atual, tendo por objetivo único proporcionar aos nossos escolares uma curta permanência em colônias de férias deixando sem utilidade as instalações durante o período escolar.

Pelo contrário, nosso plano visa precisamente a instalação de colônias permanentes, pois nossas escolas estão cheias de crianças fisicamente debéis, raquíticas, anêmicas, escrofulosas, descalcificadas, que merecem os maiores cuidados, se quisermos evitar que o Brasil se transforme, de fato, em vasto hospital.

Tem a Nação, em seu próprio benefício, o dever de promover, por todos os meios habeis, a melhoria das condições físicas de sua infância, porque ela, mais que tudo, representa seu futuro capital humano, com o qual se apresentará, forte ou incapaz, no concerto das demais nações. Outra cousa não visa o artigo 127 da Constituição Brasileira.

Urge, então, se construam, na praia e na montanha, prédios amplos para colônias escolares permanentes, nos quais se abriguem temporaria-

mente milhares de crianças que, por falta de recursos, crescem com a saúde comprometida.

A parte econômica não nos deve atemorizar, porque todo sacrificio feito nesse sentido será recompensado com juros incalculáveis. Cada unidade do país, com a ajuda do povo e do Governo Central, pode e deve lançar-se resolutamente nesse empreendimento.

No Estado de São Paulo, afigura-se relativamente facil, em 5 anos, a construção de 4 ou 5 prédios para colônias escolares, tão somente às expensas das Caixas Escolares e das Prefeituras Municipais.

Senão vejamos:

Uma propaganda prévia, intensa e bem feita, poria o povo a par das altas finalidades do projeto e, a seguir far-se-ia cumprir o dispositivo constitucional que ordena a contribuição para a Caixa Escolar.

Em 1938, as 7.436 classes dos nossos grupos escolares obtiveram a matricula efetiva de, aproximadamente, 260.000 alunos. Calculando-se, por baixo, que apenas um terço dos matriculados (86.600) contribuisse obrigatoriamente com um mil réis mensalmente para a Caixa Escolar, teriamos cada mês a renda de 86:600\$000, ou sejam 866:000\$000 durante os dez meses de cada ano letivo.

Em 1940 as Prefeituras Municipais dispenderam com a instrução pública, cerca de 10.250:000\$000, distribuidos entre o ensino primário, ensino secundário, ensino normal, ensino particular e locação de prédios para escolas. E para o corrente ano, segundo os orçamentos publicados no Diário Oficial, as referidas despesas montarão a 11.700:000\$00.

Ora, se as Prefeituras reservassem 4% desta verba, para execução do plano proposto, teriamos em cada exercício mais ou menos 468:000\$000 que, somados, à contribuição acima referida, das caixas escolares, perfariam o bellissimo total anual de 1.334:000\$000.

Significa isto que, mesmo sem o auxílio econômico do Estado e da União, poderíamos construir em 5 anos, à beira-mar e na região serrana, alguns prédios para colônias escolares. Em São Vicente localizaria-se a colônia destinada aos escolares das zonas "sorocabana" e "noroeste". Em Santos ficaria a colônia para as zonas "paulista" e "mogiana". Ambas deveriam ter a lotação mínima para 600 internos. Nas praias de Caraguatatuba ou, preferencialmente, de São Sebastião, construir-se-ia outro prédio menor para a zona chamada "norte".

Campos do Jordão, Serra Negra, Bragança, Prata, São Roque, Rubião Junior, e mesmo Poços de Caldas, poderiam ser escolhidas para colônias de altitude ou de meia altitude.

Desnecessário se torna dizer que em tais "colônias" não poderiam faltar as dependências mais necessárias, como: dormitórios, refeitórios, enfermarias, ambulatórios médicos, gabinetes dentários, salas de aula, ginásio, biblioteca, sala de projeções e representações, oficina-recreio, parques, piscinas, etc.

Escolhidas as crianças pobres mais necessitadas de cura climatérica, seriam elas encaminhadas para esta ou aquela colônia, conforme exigisse o estado de saúde de cada uma.

Funcionariam as colônias escolares em dois períodos distintos: de fevereiro a 31 de maio para a primeira turma e de julho a 30 de novembro para a segunda. E para que não sofressem as crianças interrupção demasiado prolongada nos estudos, professores escolhidos entre os mais capazes encarregar-se-iam de ministrar aulas das principais disciplinas do curriculum escolar, dentro de horário adequado.

Estas instituições, é obvio, seriam destinadas especialmente aos escolares pobres. Nada impediria, no entanto, a aceitação, mediante pagamento de pensão, de crianças cujos pais, embora de condições económicas relativamente folgadas, não lhes pudesse fazer companhia em estação climatérica, balneária ou hidro-mineral.

Na maioria dos casos acontece mesmo que o progenitor não pode abandonar a profissão nem a mãe os encargos da casa.

A finalidade da "colônia", com isto, não estaria comprometida, de vez que seu objetivo principal é o amparo à criança de saúde precária.

É bem de ver que nas colônias escolares não haveria lugar para as crianças portadoras de doença contagiosa, pois para estas o caminho indicado é o do preventório ou do sanatório.

Durante as férias de verão e de inverno, as "colônias escolares", livres de seus pensionistas e com a lotação duplicada em virtude da não utilização temporária de várias dependências, transformar-se-iam em "colônias de férias", para turmas de escoteiros e pelotões convenientemente organizados da "Juventude Brasileira".

Posteriormente, tal fosse o desenvolvimento imprimido a estas instituições, o seu benefício poderia estender-se ao magistério, proporcionando breve mas compensador repouso a professores que tivessem necessidade de refazer as energias dispendidas no exercício do cargo.

Eis em traços gerais as linhas mestras de um plano que, se se realizar, marcará época nos anais da história brasileira pelos benefícios e indiscutíveis resultados que proporcionará à infância de nossa terra.

Bastará que o governo do Estado entregue não só a campanha preparatória, como também a execução integral do plano a uma comissão de homens operosos, abnegados e honestos, e teremos resolvido o maior problema médico-escolar de nossos dias.

Para cada Estado do Brasil deverá ser estudado o meio mais fácil de se levar a cabo esse empreendimento, mas no de São Paulo, de vez que a maior contribuição caberá às caixas escolares, convem a direção total ser entregue a um conselho regularmente constituído, que, livre das peias da burocracia, poderá agir livremente.

CONCLUSÕES

1 — O Governo do Estado organizará uma comissão encarregada de promover a instalação de colônias escolares, de orientá-las e dirigí-las.

2 — A referida comissão organizar-se-á em Conselho Diretor de Colônias de Férias.

3 — Os meios pecuniários serão fornecidos pelas Caixas Escolares e Prefeituras Municipais. Estas reservarão, para esse fim, quatro por cento da verba destinada à instrução pública.

4 — As colônias funcionarão em caráter permanente durante o ano letivo, como "colônias escolares" e nos períodos de férias terão o caráter de simples "colônias de férias".

5 — As primeiras e principais colônias deverão ser instaladas à beira-mar.

6 — As "colônias" poderão reservar determinada porcentagem de lugares para pensionistas.

7 — Quando possível, as colônias poderão reservar certa porcentagem de lugares para professores cuja saúde exija repouso em estação climatérica.

Subsídios

VERBA ORÇAMENTÁRIA, DAS PREFEITURAS, PARA INSTRUÇÃO PÚBLICA,

Em 1940:

Esino primário	6.226:893\$360
Ensino secundário	1.886:909\$400
Ensino normal	991:838\$000
Ensino particular	473:457\$000
Locação de prédios	680:414\$000
Total	10.259:511\$760

Em 1941:

Ensino primário	5.136:320\$000
Ensino secundário	1.357:312\$600
Ensino profissional	359:560\$000
Ensino normal	766:280\$000
Auxílios às instituições educativas	2.398:984\$900
Materiais e moveis	597:114\$000
Locação de prédios	169:030\$000
Inspeção	132:045\$000
Condução	10:890\$000
Construção	591:685\$000
Biblioteca	41:000\$000
Luz, água e diversos	124:255\$000
Total	11.694:478\$500

Movimento das Caixas Escolares

Em 1938:

Saldo anterior	661:790\$119
Arrecadação	787:508\$555
Despesas	695:764\$478
Saldo para 1939	753:534\$146

Em 1939:

Saldo anterior	753:435\$146
Arrecadação	1.042:208\$447
Despesas	905:078\$283
Saldo para 1940	890:664\$310

1939 — N.º de classes em grupos escolares	7.844
1938 — N.º de classes em grupos escolares	7.436

diferença para mais 408.

1938 — Matrícula	260.000
1939 — Matrícula	280.000

$$280.000 \div 3 = 93.300 \text{ alunos}$$

$$93:300\$000 \times 10 = 933:000\$000 \text{ por ano.}$$

CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Artigo 127 — A infância e a juventude devem ser objeto de cuidados e garantias especiais por parte do Estado, que tomará todas as medidas destinadas a assegurar-lhes condições físicas e morais de vida sã e de harmonioso desenvolvimento das suas faculdades.

O abandono moral, intelectual ou físico da infância e da juventude importará falta grave dos responsáveis por sua guarda e educação, e creia ao Estado o dever de provê-las de conforto e dos cuidados indispensáveis à sua preservação física e moral.

Aos pais miseráveis assiste o direito de invocar o auxílio e proteção do Estado para a subsistência e educação da sua prole.

AS COLÔNIAS DE FÉRIAS NO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Título 6.º Da assistência ao escolar.

“Artigo 483. Os poderes públicos assegurarão aos alunos necessitados o repouso dos trabalhos escolares em instituições destinadas a esse fim, ou em locais apropriados.

Artigo 484. Para repouso dos trabalhos escolares de alunos necessitados, instituirão os poderes públicos COLÔNIAS DE FÉRIAS.

§ 1.º — Os alunos necessitados e de preferência entre eles os enfraquecidos, a juízo de inspeção médica, serão enviados, por turmas, às Colônias de Férias, no período de interrupção dos trabalhos escolares.

§ 2.º — As Colônias de Férias serão instituídas para os alunos dos cursos primários, secundários e profissionais.

A EDUCAÇÃO HIGIÊNICA NOS PARQUES INFANTIS DE SÃO PAULO

NOÊMIA IPPÓLITO

Educadora Sanitária

A educação higiênica nos Parques Infantis de São Paulo visa alcançar, juntamente com a recreação e assistência médica, a educação integral da criança, respeitando, paralelamente, a unidade do fenômeno educativo, em seus vários aspectos. Tal finalidade encontra em sua realização numerosas e complexas dificuldades. São porem de emérito educador patricio estas palavras: "a educação pelo seu processo, não resolve problemas sem fazer, imediatamente, nascer outros, por vezes, mais intrincados e complexos". (Anísio Teixeira — "Educação para a democracia" — Rio de Janeiro — 1936 — pg. 49).

Recebendo crianças de três a doze anos, os Parques Infantis cooperam na tarefa geral de proteção à infância encarada em seu principal sentido — o higiênico, isto é, preventivo dos futuros males. Disso decorre grande responsabilidade para o educador, tal seja a de conhecer toda a vida presente e passada da criança, afim de dar aos problemas, tratamento e soluções "educativas".

Os Parques Infantis não visam, unicamente, ministrar educação física, no sentido restrito e usual; os que assim pensam, esquecem-se "das modernas teorias hoje aceitas pelas nações mais avançadas de que a educação física envolve e subentende assistência médica, controle de saúde, clínicas de nutrição, educação higiênica, regimes dietéticos, serviço social e pesquisas científicas relativas do educando, sua família e suas condições mesológicas. De pouco ou nada vale o mais sério trabalho de educação física, se um cuidado especial não for dispensado à saúde individual e moral do educando, objetivo fundamental daquela ciência". (Nicanor Miranda — Parques Infantis — in Revista de Educação — vol. XXVIII — São Paulo — 1940). Wood nos aponta uma estreita correlação entre a educação física e higiênica — *a psicologia da ação* —, em virtude da qual o sucesso da criança nos jogos e outras atividades recreativas está condicionada à fiel observância dos preceitos pertinentes de higiene. (A Educação da Saúde — pg. 76 — Programa para Escolas Primárias e Normais, preparado sob a direção do Dr. Thomaz Wood — Trad. autoriz. S. San. Rural — Rio de Janeiro — n.º 16 — 1927).

Com relação a essas atividades, a experiência nos Parques Infantis de São Paulo, salienta aspectos locais importantíssimos que vêm sendo atendidos: 1.º — preceitos higiênicos indispensáveis em sua execução; 2.º — benefícios higiênicos decorrentes de sua prática bem orientada;

educação higiênica relativa a prevenção de acidentes; 4.º — especialização de funcionários em ginástica ortopédica.

Com relação a atividades manuais (trabalhos de agulha, modelagem, carpintaria, desenho, etc.) e biblioteca, observam-se, principalmente, os seguintes preceitos higiênicos: 1.º — tempo de ocupação e intercalação entre atividades de movimento; 2.º — atitude da criança sentada ou de pé; 3.º — iluminação e arejamento do local; 4.º — asseio das mãos.

Essas atividades, a música, os corais, os bailados, os festivais, as excursões, etc. e as peculiarmente higiênicas, executadas com a maior naturalidade, diariamente vividas pelas crianças, possibilitam-lhes natural e ampla expressão, apontando os traços da personalidade cujo desenvolvimento deve ser preferido; ao mesmo tempo, facultam o exercício de qualidades positivas; revelam-se e desenvolvem-se verdadeiras tendências artísticas que, quase certamente, permaneceriam latentes no acanhamento do ambiente familiar. Desenvolvidas no meio da maior camaradagem e alegria, mantidas as crianças de ambos os sexos em natural companhia, sem constrangimentos extemporâneos, debaixo unicamente da disciplina natural, isto é, obtida através da aplicação em atividades organizadas e interessantes, em situações que lhes facilitem a prática de bons atos e impeçam a de maus, eis como se procura garantir-lhes a integridade da personalidade. As crianças desajustadas, após estudo cuidadoso de sua vida (em visitas domiciliares), são encaminhadas ao Serviço de Higiene Mental, onde, mais minuciosamente, são pesquisadas e estudadas as causas do desajustamento, pelo qual as crianças, geralmente, são as menores responsáveis.

A prática da educação física, nos Parques Infantis, não se limita a proporcionar o desenvolvimento de músculos e de campeões, visa "dotar o indivíduo da eficiência pessoal e social, tornando-o um ser útil e valioso para a sua função na vida da comunidade". (Nicanor Miranda — Parques Infantis — pg. 11). Tal definição implica o encarecimento do valor da edificação da saúde nos Parques Infantis, pois resume o conceito mais moderno de saúde.

As más condições de saúde acusadas nos exames de sanidade pelas crianças dos Parques Infantis de São Paulo, são eloquentíssimos atestados das falhas da educação higiênica que atuam sobre sua vida, antes mesmo do nascimento. Atendendo-se a tal fato e às condições sociais e econômicas das famílias pertencentes, em geral, à classe operária e obedecendo ao moderno conceito de educação física, dispensa-se às crianças nos Parques Infantis e instituições especializadas, assistência médica tão completa quanto possível.

Lembrando sempre que, nos Parques Infantis, *o melhor meio de educar higienicamente a criança, é fazê-la, tão somente viver com higiene*, a educadora sanitária procura também educar crianças e pais durante: o fichamento feito em presença dos pais; a ministração de tratamentos e instruções individuais, orais ou impressas; as palestras, em reuniões de pais; o encaminhamento a clínicas especializadas e consequentes providências; a vigilância sanitária; a filmagem de assuntos higiênicos; as mensurações de dados biológicos; os inquéritos; os entendimentos com a escola e outras instituições; as visitas em domicílio, etc., tudo preso à saúde da criança.

Durante o ano de 1940, nos Parques Infantis, ministraram-se 12.172 instruções, atenderam-se 4.339 pais, distribuíram-se 894 folhetos e impressos e realizaram-se 246 preleções sobre assuntos higiênicos.

Usando todas as situações possíveis no Parque, molda a "consciência sanitária" da criança com ideais positivos de saúde, que a levem a não se contentar com a simples ausência de defeitos visíveis e de sintomas de doenças, mas a querer alcançar as possibilidades mais elevadas, físicas, mentais e espirituais.

Explicando às crianças, no momento oportuno, os motivos: dos vários tratamentos, do asseio individual, do uso individual de copo e objetos de higiene pessoal, do uso somente de água pura, da ingestão de alimentos são e bem lavados, da remoção diária do lixo, do uso de tampas em depósitos de lixo, etc., garantem-se-lhes vivas e interessantes lições de higiene, dadas no momento em que para tais assuntos foi despertada sua natural curiosidade e em resposta a esta.

O uso diário de banhos de chuveiro nos Parques Infantis visa, principalmente: 1 — suprir a falta de instalação em casa; 2 — substituir, em parte, a fiscalização do asseio e evitar vexames aos que não têm meios em casa; 3 — facilitar a aquisição dos hábitos de asseio e higiene geral; 4 — combater moléstias de grande incidência no ambiente parqueano (escabiose, pediculose, impetigo, etc.); realizar uma fase complementar da recreação. Na execução do banho e medidas ligadas ao asseio pessoal, recomenda-se: 1.º — não chamar demasiado a atenção das crianças sobre as moléstias, o que pode redundar em medo exagerado e desenvolver temperamentos mórbidos; 2.º — chamar a atenção para o banho, principalmente como complemento dos jogos de recreação diariamente executados nos Parques Infantis; 3.º — aproveitar o natural desejo de agradar, de ser elogiada pelo seu aspecto aseado e bonito comumente manifestado pela criança, tendo porem o cuidado de evitar mentiras, vaidades e ciúmes inoportunos e prejudiciais; 4.º — praticar as revistas de asseio, sem prévio aviso; 5.º — dar especial atenção à exigência de condições materiais e psicológicas e à observância estrita dos passos exigidos, o que já foi detalhadamente relatado em palestra de outra educadora do serviço as quais são condições garantidoras do êxito dessa tarefa.

Durante o ano de 1940 houve nos Parques Infantis 133.775 banhos de chuveiro.

A assistência alimentar nos Parques Infantis visa: a) evitar que a criança, em época de crescimento e necessidade orgânica, sofra um "deficit" alimentar, para o qual poderá concorrer a vida essencialmente ativa dos Parques; b) cooperar no combate às causas da desnutrição; c) fazer a criança adquirir bons hábitos higiênicos-dietéticos e sociais.

No ano de 1940 foram distribuídas 186.457 merendas.

Visando o estudo das condições locais e a obtenção de diretrizes para a solução do problema, um inquérito foi iniciado, fornecendo já uma boa mostra dos possíveis resultados: unilateralidade da alimentação habitual da maioria dos parqueanos, com deficiências sensíveis quanto ao teor energético, vitamínico, etc..

Em torno da merenda, extenso programa, abrangendo vários sectores da educação, vem sendo desenvolvido nos Parques Infantis. Para isso, grande é a contribuição trazida pelo seu ambiente alegre e saudável. A título ilustrativo apresentamos um total de 112.524 escovações de dentes, executadas durante o ano de 1940, logo após a merenda.

Não obstante sua trivialidade, os atos higiênicos executados nos Parques Infantis são preciosos para o educador. Nossa primeira tarefa na vida é viver. "O homem começa com atos não com pensamentos. A

todo instante aparecem necessidades que devem ser imediatamente satisfeitas" ("Folkways" e "Mores" Leituras de Sociologia e Antropologia Social organiz. pelo Dr. Doanld Pierson — Adatação de William Graham Sumner, *Folkways*, (Boston, Ginn and Company, 1906). Desde que nascemos e durante algum tempo executamos uma série sempre crescente de atos, quase todos automaticamente, por se terem tornado habituais. O critério adotado na seleção foi, geralmente, o do prazer e dor experimentados na execução, vencendo os que causavam prazer. Cabe, pois, ao educador a escolha dos atos que apresentam interesse em se tornarem habituais. Deve ele, porem, contentar-se, a princípio, principalmente com sua realização e saber esperar a época oportuna para sua compreensão. Deve não esquecer que as palestras ou ensinamentos orais nunca devem preceder o ato e que, apenas, produzem resultados bons, quando executados no momento oportuno, isto é, quando o espírito das crianças e até dos próprios pais se acham preparados para ouvi-las.

Em educação, um dos grandes valores do Parque Infantil é receber, também, crianças pre-escolares, cuja idade é importantíssima para a formação de hábitos. A participação da criança em todas as atividades ligadas à higiene dos Parques Infantis e a realização de vários atos de higiene pessoal, diariamente, sem quebra no ritmo (lei do exercício), é um primeiro passo para a formação de hábitos. Todas as atividades executadas nos Parques Infantis desenvolveram-se sob um aspecto essencialmente lúdico, em obediência a uma de suas finalidades precípuas. Tal aspecto atende a outra lei importante na formação de hábitos — a lei do efeito. "Esta lei enuncia que se o prazer está ligado ao ato é muito mais provavel que se repita, do que se trouxer desprazer". (A Educação da Saude — pg. 117). Através de centros de interesse tirados na vida da criança em casa e no Parque, far-se-lhe-á perceber que é capaz de realizar as atividades interessantes o que aumenta o prazer da execução, garantindo a repetição.

A criança é o eixo em torno do qual giram todas as atividades higiênicas desenvolvidas no Parque Infantil. É também ponto de partida e agente cooperador da ação educativa direta irradiada no lar com o fim de alcançar: 1 — a remoção tanto quanto possivel das deficiências higiênicas; 2 — a modificação da conduta higiênica da família.

A Divisão de Educação e Recreio estuda atualmente a organização de uma Associação de Mães Operárias dos Parques Infantis, em cujos estatutos lugar saliente se reserva à Higiene.

O presente trabalho consiste mais propriamente na apresentação de linhas gerais do que na exposição detalhada do programa de Educação Higiênica nos Parques Infantis. Em sua difícil realização, exigem-se programas flexiveis, oportunos e adaptaveis ao local, postos em mãos de um corpo de funcionários tecnicamente habilitados, que disponham de sólida formação mental e moral e prontos a um sempre crescente aperfeiçoamento.

CONCLUSÕES:

1 — A Educação Higiênica nos Parques Infantis de São Paulo é parte integrante da Educação Física em seu moderno conceito e responde às necessidades vitais da criança.

2 — A ação higiênica dos Parques Infantis não se limita à criança, estende-se à coletividade.

3 — O problema alimentar nos Parques Infantis de São Paulo exige cuidadoso estudo, não só para a sua solução "in loco", como também para a sua contribuição a possíveis estudos sobre a instalação de refeitórios nas fábricas.

4 — A plena realização do programa de Educação Higiênica como parte integrante da Educação Física, exige maior número de Educadoras Sanitárias e Instrutoras e a especialização de algumas em assuntos correlativos.



ALGUNS RESULTADOS DE UMA PESQUISA DE JOGOS INFANTIS (*)

Profes. JUDITH HALLIER e JOVINO GUEDES DE MACEDO
S. Paulo

O Laboratório de Psicologia, quando pertencia ao Instituto de Educação, iniciou uma pesquisa de jogos infantis, usando o método do questionário impresso. As aplicações foram feitas no ano de 1935 e abrangiram mais de 5.000 crianças de ambos os sexos e pertencentes aos 2.ºs, 3.ºs e 4.ºs graus dos grupos escolares da cidade de S. Paulo. Foram aproveitados ao todo, 5.219 indivíduos. Os grupos escolares foram escolhidos de maneira a representar, segundo os elementos de que dispunha o Laboratório, na ocasião, as diversas camadas sociais da população da cidade.

Com a tabulação mecânica das respostas dadas, foram organizadas inúmeras tabelas que se constituem dos vários elementos característicos da população estudada, como idade, nacionalidade e profissão dos pais, articulados com os vários tipos de perguntas feitas às crianças, de maneira a permitir investigações as mais diversas sobre o jogo infantil.

A análise dos itens aproveitados do questionário (pois que alguns não o foram por vários motivos) pode proporcionar respostas às seguintes indagações:

1. a criança brinca?
2. por que?
3. onde brinca mais?
4. qual o tamanho dos companheiros de brinquedo?
5. como se distribue a chefia no brinquedo?
6. há crianças que preferem brincar com gente grande?
7. há crianças que preferem brincar sozinhas?
8. brincam com animais?

Outras indagações, relacionadas com os jogos propriamente ditos, vão proporcionar dados para observações a respeito de:

1. os jogos em que as crianças mais participam;
2. os jogos em que brincam com outras crianças;
3. os jogos em que se empenham quando brincam sozinhas;
4. os jogos de que mais gostam.

(*) Os congressistas profs. Judith Hallier e Jovino Guedes de Macedo, fazem preceder esta tece da seguinte: "Técnica de investigação de jogos infantis". A tese publicada é o resultado de uma pesquisa realizada pelo Laboratório de Psicologia.

Alguns resultados das indagações de números 1, 3 e 6 da primeira parte serão dados aqui e algo também da segunda parte, relativamente aos jogos em que as crianças mais participam.

Pergunta 4 — “Desses jogos ou brinquedos (indagação feita na pergunta 3) qual é o que você brinca mais?”

Entre os jogos que a pergunta n.º 4 revela, tomados individualmente, vamos considerar apenas aqueles com uma frequência superior a mais ou menos 0,5%, incluindo essa limitação aqueles com frequência de 13 preferências tabuladas. Ficam, então, para serem observados 23 jogos para o sexo masculino e 34 para o feminino. Essa limitação é arbitrária e pode ser justificada com a razão de que as frequências menores têm um campo grande de oscilação podendo não ser muito representativas do grupo de atividades lúdicas preferidas (mais brincadas) no conjunto estudado de 5.219 indivíduos. Ficam, então, fora da cogitação, 395 preferências (14,6% do total) para os meninos reunindo 130 jogos (84,9%). Para as meninas são postas de lado 337 preferências (12,4%) por 97 jogos (74,0%).

As meninas abrangem um campo de preferências lúdicas mais largos, com maiores possibilidades de mudanças do que os meninos que se fecham em uma menor área de atividades.

Elizabeth Hurlock, sumariando as investigações experimentais relativas ao brinquedo da meninice (entre 6 e 12 ou 13 anos) (1) cita os trabalhos de Mac Ghee, Z. (A Study in the Play of Some South Carolina Children, Ped. Sem., 1900, 7, 459-478) que Lehman e Witty dizem ter sido sobre 8.500 crianças (pag. 30) e diz ter este (Mac Ghee) salientado o fato de os meninos terem preferências mais definidas de que as meninas, empenhando-se estas em uma grande variedade de atividades lúdicas.

A primeira vista ressalta aos olhos a predominância, para os meninos, de jogos de atividade intensa, exigindo força física e bastante motilidade:

1. bola — 26,6%
2. futebol — 11,8%

aparecendo, para as meninas, o predomínio de jogos de imitação ou de ficção:

1. boneca — 19,2%
2. casinha — 9,4%

Esse mesmo fato já foi notado por Helene Antipoff (2) em Belo Horizonte, estudando respostas de 760 crianças do 4.º grau de escola de ambos os sexos à pergunta: “qual o seu brinquedo preferido?": “O jogo da bola domina soberanamente entre os meninos” — pg. 19. A mesma autora cita nesse trabalho outros experimentos em que se notou a predominância de idênticas atividades lúdicas. Crosswell, em observações em 4.000 crianças de Massachusetts, achou que as idades entre 9 e 13

(1) Hurlock, Elizabeth — “Experimental Investigations of Childhood Play”, Psychological Bulletin, vol. 31, n.º 1, January, 1934, publicado pela The Psychological Review Company, Princeton, N. J. pg. 57.

(2) Antipoff, Helene — Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte, Boletim n.º 6, Secretaria do Interior de Minas Gerais, 1930.

anos são absorvidas, entre os meninos, pelos jogos motores, em grande parte.

Lehman e Witty (3) também, em suas observações dão, no topo de uma lista de brinquedos participados mais por meninas do que meninos o *brincar com boneca* (tabela XVIII — pag. 86) e nos em que os meninos participam mais do que as meninas, o *football* (tabela XVII, pag. 85). (rugby)

Convém notar que Charlotte Buehler achou que o brinquedo de casinha é sempre iniciado pelas meninas. (4)

Agora, continuando o exame dos jogos mais praticados pelos dois sexos, e considerando as atividades envolvidas no desempenho deles, verifica-se em primeiro lugar a predominância para os dois sexos e para o masculino mais intensamente a predominância, dissémos, de jogos motores sobre jogos de ficção ou imaginativos.

Os meninos apresentam para os seguintes jogos: acusado, pegador, bola, papagaio, carrinho, automovel, futebol, bola ao cesto, pião, patim, patinete, bicicleta, pingue-pongue, bolinha e malha, num total de 78,77% ao passo que as meninas, com dispersão bem mais acentuada, apresentam 44,17% de jogos ativos através das seguintes variedades: acusado, pegador, bola, peteca, ratinho, automóvel, balança, cabra-cega, pegador esconde, lenço-atrás, barra-bola, barra-manteiga, bola ao cesto, corda, bicicleta, patinete, pingue-pongue, amarelinha, bola-atrás, roda e pular distância.

O inquérito de Scheffler, em 1913 (citado por Antipoff), nas escolas rurais da Alemanha, feito em mais de 3.000 crianças, mostrou que os jogos motores, a luta e a destreza aumentam regularmente dos 10 aos 14 anos, atingindo 62% das preferências nesta idade.

Assim, pelo fato de as crianças brincarem mais de atividades vigorosas nas idades que a pesquisa alcança, de 8 a 14 anos, conclue-se que essas idades são justamente de maior atividade física, suplantando esses brinquedos os outros menos corporais e mais sedentários. As meninas preferem em 39,34% os jogos de imitação ou ficção como os que se seguem: boneca, aparelhinho, casinha, escola, mobília, comadre, mamãe (casal) e bateria (de cozinha). São jogos em que não deixa de haver atividade física, mas não predominantemente como naqueles do grupo anterior.

Os meninos dedicam aos jogos de ficção uma preferência de 2,51% distribuída pelos seguintes: cow-boy, soldado ladrão e soldadinho de chumbo.

Há, finalmente, dentre os jogos considerados um terceiro grupo solicitando atividades de competição, sagacidade e sorte que são praticamente, preferidos em igualdade de condições pelos dois sexos:

masculino: baralho, damas, dominó e loto — 3,60%
feminino: baralho, ludo, dominó e loto — 3,02%

Lehman e Witty acentuam o fato de os meninos se empenharem com maior frequência em atividades vigorosas e de as meninas levarem vantagem sobre os meninos, na escolha de atividades sedentárias — pag. 91 — observações feitas para crianças de 5 1/2 a 8 1/2 anos, inclusive.

Ainda Lehman e Witt falam das atividades preferidas por meninos de 8 1/2 a 12 1/2 — dizem que a tendência acima reproduzida é a mesma:

(3) Lehman and Witty, "Psychology of Play Activities", etc.

(4) Murchison — "Handbook of Child Psychology".

preferências masculinas: football (rugby), box, luta, uso de pregos e martelo por divertimento, subir em postes — pag. 92.

Observam mais esses autores: “Há uma diferença no modo pelo qual os dois sexos se empenham em certos jogos. Por exemplo: meninos e meninas se empenham em bola ao cesto, indoor baseball (em recinto fechado), etc., mas as meninas parecem empregar menos energia nesses brinquedos. Em geral os autores notam que as meninas tendem a evitar participação ativa em certos jogos que proporcionam diversão extremamente vigorosa para os meninos” — pag. 92.

Na presente pesquisa, dado o fato de que não houve indagação sobre a maneira pela qual são praticados os jogos, somente observações posteriores poderão fornecer elementos para idênticas considerações, principalmente a respeito de brinquedos comuns aos dois sexos como pegador, bola, bola ao cesto, acusado, pingue-pongue, balanço.

A respeito de jogos organizados, Lehman e Witty falam preferirem os meninos em maior quantidade, principalmente aqueles que envolvem cooperação e cuja prática se submete a regra: rugby, basjet-ball, baseball, enquanto que os passatempos femininos são mais individuais — pag. 93. Desse ponto de vista, nesta pesquisa, considerando como tais, para o sexo masculino, futebol e bola ao cesto, somam 13,71%, ao passo que barra-bola, barra-manteiga e bola ao cesto, para o sexo feminino, reu-nem 9,34%.

EVOLUÇÃO DO JOGO MAIS BRINCADO ATRAVÉS DAS IDADES

Para aproveitar apenas os jogos que apareceram nas várias idades atingidas pela pesquisa foi feita uma limitação maior, estudando-se somente uma dúzia de atividades mais brincadas. As listas completas dos jogos em que se empenham as crianças em cada idade não serão dadas por ora, sendo observada unicamente, num e noutro sexo, a frequência em relação ao total de preferências de cada idade.

No *sexo masculino a bola* predomina incontestavelmente dos 8 aos 14 anos, sendo nesta última idade acompanhada do *futebol*. Este aumenta gradualmente, confirmando a observação de Gulick e Hall: “aumento gradual dos jogos de grupos como característico lúcido da meninice”.

O jogo da *bolinha* ocupa lugares predominantes, com um máximo aos 10 anos, mostrando, após, uma tendência para diminuição. Lehman e Witty, falando das atividades para as quais deram as crianças de 8 a 15 anos a maior parte do tempo (tabela XXV-a, pag. 100), indicam o jogo da bolinha (“marbles”) ocupando os seguintes lugares: 8 anos — 3.º; 9 anos — 4.º; 10 anos — 6.º; 11 anos — 7.º; 14 anos — 4.º; Quanto a percentagem de meninos que brincam de bolinhas (fig. 31 — pag. 173):

idades	8 ½	9 ½	10 ½	11 ½	12 ½	13 ½	14 ½	15 ½
porcentagem.....	44	45	43	35	31	21	14	7

sendo, em geral, a mesma tendência mostrada na pesquisa do Laboratório.

Os brinquedos *coleções* praticamente não aparecem na pesquisa feita pelo Laboratório, o que também já foi notado por Madame Antipoff em Bello Horizonte, em contraste com o verificado por outros pesquisadores na Europa e nos Estados Unidos, embora Lehman e Witty tenham ob-

JOGOS COM FREQUÊNCIA SUPERIOR

jogos	Atividades pre- dominantes	Porcen- tagem	Porcen- tagem	Atividades com predomínio	jogos												
Acusado Pegador Bola Papagaio Carrinho Automovel	} movimento	38,49	18,27	} movimento	Acusado Pegador Bola Peteca Ratinho Automovel Balança Cabra-cega Pegador escondido Lenço atrás												
						Futebol Bola ao cesto	} { movimento competição destreza por equipes	18,71	9,34	} { movimento competição destreza por equipes	Barra-bola Barra-manteiga Bola ao cesto						
												Pião Patim Patinete Bicicleta	} { Movimento destreza	18,48	8,41	} { movimento destreza	Corda Bicicleta Patinete
						Pingue-pong Bolinha Malha	} { movimento destreza competição	12,73	0,76	} { movimento destreza competição	Pingue-ponge						
—	} —	—	3,07	} { movimento canto	Roda												
						78,77		44,17									
JOGOS DE FICÇÃO	Cow-boy Soldado- ladrão Soldadi- nho de chumbo	} imitação	2,51	39,34	} imitação	Aparelhinho Boneca Casinha Escola Mobília Comadre Mamãe Bateria											
JOGOS DE SALÃO	Baralho Damas Dominó Loto	} Competição sagacidade sorte	3,60	3,02	} { competição sagacidade sorte	} Dominó Baralho Loto Loto											

servado um interesse não especialmente marcante por coleções (não alcançam 15% em nenhuma idade) e tenham por isso mesmo, realizado pesquisas subsequentes para procurar esclarecer as razões dessa frequência diminuta.

Citando umas observações: Durost (5) perguntando recentemente a 10.000 crianças e adolescentes sobre coleções encontrou a idade mais característica dos 8 aos 13 anos; um estudo vienense ainda não publicado (1937) — cit. Ch. Buehler — mostrou que 100% dos meninos de 11-12 anos e 91% das meninas de 11-12 anos colecionavam alguma coisa.

O não aparecimento desse interesse com apreciável frequência entre as crianças paulistanas talvez seja uma falha do método de colheita de dados. É possível que indagações posteriores, especialmente determinando tais atividades, possam esclarecer sobre o grau de existência do fenômeno entre nós.

No *sexo feminino* predomina *boneca* na maioria das idades, dos 8 aos 12 anos, sendo pouco suplantada aos 13 anos por *barra-bola* e aos 14 anos bem ultrapassada por *barra-bola, escola e barra manteiga*. O máximo da preferência por *boneca* é atingido aos 9 e 10 anos; Hurlock cita Ellis e Hall como tendo verificado ser a boneca mais popular entre 7 e 10 anos, com um climax entre 8 a 9 anos. Lehman e Witty dão uma tabela (XVXI a — pag. 102) com os brinquedos femininos (de 8 a 15

BRINQUEDOS	IDADES			
	8	9	10	11
Ler livros	1º	1º	1º	1º
Boneca, carro de boneca, roupas de boneca, etc.	3º	4º	2º	3º

anos) aos quais é dedicada a maior parte do tempo (ordem de frequência) onde desaparece após os 11 anos o brinquedo com boneca.

É de notar que aos 14 anos as meninas preferem bem mais jogos motores como *barra-bola, barra-manteiga*, que exigem cooperação e proporcionam competição, tendo uma marcha ascendente de acordo com o progresso nas idades.

Os gráficos mostrando a evolução desses jogos são bastante expressivos.

Pergunta 7 — “De todos os lugares onde você brinca em qual você brinca mais?”

A variação desta pergunta foi de 95 respostas, não sendo aconselhável o estudo de todas elas devido à frequência muito rarefeita; poderão ser aproveitados como representativos apenas 12 lugares, englobando a rubrica “outros lugares”, aqueles de frequências diminutas.

(5) Contribution to Education, Col. University, 1932.

SEXO MASCULINO

SEXO FEMININO

Lugares	Frequência		Lugares	Frequência	
	Absol.	Relat.		Absol.	Relat.
Quintal	581	23,8	Quintal	873	34,9
Rua	541	22,0	Dentro de casa	702	27,6
Campo	446	18,1	Rua	203	8,0
Dentro de casa	350	14,2	Jardim de casa	146	5,7
Parque	91	3,7	Área	127	5,0
Clube	80	3,2	Recreio grupo	86	3,4
Área	63	2,6	Casa vizinhos	78	3,1
Casa vizinhos	46	1,9	Parque	75	2,9
Terr. vazios	46	1,9	Clube	73	2,9
Jardim de casa	43	1,7	Porão	62	2,4
Recreio grupo	39	1,6	Campo	37	1,4
Porão	24	1,0	Terr. vazios	9	0,3
Outros lugares	104	1,4	Outros lugares	72	2,8

Calculando o índice de correlação de Spearman, obtem-se 0,42 que mostra um grau moderado na maneira pela qual ambos os sexos frequentam os mesmos lugares para brincar em comparação ao que poderia indicar um coeficiente mais próximo da unidade, no caso de ocuparem os mesmos lugares de brinquedo uma sequência idêntica para os dois sexos.

Essa diversidade na escolha e lugares de brinquedo revelada pelos sexos é notada por Lehman e Witty nos Estados Unidos, assinalando terem as meninas vida lúdica em casa ou muito perto, ao inverso dos meninos.

Pode-se comparar o local preferido para brinquedo com o interesse por leituras que sofre diversificações condicionadas ao sexo, revelando essas mesmas preferências uma ligação maior com assuntos mais próximos ou remotos da casa: Jordan, capítulo relativo às diferenças individuais (pag. 299) afirma gostarem mais os meninos de livros que dizem respeito à guerra e explorações, que tratam de escolas e esportes, que tratam de escoteiros e de outros tipos de aventuras; as meninas preferem leituras concernentes à casa, à escola, à histórias de amor e histórias de fadas.

Reunindo os lugares situados dentro ou perto de casa, pode-se fazer salientar como o sexo masculino brinca mais fora de casa que o feminino.

Brincar dentro de casa ou perto:	{	Masculino	43,3%
		feminino	75,1%

Pelo exame do quadro dos lugares de brinquedo nota-se residirem as maiores diferenças entre os sexos nos seguintes:

	Masc.	fem.
Quintal	23,8%	34,3%
Dentro de casa	14,2%	27,6%
Rua	22,0%	8,0%
Campo	18,%	2,4%

O estudo do lugar de brinquedo articulado com a profissão dos pais, informa que à medida que o nível econômico sobe a menina tende a brincar cada vez mais fora de casa e o menino mais dentro de casa.

Pergunta 13

Foi iniciada a análise da pergunta 13: "V. brinca com gente grande?" e algumas observações podem ser feitas:

1. Durante a meninice a criança demonstra indiscutível preferência por companheiros de idade aproximada ou idêntica à sua, permanecendo inalterada essa conclusão quando se estuda o fenômeno através da nacionalidade dos pais das crianças.
2. Tomados, a seguir, os dois sexos separadamente, continua válida a mesma observação.
3. Há que notar aqui o fato de terem revelado os meninos uma frequência maior no brincar com gente grande.
4. O nível econômico determinado pela profissão dos pais tem influência marcada sobre os brinquedos com gente grande: à medida que esse nível sobe, o brinquedo com gente grande se torna mais frequente.
5. O sexo não influe no fato de a criança não brincar com gente grande, havendo uma pequena variação: as meninas parecem brincar menos com gente grande que os meninos, brincando mais, portanto, com indivíduos de idade aproximada ou idêntica.
6. A idade não influe no aspecto geral do fenômeno, isto é, meninos e meninas brincam mais com aqueles que não consideram gente grande se bem que não tenha havido indagações que pudessem esclarecer sobre essa gente grande (inclusão aí dos pais, o fato de serem as crianças filhos únicos, filhos de famílias de prole numerosa, etc.).

A análise desta questão foi feita por Maria da Penha Caldeira.

CONCLUSÕES

1. Os meninos indicam o número de jogos mais brincados compreendendo uma extensão menor do que as meninas que tem suas preferências em um campo mais largo de atividades.
2. Predominam, para os dois sexos, os jogos de movimento, aparecendo estes jogos motores em porcentagem maior como mais praticados pelo sexo masculino.
3. Os jogos predominantes, para os dois sexos (meninos — bola e meninas — boneca) são os que exigem um objeto para serem brincados.
4. As meninas mostram preferências (atividades mais praticadas, tomadas individualmente) por jogos de ficção ou imaginativos: boneca e casinha.
5. Os jogos de salão são praticados igualmente pelos dois sexos.
6. Evolução de alguns jogos, de 8 a 14 anos:
 - a) No sexo masculino predomina a bola, dos 8 aos 14 anos, igualando-se nesta última idade ao futebol; o jogo de bolinha alcança o seu máximo aos 10 anos, sendo bem praticado nas outras idades; pegador tem sua frequência diminuída à medida que aumenta a idade das crianças; bicicleta tem a mesma tendência: diminuição constante com o aumento da idade. O brinquedo de "cow-boy" ou "mocinho" tem preferências nas primeiras idades, com tendência à diminuição após os 9 anos.
 - b) No sexo feminino predomina a boneca dos 8 aos 12 anos (com máximo aos 9 e 10 anos), pouco suplantada por barra-bola aos 13 anos e bem suplantada por barra-bola, escola e barra-manteiga aos 14 anos;

pegador aumenta dos 9 aos 12 anos, quando tem uma preferência apreciável (2.º posto, após boneca); escola aumenta dos 10 em diante, alcançando aos 14 anos o 2.º lugar e é o jogo de ficção mais praticado nessa idade ao passo que boneca e casinha têm grandes preferências nas primeiras idades com uma forte tendência a desaparecer após os 13 e 14 anos.

7. O sexo masculino brinca mais fora da casa que o feminino.

8. Há um grau moderado na correlação entre os lugares de brinquedo considerado para os dois sexos; o índice é 0,42.

9. Partindo do sexo masculino para o feminino, brincam dentro de casa de 14,2% para 27,6%; brincam na rua de 22,0% para 8% e brincam no quintal de 23,8% para 34,3%.

10. À medida que o nível econômico da família sobe, a menina tende a brincar mais fóra de casa e o menino mais dentro de casa.

11. As crianças investigadas, em geral, não brincam com gente grande, permanecendo inalterada essa conclusão quando se estudam as respostas através das variáveis: sexo, idade, profissão e nacionalidade dos pais das crianças. Os meninos têm uma leve ascendência no brincar com gente grande.



LOCALIZAÇÃO DAS COLÔNIAS DE FÉRIAS EM FUNÇÃO DA TOPOGRAFIA E GEOLOGIA LOCAIS

DR. A. ALVES DE ALMEIDA

Engenheiro civil, Diretor do Instituto de Nacionalização

INTRODUÇÃO

A Colônia de Férias é organização essencial no sistema educacional. Influindo decisivamente sobre a saúde de grande massa de crianças, é também elemento de cura para muitos desses organismos e de revigoração para outros. Concorre assim, para a saúde do homem brasileiro na fase em que ele mais merece aos cuidados dos pais e do Estado.

A Nação tem como elementos primários a terra e o homem.

A terra garante o Estado ao homem a sua posse para cultivá-la e fazê-la produzir; o homem empenha-se o Estado, em pô-lo capaz de cultivo da terra, fase primária e essencial na organização da Nação.

Visa o Governo, em nome da Nação e a bem do melhor potencial coletivo, no homem, não só a sua robustez física, base de todos os demais seus valores. Evoluindo nos cuidados pela aquisição e manutenção do vigor físico, o Governo, em nome da Nação, deve dispensar os maiores carinhos pelo desenvolvimento mental do homem, como pelo aprimoramento das suas qualidades morais.

Não duvidamos em armar a seguinte proporção que define a relação de valores de uma Nação

POTENCIALIDADE NAÇÃO: POTENCIAL INTELLECTO::
POTENCIAL HOMEM: POTENCIAL SOLO.

O homem perfeito, vigoroso, de físico saudavel é dependente direto do solo, do meio em que ele habita; a inteligência forte, atuante, investigadora é dependente direta da sanidade do organismo que lhe dá vida.

Poderíamos mesmo dizer que o homem é a mais bela e mais perfeita arvore que o solo produz. Como arvore, ele se alimenta primariamente do solo, se apoia no solo; secundariamente, do ar, se envolve do ar.

Estando o clima (a média das condições atmosféricas do meio em que vive o homem), na dependência direta do solo, incluímos o seu valor no potencial solo. O clima, retirada a sua constante, raios solares e cósmicos, em geral tem ou teve todos os demais seus elementos dependentes do solo: humidade atmosférica, pressão atmosférica, campo eléctrico, desprendimentos telúrgicos.

A soma do potencial solo com potencial homem e potencial intellecto formam a igualdade com nação.

Assim:

potencial solo + potencial homem + potencial intelecto = nação.

Mas o potencial homem tem dependência direta do potencial solo. Do solo saem os elementos que constituem os elementos minerais ou vegetais que constituem o físico do organismo humano. O potencial intelecto tem dependência imediata da perfeição do potencial homem.

* * *

Voltemos, assim, as nossas vistas para a terra, que nos cria e que nos devora, se quisermos compreender as condições ótimas da saúde do homem. Estudemos com carinho os fatores vitalizantes que ela fornece ao homem, como uma homenagem ao tudo que dela nós aproveitamos.

A nossa tese versará, especialmente, em torno da ação que os elementos gasosos que se desprendem do interior da terra, têm sobre o organismo que constituem a atmosfera e provieram do globo ígneo que esfriando deu a terra. O azoto, o gás carbônico, o oxigênio e o hidrogênio são elementos gasosos que ou existiam na camada esférica gasosa de elevada temperatura que envolvia a nebulosa, ou desprenderam-se do interior da terra durante o imemorial período que até hoje nos separa da época do resfriamento que lhe deu origem.

Fixemos bem que durante todo o período do resfriamento do nosso minúsculo globo, desprenderam-se constantemente (varando delgadas ou espessas camadas da crosta em evolução sólida), gases mais ou menos densos que constituem ainda hoje as várias camadas atmosféricas.

Modernamente, a partir das revelações dos sábios Curie, que tiveram a feliz iniciativa de aproveitarem-se das investigações originais de Becquerel e outros sábios do seu tempo ou que lhe precederam, — o estudo dos climas é falho, desde que não se tome conhecimento dos elementos benéficos ou maléficos que para eles concorrem com intensidade, provenientes, ainda hoje, diretamente do interior da terra.

Esses elementos climáticos de ação imediata e por vezes violenta sobre o organismo, ainda hoje expele a terra, a todos os instantes do dia, durante todo o ano, através dos séculos e milênios.

São os últimos arfares do moribundo planeta, cujo corpo dilaceramos para devorá-lo ou sobre ele perambularmos. Moribundo é, morto será. frio, gélido terá todo o seu corpo, quando então, negando-nos calor para que mantenhamos a vida, — descansará na eternidade, sepultando nas suas espessas camadas de gelo, o homem, seu filho, que tanto o tripudiou, devorando-se entre si sobre o seu corpo, na gana do seu domínio, de melhor poder usá-lo.

Os últimos suspiros dos seus imensos pulmões emitidos pelos seus milhões de narinas, são gases que hoje os seus filhos vão percebendo serem os últimos sopros de vitalização que ele lhes envia.

CONCLUSÕES

- 1 — As Colônias de Férias devem ser instaladas, preferentemente, em locais onde a formação geológica exposta seja a arqueana.
- 2 — Desses locais devem ser preferidos aqueles que possuam focos de emanações radioativas para o meio ambiente, e, se possível, fontes de águas minerais da classe das indeterminadas e radioativas.

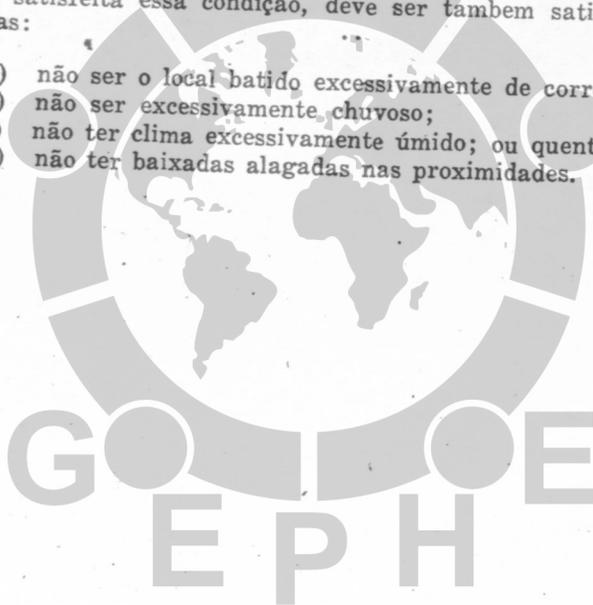
3 — As Colônias de Férias nunca devem ser localizadas em terrenos planos vastos, como também em vales trabalhados excessivamente por correntes de ar, ou em pontos culminantes desabrigados e expostos a essas correntes.

4 — Os locais do território paulista melhor indicados para a localização das Colônias de Férias, são os terrenos compreendidos entre contrafortes de vales abertos e amplos da Serra da Mantiqueira, ou nas fracas encostas desses contrafortes, onde o clima se apresenta em geral seco, por ter sido o ar desidratado na sua passagem pela Serra do Mar, e, em geral ionizado pela difusão, em seu seio, das emanações radioativas que se desprendem dos solos locais.

5 — Os territórios localizados nas margens de rios largos, e especialmente nos trechos em remanso, são contraindicados para a instalação de Colônias de Férias.

6 — As praias marinhas mais recomendadas para localização de Colônias de Férias são as que contornam terrenos arqueanos expostos; ainda satisfeita essa condição, deve ser também satisfeitas outras exigências:

- a) não ser o local batido excessivamente de correntes aéreas;
- b) não ser excessivamente chuvoso;
- c) não ter clima excessivamente úmido; ou quente e úmido;
- d) não ter baixadas alagadas nas proximidades.



G O I O E
E P H E

AS COLÔNIAS DE FÉRIAS MANTIDAS PELA SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO PROFISSIONAL

DR. CARINO CRAMER,

Médico da Colônia Climática da Superintendência do Ensino Profissional

As colônias de férias para os alunos dos estabelecimentos de ensino profissional de São Paulo foram instituídas oficialmente pelo Decreto n.º 6,222, de 18 de dezembro de 1933. Dessa maneira, em junho de 1934, instalou-se na cidade de Santos a primeira colônia de férias regularmente constituída e organizada sob os auspícios dos poderes públicos. Tendo iniciado, portanto, em nosso Estado, os trabalhos referentes às colônias de férias, a Superintendência do Ensino Profissional não poderia deixar de trazer a este Congresso a sua contribuição, nesse sector, animada apenas pelo intuito de tornar públicas as conclusões e as observações que resultam das pesquisas e dos estudos realizados durante todas as colônias de férias que já promoveu.

É muito antiga a idéia de enviar as crianças ao campo ou às praias, nos meses de férias, mas foi sobretudo em Paris e em outras grandes cidades que se tornou imperiosa a necessidade de como que arejar as crianças que viviam durante todo o ano no ambiente denso e malsão dos grandes conglomerados urbanos. Tal foi o resultado da medida, que as colônias de férias impuseram-se rapidamente como indispensáveis, criando-se logo caixas escolares com o fito exclusivo de contribuir para a manutenção dessas colônias. Multiplicaram-se as iniciativas nesse sentido, em todos os países, e nos últimos anos os próprios governos voltaram suas vistas para o assunto, concorrendo também, decisivamente, para o desenvolvimento e extraordinária difusão das colônias de férias, visando sobretudo a valorização do elemento humano pelos cuidados dispensados aos escolares que frequentam as colônias de férias e que constituem a mais valiosa parcela da juventude de todas as nações.

E essa valorização do elemento humano, por meio das colônias de férias, é muito sensível. O aproveitamento é manifestado entre os colonianos pelo aumento de peso, maior apetite, acréscimo da capacidade de atenção, formando um quadro geral de condições muito favoráveis para os estudos: o progresso dos alunos que se beneficiam com as colônias de férias é em muitos casos realmente notável, sendo óbvio notar que esses resultados nada mais são que sinais de melhores condições de saúde, conseguidas graças às colônias de férias.

* * *

Cuidemos da ação dos elementos que se conjugam à beira-mar, para influir decisivamente na saúde dos jovens que frequentam as colônias de férias. Esse elemento são o sol, o clima praiano e o banho de mar.

Muito remotamente, alcançamos os Incas tratando os sífilíticos pela helioterapia; e os Germanos expondo, no teto das casas, as crianças febris, também recorriam ao sol, como elemento de cura e fonte de saúde. Hipocrates, Celso, Galileu, Herodoto e tantos outros já recomendavam, por sua vez, os banhos de sol, como fatores de restabelecimento e conservação da saúde.

Na Idade Média, contudo, o mundo atravessou uma fase sombria de atraso e de absoluto menosprezo à saúde. O sol, como agente terapêutico, foi relegado a plano inferior, até que, no século XVIII, os médicos volveram novamente suas vistas para essa fonte de saúde, estudando detidamente os benefícios decorrentes da exposição do corpo humano aos raios solares. Concorreu para esse despertar de atenções a ação notável do sol verificada sobre as úlceras atônicas e sobre as artrites tuberculosas: nesses estudos salientaram-se Faure, — Cauvin, que em 1815 escrevia "Sobre os benefícios da insolação", — Bonnet, Milloz, Poncet, Girard e de Cloquet. Paralelamente a esses trabalhos de ordem clínica, desenvolveu-se o estudo da ação fisiológica que a luz exerce sobre os animais. Assim, Charcot, em 1859, punha em evidência a ação dos raios químicos sobre a pele, independentemente de todo efeito calorífico. Em seguida, aparecem os estudos de Downes e Blunt, sobre o poder bactericida da luz, e em 1893 Finsen apresentava os primeiros trabalhos de base científica, com modelo de ciência e de objetividade sobre a fototerapia e a helioterapia.

Roentgen, em 1901, com os raios X e a sua notável ação eletiva sobre certas células, principalmente as cancerosas, atraía por sua vez a atenção mundial para a importância das irradiações luminosas.

Daí por diante, os trabalhos sobre a foto e a helioterapia se sucedem vertiginosamente, acumulando-se valioso cabedal de observações, de pesquisas e de experiências, sobre o tratamento e a conservação da saúde por meio dos raios solares.

Rapidamente esboçado o quadro da atuação da luz, em geral, sobre o organismo, passemos a considerá-la, agora, em combinação com o clima à beira-mar, como acontece nas colônias de férias realizadas nas cidades praianas:

Robin e Binet descrevem da seguinte maneira os efeitos da cura marítima — "Provoca aumento do número e do valor dos glóbulos vermelhos; aumenta o consumo de oxigênio e o quociente respiratório; permite utilizar mais as substâncias alimentares; ativa as trocas no sistema nervoso e no esqueleto; aumenta o peso específico e diminue o peso morto representado pela água e pela gordura."

Por outro lado, é preciso considerar-se ainda que há, no clima à beira-mar, um fator que se não pode contestar e que torna os indivíduos mais resistentes. Somando-se a isso os banhos de mar que, pela ação tônica e estimulante da água em contínuo movimento, combinada com a ação física do choque da lâmina de água no corpo, agindo pela percussão e forçando ao exercício, também constituem excelentes elementos de conservação da saúde, teremos um quadro completo dos benefícios conjugados do sol, do clima praiano e dos banhos de mar, sobre as condições biológicas dos alunos de nossas Escolas, que são beneficiados pela permanência nas colônias de férias.

* * *

Pessoalmente, tivemos ocasião de observar os salutareos resultados das colônias, em muitas oportunidades. Podemos citar como exemplo

observações feitas em dezembro de 1938, quando se realizou a Colônia Climática da Superintendência do Ensino Profissional; vieram para as praias de Santos alunos de 12 a 14 anos de idade, das escolas profissionais do Interior do Estado e da Capital, escolhidos cuidadosamente entre os mais anêmicos e debeis, mediante contagem globular, dosagem de hemoglobina, medidas antropométricas, etc. Esses jovens, após a permanência de um mês em Santos, alimentados racionalmente, com estudos, ginástica e repouso criteriosamente distribuídos, alcançaram sensível aumento do número de glóbulos vermelhos, da taxa de hemoglobina, do peso corporal, assim como melhora geral do índice de Pignet. Notamos o renascer das cores e da disposição, com acentuado aumento da atividade escolar.

* * *

Passemos agora ao estudo particular das colônias de férias realizadas pela Superintendência do Ensino Profissional:

Esta repartição já promoveu 22 colônias de férias, pelas quais passaram 5.385 pessoas, não somente localizando-as em Santos, à beira-mar, mas também na montanha, em Lindóia, em Poços de Caldas e outros pontos recomendáveis.

Da seleção dos colonianos: — São dois os fatores que influem sobre a escolha dos alunos dos estabelecimentos de ensino profissional que devem frequentar as colônias de férias: — o fator médico e o fator social.

Cabe primeiramente ao diretor do estabelecimento selecionar os candidatos, preferindo aqueles cujas famílias, de condições sociais e financeiras mais modestas, não possam proporcionar aos jovens estudantes condições de higiene adequadas à saúde. Depois desta seleção social prévia, chega a vez do médico. No exame clínico, geralmente realizado pelo médico do posto de saúde da cidade, são eliminados os portadores de moléstias contagiosas, porventura existentes, os cardíacos, os muito nervosos e as crianças que, pela idade, necessitem de cuidados especiais: assim, a escolha deve recair sobre os debeis, os anemiados e os linfáticos.

Do alojamento: — O alojamento dos colonianos é feito coletivamente, no prédio do Instituto "D. Escolástica Rosa", em Santos. Esse alojamento coletivo tem a vantagem de assegurar, mais facilmente, a vigilância indispensável e proporcionar higiene mais perfeita; é preciso convir, entretanto, que apresenta também os inconvenientes de todas as aglomerações, que é o de favorecer o desenvolvimento das doenças infecciosas.

Felizmente, este último perigo, ao que nos parece, está definitivamente afastado das colônias de férias promovidas pela Superintendência do Ensino Profissional: o edifício do Instituto "D. Escolástica Rosa" satisfaz todas as exigências higiênicas. Situa-se em plena praia, longe da cidade, possui ótimas condições de exposição, de situação, de orientação, construção e disposição. Graças a isso, e aos demais cuidados de que nos cercamos, nunca foram registrados surtos epidêmicos.

Do 4.º ao 8.º dia, educação física durante 20 minutos: banhos de colônias de férias que promovemos não constitui apenas um estágio de repouso e cura: cuida-se ao mesmo tempo do problema educacional, aliando-se o médico aos professores na constante assistência aos colonianos.

Inicialmente, é preenchida a ficha individual de cada aluno, logo ao chegar à colônia, anotando-se peso e medidas e procedendo-se ao exame clínico que determinará a necessidade ou não de regime dietético especial. A Colônia dispõe igualmente de um dentista, que procede aos exames ne-

cessários, tomando as providências aconselháveis para impedir que esse fator concorra para não aproveitamento do período de estadia em Santos.

Por outro lado, a assistência médica é constante. Durante duas horas, diariamente, o clínico atende aos colonianos, além de visitá-los, coletivamente, todos os dias. O tempo de permanência na praia e no banho de mar também é determinado pelo médico, que assim evita naturais e contraproducentes excessos, que se traduzem em consequências desagradáveis para a pele, com eritemas, queimaduras mais profundas e mesmo pelo aparecimento de gripes em grande escala, devido à exagerada permanência no banho de mar.

Os professores das escolas acompanham suas turmas de alunos, encarregando-se da vigilância e aproveitando todas as ocasiões para ensinamentos e noções educativas. Os colonianos, contudo, beneficiam-se de relativa liberdade, sem prejuízo da disciplina, que é sempre mantida sem dificuldade alguma.

Da educação física: — Sob a responsabilidade dos professores de Educação Física e sob o controle médico, ficam organizados racionalmente todas as atividades de praia dos colonianos. Segundo dados técnicos que nos foram fornecidos pelo Sr. Inspetor de Educação Física, nas colônias emprega-se o Método Francês de Educação Física, adotado oficialmente no Brasil, dividindo-se os exercícios em 3 partes:

a) Sessão preparatória — flexionamentos que iniciam o aquecimento do corpo e o “avivamento” do sistema neuro-muscular para a aula;

b) sessão propriamente dita — exercícios educativos ou de aplicação das atividades naturais do homem na luta pela vida, isto é, marchar, trepar, saltar, suspender e carregar, atacar e defender-se, que resumem o método natural de Hebert;

c) finalmente, a “volta à calma”, com as fases de exercícios respiratórios e de ordem unida.

Assim, nas colônias, a prática da educação física visa racionalizar e disciplinar as atividades dos alunos na praia, encaminhando-as e orientando-as convenientemente.

A seguir, faremos um resumo do regime imposto aos alunos, neste sector.

Até o 3.º dia, educação física durante 10 a 15 minutos, conforme a reação dos alunos: banhos de mar durante o mesmo tempo: não há banho de sol propriamente dito, por isso que os alunos aproveitam a exposição do corpo à luz solar, durante a aula de educação física;

Do 4.º ao 8.º dia, educação física durante 20 minutos: banhos de sol começando com 5 minutos e aumentando de 3 a 6 minutos por dia, segundo a reação de cada indivíduo: a permanência no banho de mar é aumentada de 3 a 6 minutos por dia, tendo-se em conta, *sempre*, a saída do banho, ao primeiro tremor de frio, visto que este representa, pelo tremor do corpo que se segue, que o calor do corpo se extinguiu, indicando as contrações musculares apenas uma reação fisiológica do organismo para manter a regulação térmica necessária. Continuando no banho de mar, depois disto, o aluno estaria exposto ao resfriado, como consequência lógica do abuso;

Do 8.º ao 15.º dia, efetuam-se exercícios de educação física durante os mesmos 20 minutos: os banhos de sol variam de 25 a 60 minutos, conforme o indivíduo e o calor solar: os banhos de mar variam de 30 a 50 minutos.

Da alimentação racional: — A alimentação dos colonianos vem sendo preocupação constante da Superintendência do Ensino Profissional, que procura por todos os meios ao seu alcance garantir aos alunos que permanecem nas colônias de férias o máximo de aproveitamento: assim, não seria possível deixar de encarar seriamente o problema da nutrição, de capital importância.

A alimentação é inteiramente racionalizada, ficando entregue ao controle direto da Dietista-Chefe da Superintendência do Ensino Profissional: as alunas do Curso de Auxiliares em Alimentação permanecem em serviço durante as colônias, realizando estágio de prática, que para elas é de grande valia, ao mesmo tempo que são grandemente beneficiados os alunos. Em consequência de observações e estudos cuidadosamente realizados, é possível estabelecer cardápios realmente adequados e capazes de proporcionar aos colonianos todos os princípios de que carecem, como proteínas, hidratos de carbono, sais minerais, gorduras, vitaminas, etc. As auxiliares em alimentação dirigem todo o serviço do refeitório, inclusive a contabilidade, proporcionando resultados verdadeiramente animadores. É esse, sem dúvida, um dos fatores decisivos para integral aproveitamento pelos colonianos, dos períodos de férias à beira-mar.

Das atividades sociais e recreativas: — Nas colônias de férias organizadas pela Superintendência do Ensino Profissional, destacam-se igualmente, ao lado do objetivo principal, que é a saúde do escolar, as atividades sociais, educativas e recreativas. Os alunos das escolas da Capital e do Interior dirigem-se à beira-mar e os Institutos "D. Escolástica Rosa", de Santos, realizam colônias em clima de montanha. Essa mudança de ambientes, com a viagem e a permanência em cidades diferentes, já constitui por si só um fator educativo e de sociabilidade. A convivência periódica, de 6 em 6 meses, de alunos e professores de todas as escolas, nas colônias de férias, facilita ao mesmo tempo as relações de amizade e a união que dificilmente poderiam existir sem o convívio nas colônias. Além do mais, as colônias mantêm uma parte recreativa, com jogos, prática de esportes, competições, teatro, música, passeios coletivos, excursões marítimas, visitas a localidades próximas e a monumentos históricos sendo todas as ocasiões aproveitadas pelos professores para ministrar oportunos ensinamentos aos colonianos.

Assim expostas, em largos traços, as atividades das colônias de férias promovidas pela Superintendência do Ensino Profissional, acreditamos tenha ficado patente a sua utilidade e a necessidade de desenvolver quanto possível a iniciativa, instalando-se colônias de férias para escolares, em todos os pontos do país. Julgamos mesmo viável, num futuro não muito distante, a realização de colônias em Estados diferentes, com a troca de alunos, concorrendo-se dessa maneira, de forma decisiva, para o melhor conhecimento do País. E o melhor conhecimento de nossa terra significa amar cada vez mais o Brasil.

CONCLUSÕES

A vista do exposto, na tese "As colônias de férias mantidas pela Superintendência do Ensino Profissional", apresentamos as seguintes conclusões:

- 1.º — Pertence à Superintendência do Ensino Profissional a primazia na realização das colônias de férias, porquanto na legislação estadual não existe decreto anterior ao de n.º 6.222, de 18 de dezembro de 1933, que instituiu as referidas colônias no Ensino Profissional;
- 2.º — As colônias de férias devem ser incentivadas entre os escolares;
- 3.º — As instituições de ensino deveriam organizar caixas e associações especiais visando a manutenção das colônias de férias;
- 4.º — Será indispensável, em todos os casos, o auxílio do Governo para perfeita organização das colônias e intensificação das mesmas.





A FORMAÇÃO DE HÁBITOS HIGIÊNICOS NOS PARQUES INFANTIS DE S. PAULO

ANGÉLICA FRANCO
Educadora Sanitária — S. Paulo

Assistir, educar e recrear é a triplice finalidade dos Parques Infantis de São Paulo. (Nicanor Miranda "O significado de um Parque Infantil em Santo Amaro", Tip. das Flores, S. Paulo, 1938).

No fenômeno educativo todos os aspectos são visados, porém maior relevância é dada ao aspecto físico, porquanto as crianças que os frequentam são de saúde precária em virtude da deficiência de fatores educativos, econômicos e sociais do seu meio familiar.

Educação física e recreação são as linhas mestras que orientam as atividades nos nossos parques infantis, sendo que este programa de ação é calcado em modernas teorias aceitas nos centros mais avançados em questões educacionais. A educação física dada nos parques infantis "visa dotar o indivíduo de eficiência pessoal e social, tornando-o um ser útil e valioso para a sua função na vida da comunidade". (Nicanor Miranda "Parques Infantis de São Paulo" in Revista de Educação" — Vol. XXVIII, S. Paulo, 1940).

Modernamente envolvendo também controle e educação da saúde, a educação física entrou para uma fase verdadeiramente construtiva. Formando e fixando hábitos de saúde, a educação higiênica torna-se naturalmente atividade própria dos parques infantis, dentro de seu programa de educação física.

A educação higiênica nos Parques Infantis visa aspecto essencialmente prático, procurando tornar cada criança conciente do valor de sua saúde, afim de que se torne útil a si mesma e à coletividade. Dando-lhe compreensão simples da significação e importância da saúde, mostrando que os atentados à saúde são inúmeros e frequentes, a educação higiênica procura despertar em cada criança uma consciência viva dos deveres que cada uma delas tem para consigo mesma, para que não venha a tornar-se entrave da sua própria evolução, ou um fardo para a família ou sociedade a que pertence.

Como se desenvolve nos parques infantis essa educação higiênica? Simplesmente, fazendo-se com que a criança se desenvolva através de uma série de atividades higiênicas que as situações criadas imitem. Diariamente repetidas essas situações, as práticas, difíceis a princípio, pela necessidade de esforço conciente, se tornam em pouco tempo hábitos simples, salutarés, realizados com entusiasmo e alegria pelas crianças.

Acompanhemos a vida da criança neste ambiente saudável e acolhedor onde vive plenamente, exteriorizando-se com espontaneidade e dando expressão a todos os seus sentimentos. Dada a liberdade de que goza nas mais variadas situações, todas as suas tendências boas ou más podem manifestar-se. Tem-se então oportunidade para ação educativa intensa,

orientando-se higienicamente todas as manifestações de seu comportamento. Tanto quanto a higiene do físico, a mental é atendida, pois muitas são as manifestações de comportamento anormal entre as crianças. Sendo as crianças dos parques de idade que oscila entre 3 e 12 anos, mistér se torna objetivação e concretização muito viva de todos os assuntos para garantir sua assimilação. Assim, as palestras coletivas e instruções individuais são de tal natureza que podem ser praticadas no ambiente do parque. Em se tratando da higiêne do vestuário, por exemplo, pademos facilmente fazê-las viver estes conhecimentos impondo um uniforme que atenda aos ensinamentos sobre vestuário. Em seus singelos uniformes, composto de calção e camiseta para os dias quentes, têm plenamente garantidos a ventilação e arejamento da pele, enquanto entre-tidas nos folguedos livres ou nos jogos organizados. No inverno, usam malha leve de lã que, abrigando-as, não lhes tolhe a liberdade dos movimentos nem a espontaneidade de ação. Aprendem assim a se vestir de acordo com as estações e clima, surgindo o ensejo para se lhes ministrar noções elementares sobre o valor e função do vestuário, necessidade de seu asseio, de mudas frequentes, etc.. A revista diária do uniforme no ato da entrada no parque, obriga a criança a se apresentar sempre asseada para que não seja enviada de volta para casa com notificação para a mãe, que é responsável por essa infração.

Em suas correrias pelos amplos gramados, em seus exercícios nos aparelhos de recreação, nos jogos e na ginástica são postas em atividade todas as energias infantis. A transpiração e sudação aumentadas cream a situação desejavel para a prática da higiene pessoal. E, quando o sino badala, todas as crianças vêm para o banho de chuveiro que tanto lhes agrada. E com que prazer todas se ensaboam meticulosamente! Os pequeninos não fazem manha, sendo auxiliados em sua higiene pessoal pelas zeladoras. E debaixo dos chuveiros todas as crianças saltam, riem, cantam e em muitos casos torna-se difícil tirá-las de lá. É a sensação de euforia que o banho lhes produz. Nos casos de impedimento de banho frio, segundo a indicação do médico, a criança deverá vir de casa completamente asseada lavando no parque apenas rosto, mãos, pés, etc..

Todas têm pequena sacola de brim azul onde diariamente trazem os objetos de uso individual: duas toalhas, uma de banho e outra de mãos, pente, escova de dentes e lenço. Após o banho friccionam-se bem, vestem-se e aos grupos vão deixando os chuveiros para irem pentear-se. E' de notar a faceirice com que fazem as riscas, cachos e rolinhos em seus cabelos. Duas vezes por semana as sacolas são revistadas, exigindo-se que sejam mudadas às segundas e quintas feiras. Quando as toalhas, pentes e escovas de dentes não satisfazem as condições de asseio, anotam-se os seus números deixando-se na portaria uma lista, afim de que nos dias subsequentes ao da revista sejam novamente inspeccionadas. Quando se procede à revista de asseio tem-se oportunidade para a administração de inúmeras instruções e conselhos higiênicos.

Terminado o banho é chegada a hora do lanche, ocasião em que se crea uma situação favoravel à formação de hábitos higiênicos. Antes de irem para a mesa, em pequenas filas, chefiadas pelas crianças maiores, passam pelas pias onde lavam as mãos. Enquanto com appetite comem os variados alimentos que diariamente lhes são servidos, aprendem noções elementares sobre a higiene da alimentação. Procura-se esclarecê-las sobre o valor nutritivo dos alimentos, razão de sua escolha, necessidade da boa mastigação, condições para que o aproveitamento dos alimentos seja bem completo, perigos que os alimentos deteriorados representam para a saúde, maneiras de conservar os alimentos, etc.. A situa-

ção — estar à mesa — dá oportunidade para a criação de certos hábitos como: não falar com a boca cheia, servir-se convenientemente dos alimentos, não comer restos, conservar-se à mesa em atitude correta, não introduzir dedos na boca, etc.. Esta situação dá ensejo à educadora de explicar os perigos das emoções, discussões e preocupações durante às refeições, a necessidade de repouso imediato e a contra-indicação de banhos e exercícios violentos logo após as mesmas. Terminado o lanche a situação é oportuna para a prática dos cuidados que os dentes requerem. Conduzidas pelos chefes, as crianças deixam as mesas levando seus copinhos. Ao passar pelas pias, enchem-nos de água e vão escovar os dentes. Após a escovação, são revistados os dentes afim de se verificar se foram convenientemente escovados, aproveitando-se a oportunidade para aconselhar e encaminhar as crianças cujos dentes necessitam ser tratados para as clínicas odontológicas gratuitas ou a dentistas particulares, quando dispõem de certo recurso.

Todos estes aspectos da educação higiênica focalizados são fixados em cartazes educativos, organizados com a colaboração das crianças maiores. Em seus dizeres simples são um lembrete constante à prática dos ensinamentos que contêm.

Outros aspectos da educação higiênica são visados em campanha cujos planos são previamente estabelecidos. Verificado que as crianças frequentadoras dos parques, em sua maioria, vêm de meios em que a mentalidade higiênica é nula, em que a consciência sanitária não existe, natural é que as crianças reflitam sobre estas deficiências. Geralmente são desnutridas, debeis, emagrecidas em virtude de moléstias várias, principalmente as parasitárias, que necessitam ser debeladas afim de que a criança possa aproveitar as condições do ambiente do parque e apresente em curto espaço de tempo resultados no seu desenvolvimento físico e mental. No ato da inscrição da criança exige-se a presença da mãe, pois sendo diretamente responsável pela criança precisa receber todas as instruções concernentes à sua frequência ao parque. Aproveita-se este ensejo para ministrar à mãe o maior número possível de instruções, conhecer-lhe a mentalidade e interessá-la no trabalho educativo do parque, tornando-a colaboradora.

Sendo raras as crianças que se apresentam no parque sem piolhos ou vermes, estes dois problemas se tornam prementes e exigem solução definitiva. Parece à primeira vista que o despiolhamento das crianças infestadas e a administração de vermífugos os resolveria facilmente. Tal não se dá. A criança, hoje despiolhada no parque, amanhã voltará novamente reinfestada, porquanto é em casa, em contáto com as outras crianças que não frequentam o parque e mesmo com os adultos que ela se reinfesta. A ação educativa não pode nestes casos restringir-se à criança. Fatores mais complexos exigem consideração. Tem-se de ir até o lar. Convocada a mãe é necessário esforço e perseverança para conseguir influenciá-la, porque, adulta, na maioria das vezes não deseja ser reeducada, descrendo dos princípios higiênicos e tendo sempre argumentos e preconceitos de acordo com sua mentalidade inculta e, além de tudo, melindre. Em se tratando de piolhos, vem logo a teoria absurda da geração espontânea, à qual cabe a culpa dos piolhos e de sua disseminação. Revistadas todas as crianças duas vezes por semana todas as que têm piolhos e lêndias são afastadas levando uma notificação para as mães. No dia seguinte devem apresentar-se para nova revista, conservando-se afastadas caso não tenham sido despiolhadas. Casos há em que o despiolhamento é feito no parque por meio da aplicação de uma solução cujo princípio ativo é o xilol; e noutros, dá-se pomada mercurial para

aplicação no domicílio. Assim, gradativamente, o número de crianças infestadas decresce e os ensinamentos relativos aos cuidados da cabeça e cabelos vão sendo assimilados.

A parte educativa que visa a profilaxia e tratamento das verminoses abrange as crianças e mães. Em reuniões de mães realizadas em horário que mais convem à sua condição de operárias, são propostas estas questões de maneira a esclarecê-las e solver as suas dificuldades. Instruções escritas quanto à conduta a ter com a criança no dia da administração do vermífugo são distribuídas a todas as mães como trabalho complementar.

Pouco a pouco, a criança vai integrando-se nas atividades higiênicas, vai ampliando os hábitos que garantem sua integridade física e melhoria mental, cabedal de que faz rápida e fácil utilização. Começa a dar atenção a seu desenvolvimento físico, desejando tornar mensalmente suas medidas para acompanhar as modificações, comparecendo assiduamente aos tratamentos prescritos pelo médico, zelando para que os princípios higiênicos sejam por todos praticados, influenciando a mentalidade dos adultos de sua casa, etc.. Nas crianças maiores lentamente aparece espírito crítico que as leva a comparar seu aspecto higiênico com o das demais crianças, sendo muito comum desejarem ajudar nas revistas de asseio ou participar como orientadores dos pequeninos ou das crianças recém-matriculadas nas campanhas higiênicas estabelecidas.

CONCLUSÕES:

- 1 — O controle da saúde e a aquisição de hábitos higiênicos constituem, entre outros, objetivos da educação física infantil.
- 2 — Ministrando educação higiênica a seus frequentadores, contribuem os parques infantis da capital de S. Paulo, cientificamente, para a melhoria de sua saúde.
- 3 — A educação higiênica nos parques infantis se concretiza em práticas facilmente realizadas pelas crianças.
- 4 — Não se limita esta educação à criança; indiretamente, por meio dela, influencia aos adultos, reeducando-os.

G O L O E
E P H E

AS BIBLIOTECAS INFANTIS E A HIGIENE MENTAL DA INFÂNCIA

LENIRA FRACAROLI

Chefe da Biblioteca Infantil — S. Paulo

A questão da influência da leitura sobre a mentalidade infantil tem sido um ponto largamente debatido, tendo levado inúmeros psicólogos e educadores à conclusão de que a leitura infantil é fator de grande relevância no terreno educacional. Os livros são portas abertas a novos mundos, chaves miraculosas nas mãos daqueles que estão em contacto com mentalidades em formação.

Dáí a situação de destaque ocupada pelas bibliotecas infantis que não deverão ser apenas depósitos de livros, nem o bibliotecário poderá ser um mero conservador — mas constituir centros de larga irradiação cultural e educacional.

O sucesso na administração duma biblioteca, diz Dr. I. L. Kandel, no seu artigo "The Free Library" publicado no "Library Journal", de Agosto de 1938 (página 573), pode ser avaliado pela sua influência educacional. O público deverá reconhecê-la como uma constituição de ação amplamente educativa, continuadora daquela exercida pela escola. A sua utilização conveniente depende do tipo de preparação recebida pelo leitor, entrecruzando-se aí a influência do mestre e do bibliotecário. O primeiro, tomando como principal objetivo da educação o desenvolvimento perquiridor que avaliará e discriminará entre os conhecimentos uteis e os meros fatos, estando assim preparado para levantar questões e buscar métodos para solucioná-las — e o bibliotecário que não perdendo oportunidade de desenvolver esses hábitos propícios à leitura e de inculcar a procura, a necessidade, o aproveitamento das bibliotecas.

A função do bibliotecário é, pois, mais educacional que administrativa. Mostrar à criança o que ler e como ler o que muitas vezes não é muito fácil. Lembramos a interessante tese de Walter Murdoch — "Como ler um livro" — diz ele: Antes de abrir um livro interrogo-me a respeito do que já conheço do assunto e a que questões desejo o autor me responda. Se, refletindo, verifico que não quero propôr indagações sobre o que poderia me responder, concluo que o livro não é para mim e não o leio. Mas isto raramente acontece, pois a reflexão leva à conclusão de que há questões que queremos ver respondidas — o livro útil é sempre uma fonte benéfica e interessante. Quantas crianças vão aprender a ler nas pequeninas mesas duma Biblioteca!

A presença do bibliotecário, acolhedora, amável, representando uma orientação segura e inestimável quando os leitores tateiam em dúvidas e novas procuras, não é somente fator indispensável para a resolução rápida portanto econômica, dos problemas que os preocupam, como também os levam a livros que lhes proporcionam belíssimos momentos de prazer e as páginas que lhes incutem os mais belos e sadios princípios

Satisfazer a curiosidade dos pequeninos, dar-lhes a alimentação adequada ao seu espírito, orientá-los nas suas procuras é missão delicada que, se implica amabilidade, desvelo, carinho e paciência, leva também a compensadores resultados.

O bibliotecário concorrendo para trazer e conservar os frequentadores da biblioteca, orientando-os devidamente, contribuirá para o desenvolvimento mais sadio e mais perfeito.

A biblioteca, fonte de boas leituras, deverá, pois, ser um lugar atraente e confortável, onde os leitores se sintam perfeitamente bem. Isso será conseguido com o mobiliário adequado e agradável que não os obriguem a posições incomodas e impróprias à saúde. Notemos que esse mobiliário poderá ser movel, prestando-se, assim, a ser disposto em semicírculo para dramatizações e em círculo para a hora do conto, tão agradável ao gosto infantil.

Teto e paredes de pintura leve, clara que refletirá a luz recebida. A pavimentação deverá ser de preferência congoleum que evite ruído, devendo ser observada constantemente a mais rigorosa limpeza.

Salas amplas, se possível, perfeitamente ventiladas, e iluminadas convenientemente em benefício da saúde das crianças.

A iluminação é de capital importância na higiene da leitura. Quando adequada, evita não só a fadiga ocular, como também posição incomoda por parte dos leitores, sendo imprescindível impedir os contrastes de luz e sombra. A luz deverá ser uniformemente distribuída e também difusa, o que não permitirá a ofuscação, determinante da fadiga ocular (em revista *Viver*, n.º 19, pg. 91).

A revista "Library Journal" de Julho de 1938, pg. 532, em excelente artigo sobre o assunto, diz que as más condições de iluminação causam a redução da eficiência da leitura, visão incomoda e prejuízo do órgão visual, podendo eventualmente causar danos permanentes aos olhos. Ultimamente, a questão tem sido estudada cuidadosamente. Considerou-se que na maior parte a iluminação das bibliotecas tem obedecido mais a um ponto de vista estético que as condições que influem na saúde do órgão visual. Uma iluminação higiênica não poderá, é claro, prescindir de levar em conta os fatores fisiológicos e psicológicos aí envolvidos. Entre eles há os produtos da fadiga ocular, redução da eficiência visual e a sensação de bem estar e conforto por parte do leitor. Tem-se mesmo procurado estudar cuidadosamente um importante item na iluminação das bibliotecas: qualidade ou cor da luz, não sendo de menos importância a questão de sua intensidade e difusão.

Não esqueçamos que a causa mais frequente de certas perturbações visuais é a difusão insuficiente da luz nas salas de leitura, decorrente da claridade que procede de lâmpadas impróprias, da superfície refletora e de alterações de focos de claridade e sombra na superfície de trabalhos. Especialistas têm-se dedicado a essa questão, sendo unânimes em afirmar que uma iluminação higiênica é possível com a tríplice cooperação de engenheiros, fisiologistas e psicólogos e em não hesitar em sacrificar às melhores condições de saúde do órgão visual, qualquer requisito de estética.

As salas deverão ser ornadas de acordo com o gosto infantil: quadros alegres que sugiram pensamentos sadios à altura das crianças, cortinas claras e leves, prateleiras que não ultrapassem 1,50 m. e onde possam ser dispostos ornamentos que concorram para tornar as salas de leitura um lugar agradável, aprazível aos pequenos leitores.

Lembremos as salas de leitura ao ar livre já tão disseminadas e que satisfazem a tantas condições de higiene. Como diz Alfredo Cónsole,

conhecido bibliotecário argentino, são os lugares ideais para iniciar as crianças no hábito da leitura, porque o ar livre beneficia sua saúde e os encantos naturais que as rodeiam despertam-lhes o sentimento do amor à natureza. Não seria necessário ir além duma mesa para livros, entre árvores frondosas, cadeiras confortáveis que muitas vezes são abandonadas e preferido o gramado onde se estendem os leitores, perfeitamente a vontade.

Tratemos agora dos livros., que tanto podem influir na mentalidade plamável e influenciável das crianças, tanto pelos bons como maus exemplos.

Diz Artur Ramos no seu livro "Saude do Espírito": "Na infância se encontram os núcleos de caráter da vida humana. A vida dos instintos, das emoções, dos afetos, a própria vida intelectual tem suas origens remotas nos primeiros tempos da vida infantil".

Daí o valor altamente significativo das leituras sadias, que, deixando impressões inicialmente recreativas, vão lentamente modelando para a criança belos quadros de valiosos exemplos.

Anatole France disse: "Quando escreverdes para crianças não o façais dum modo particular. Pensai bem, escrevei bem. Que tudo viva, que tudo seja grande, largo, poderoso na vossa narração" (in Revista de Educação, nºs 17, 18 — Periódicos para crianças, Adelaide do Amaral Barreto).

Daí, também, naturalmente, a influência perniciosa da literatura infantil largamente difundida, de folhetos e revistas que exploram a curiosidade das nossas crianças com dramas de fundo policial que acarretam tríplice prejuízo: moral, pedagógico e material, pois que os leitores uma vez iniciados nesse tipo de leitura de crimes, aventuras, aviões que se esboroa ao solo, incêndios, desastres os mais horríveis, ansiosos pelo epílogo, exigem uma verba especial para não perder o final da história.

E assim, devoram sucessivamente, centenas de folhas mal impressas, com grande número de ilustrações e uma parte insignificante de texto que permita a sua compreensão. Essa leitura, acostuma as crianças a uma passagem rápida pelo que contempla, que ela apenas agrega confusamente, não se habituando assim ao trabalho de síntese que lhe dá perfeita compreensão do assunto e real aproveitamento da leitura.

Quando nada, essas leituras causam à criança a sensação do medo, do pavor aos monstros de poderes sobrenaturais que penetram no seu mundo causando-lhes impressões de terror, nesse mundo que deverá ser de sonhos bons e impressões sadias. Mesmo certos livros clássicos de literatura infantil pecam por causar aos pequeninos, impressões deprimentes de susto e terror mesmo estando imbuidos de excelentes intenções com as bruxas impiedosas, ogres medonhos e os monstros horríveis... Henry Knight disse mesmo que seria melhor marcar o rosto de uma criança com um ferro em brasa do que distilar na sua alma o veneno degradante e destruidor do medo.

O cinema tem ultimamente filmado grande número de livros bastante conhecidos de autores clássicos e populares, e tais livros alcançaram rapidamente grande popularidade nas bibliotecas. Nos Estados Unidos, centenas de bibliotecários atestam a enorme procura desses livros, procura que gradativamente aumenta a dificuldade de conservar as prateleiras providas com essas obras. Entre nós, com "Branca de Neve", "Touro Ferdinando", "Pinóquio", "Mascote do Regimento", "O Menino e o Elefante" e muitos outros, verificamos o mesmo. Daí advirem as mesmas perniciosas consequências das más publicações, dado o

largo campo em que se estende a ação do cinema, oferecendo, talvez, maiores perigos por estar tão difundido atualmente. Os "films" de incêndios, mortes violentas, acidentes de aeroplanos e locomotivas, tiroteios, bandidos etc., são também uma fonte de excitações nervosas muito intensa e bastante prejudicial. Transcrevemos uma notícia publicada pelo "Diário de S. Paulo", de 3 de Abril de 1940: "A Delegacia de Roubos terminou as investigações a que há tempos se dedicara para descobrir os autores de vultosos roubos de joias e outros objetos. As diligências que se encaminhavam no sentido de procurar os larápios entre os já identificados como ladrões profissionais, foram depois desviadas, até se encontrar um grupo de menores que uma pista indicou serem os arrombadores. De fato, eram 5 os rapazes autores de 11 arrombamentos registrados na delegacia do Dr. Homero Vaz do Amaral, nestas últimas semanas. Investigadores especializados foram postos de vigilância em certos pontos frequentados por menores e aí os prenderam. Os rapazes cuja idade variava de 14 a 16 anos, não se mostraram surpresos ao ser detidos e com alguma paciência por parte do sub-chefe, Sr. Norberto dos Santos, foram confessando os delitos praticados. Constituídos em quadrilhas, que denominaram "Anjos de Cara Suja", imitando os garotos que trabalharam no "film", viviam do mesmo modo em porões infectos e em lugares onde não eram facilmente encontrados. De posse da confissão, a policia de roubos começou a apreensão dos objetos por eles roubados o que já foi feito em grande parte".

É pois, benéfico e necessário o espelho dos bons atos para a mente infantil, em pleno desenvolvimento. A leitura sadia se impõe como fator indispensável na sua formação antepondo-se à prejudicial influência exercida por tantos agentes que espalham sementes que se multiplicam numa frutificação nefasta.

Vejamos agora, rapidamente, qual deveria ser a boa impressão para o livro, requisito esse que não devidamente preenchido, poderia causar danos ao órgão visual: boa impressão, perfeitamente nítida; em caracteres que não sejam miúdos, que possam ser lidos sem sensível esforço, em páginas de tamanho regular, fartamente ilustradas, de preferência em côres com gravuras que possam desenvolver o senso estético e artístico do pequeno leitor.

Questão que ainda de perto toca a higiene da leitura é o estado de conservação do livro, isento de germes transmissores de moléstias infecciosas. Ponto ainda bastante debatido é se o livro será realmente um grande transmissor de enfermidades. Entretanto, são de bom princípio os cuidados com a sua desinfecção periódica o que evitaria males futuro. Sua exposição ao sol mesmo é recomendado por alguns especialistas (na falta de forno apropriado) que acham que aí devem ficar abertos, por algum tempo. No caso de algum volume ter sido manuseado por leitor que se saiba ser portador de certas moléstias, deverá ser destruído ou, então, cuidadosamente desinfetado.

É princípio indispensável numa biblioteca que os pequenos leitores lavem as mãos antes de começar a ler, enxugando-as em toalhas de papel reconhecimento higiênicas.

Nessa rápida exposição, tentei expôr os problemas que mais de perto tocam a questão da higiene de leitura.

Deem-se livros e mais livros às nossas crianças, mas selecionemo-los cuidadosamente e preparemos um ambiente de leitura que vise o seu desenvolvimento intelectual e seu bem estar. Não percamos a menor oportunidade de educar os pequenos leitores que de nós se aproximam e a biblioteca assumirá então seu verdadeiro papel como agente de adaptação

ao mundo instavel em que vivemos, multiplicando-se numa larga ação social com provisão de largas oportunidades educacionais.

Lembremos que em São Paulo há apenas uma única Biblioteca Pública Infantil, sendo que pertence à Municipalidade.

Como podem verificar pelos nossos gráficos, recebemos crianças de 58 bairros da Capital. Muitas delas, devido à grande distância que as separa de suas casas, não podem permanecer na Biblioteca mais do que poucos minutos, quando o desejariam ficar horas e horas.

E quantas delas nem chega a conhecer um único dos seus livros!

Notemos ainda que a Biblioteca paulatinamente vai atraindo os pequenos habitantes das moradias coletivas, dos cortiços, de tão precárias condições higiênicas e que habituando-se ao convívio dos livros, escapam à pernicioso influência dos bandos que pelas ruas se expõem à perigosa aquisição de hábitos os mais prejudiciais à sua formação moral. Sobre tais crianças é que sua ação é deveras surpreendente.

Seria, pois, da maior necessidade a criação, o mais breve possível, de Bibliotecas Infantis em todos os bairros de nossa Capital, especialmente nesses onde tanto poderia fazer, e, indo mais longe, nas nossas cidades do interior, onde milhares de ótimos leitores perdem excelentes oportunidades de se pôr em contacto com autores que, adequados ao seu desenvolvimento, deliciando-os, leva-los-ia a conhecimentos utilísimos.

É imprescindível, pois, seja aumentado o número de Bibliotecas em nossa Capital, no interior todo, em todo o país.

Intensifiquemos e difundamos sua ação, reconhecidamente proveitosa e benéfica, proporcionemos às nossas crianças o que lhes é devido e seremos largamente compensados.

CONCLUSÕES:

1 — É pois indispensavel, a criação de grande número de bibliotecas infantis por toda a Capital, e se possível, por todo o país.

2 — Os bibliotecários de bibliotecas infantis deverão ser diplomados por escolas normais, o que satisfaria a necessidade de conhecimentos de Psicologia e Didática, imprescindíveis à sua missão junto à infância — e ter feito o curso da Escola de Biblioteconomia que os habilitaria aos conhecimentos técnicos duma biblioteca.

3 — Incentivar os escritores de literatura infantil por meio de concursos, prêmios, etc.. para que seja acrescido o número de livros para crianças.

CARDIOPATIAS ENTRE AS CRIANÇAS DOS PARQUES INFANTIS DE S. PAULO PROFILAXIA DO REUMATISMO (*)

DR. JOSÉ MARTINS FERREIRA

Médico — S. Paulo

Subordinei a minha colaboração ao título "Cardiopatias entre as crianças dos Parques Infantis de S. Paulo" "Profilaxia do reumatismo", tema de grande atualidade, dadas a frequência de lesões do aparelho circulatório constatada na primeira infância e adolescência, lesões estas que passariam despercebidas, não fora a existência de exames médicos periódicos.

Difundir o mais possível os conhecimentos da higiene individual, os meios de conservar a saúde e os recursos mais habituais de combater a doença, são deveres precípuos de um governo que encare com altruísmo e energia o bem estar da coletividade, procurando elevar o seu nível biológico, pugnando assim pelo futuro de uma raça sadia.

O conceito moderno na medicina é o de mais vale prevenir do que curar".

Uma medida de grande alcance social (e uma medicina preventiva que se impõe) é a que se refere aos exames médicos periódicos, sistemáticos, para a elucidação de diagnósticos.

É sabido e comensal que uma moléstia, quando diagnosticada precocemente, é de tratamento menos dispendioso e de maior eficiência.

No que se refere, por exemplo, à peste branca, o método Manuel de Abreu ou de "roentgen-fotografia", é de resultados notáveis.

As crianças matriculadas nos Parques Infantis são sistematicamente encaminhadas à Clínica Cardiológica do Hospital Municipal, para os exames roentgen-fotográficos".

Por intermédio destes exames, temos verificado a existência de lesões dos aparelhos respiratórios e circulatório que, por estarem ainda em início, poderiam passar despercebidas ao mais cuidadoso exame clínico.

Feitos es exames eletrocardiográficos e "roentgen-fotográficos" e de posse dos resultados, autorizamos ou não a frequência da criança.

Visamos, assim, realizar uma "medicina preventiva", nosso principal "desideratum", com uma educação sanitária profícua, procurando esclarecer e afastar o mais possível, focos de contaminação, em se tratando de moléstias infecto-contagiosas.

As cardiopatias habitualmente têm início na primeira infância e adolescência razão porque se deve proceder aos exames clínicos periódicos para o conveniente diagnóstico, instituindo-se uma terapêutica racional,

(*) Além desta apresentou o congressista mais a seguinte tese: "Provas de alergia a tuberculina nos Parques Infantis de S. Paulo.

indicada para cada caso que se nos apresente, evitando-se, com esta providência, o aumento da mortalidade pelas afecções cardíacas.

Nos Parques Infantis as atividades exercidas pelas crianças requerem um controle cuidadoso de sua integridade cardíaca; quaisquer distúrbios circulatórios poderão ser agravados sobremodo, desde que não sejam perfeitamente indicados e, por assim dizer, dosadas as atividades físicas a serem executadas.

O permanente exame clínico das crianças no que se refere à pesquisa de perturbações para o lado cardíaco, é papel primordial do médico em um campo de educação física, onde a multiplicidade dos exercícios, quando feitos arbitrariamente, redundarão, não em benefício da criança, mas em detrimento do desenvolvimento harmônico do seu físico.

Sob o ponto de vista do aparelho cárdio-vascular, que mais nos interessa de pronto, consideramos alarmante o número de crianças portadoras de lesões. Assim, foram observadas entre as crianças matriculadas nos Parques Infantis, inúmeras apresentando cardiopatias de natureza grave conforme terei oportunidade de mostrar, citando os resultados dos eletrocardiogramas feitos pela Clínica Cardiológica do Hospital Municipal.

Não é um número suficientemente grande para fins de estatística, mas o bastante para mostrar, à evidência, a incidência de cardiopatias em nosso serviço.

As crianças em questão, como não apresentassem quaisquer distúrbios subjetivos de suas enfermidades, continuariam a exercer suas atividades normalmente, excedendo-se na maioria das vezes, dada a afoiteza e vivacidade próprias de sua idade; e isso iria contribuir para a evolução rápida das lesões de que são portadoras inconcientes, aumentando consideravelmente o índice de mortalidade.

Os exames médicos periódicos vieram sanar em parte esta lacuna, afastando imediatamente as crianças de quaisquer exercícios, desde que o exigisse a natureza de sua lesão cardíaca.

Este ponto, é curioso observar, — aliás, confirmando a idéia dos clássicos sobre o assunto, — que a maior porcentagem das crianças com cardiopatias, geralmente lesões mitraes, apresenta em seu passado morbido notícias de um surto de reumatismo poli-articular agudo; em seguida pode-se classificar como causa de lesão cardíaca, acessos de coréa; algumas das crianças, com anginas frequentes, eram também portadoras de cardiopatias. Encontramos ainda casos de insuficiência e estenoses mitraes e pulmonares, perfeitamente controlados com eletrocardiogramas, sem que o paciente apresentasse em seus antecedentes qualquer doença a que pudéssemos atribuir a eclosão das lesões referidas. É o caso, então, de crer que se tratasse de uma lesão congênita ou provocada por uma infecção focal desconhecida (kistos dentários, anginas frustas, sarampo, etc.). Observamos que crianças que nunca haviam tido reumatismo, coréa e que sofreram coqueluche, com acessos violentíssimos e traumatizantes, curando-se após muitos meses, à revelia de qualquer tratamento, apresentavam lesões cardíacas de natureza grave.

Conforme tive oportunidade de dizer há pouco, o reumatismo está em primeira plana como causa determinante de cardiopatias, o que foi confirmado pelos casos por mim verificados.

Um problema, portanto, surge: a profilaxia de reumatismo como e com que recursos poderá ser feita? É um problema por demais complexo e que requer estudos minuciosos.

A profilaxia do reumatismo poderá, inicialmente, ser tentada com base nos seguintes itens:

1.º — *Extinção dos focos primários*: Sendo o reumatismo, segundo alguns autores, quase sempre oriundo de uma infecção focal primária, a sua profilaxia poderá se iniciar com a extinção destes possíveis focos.

O foco primário tem sua séde mais habitual na cavidade buco-faríngeana, nas amídalas e principalmente nos dentes, em torno dos quais, mesmo quando são em aparência, a radiografia poderá mostrar um abcesso apical ou a piorréa alveolar (Ramon).

Ainda segundo este autor, as anginas frequentes são causa de 1/3 do reumatismo, porcentagem bastante apreciável e que deverá ser levada em conta em se tratando da profilaxia da doença.

Seria interessante e de grande finalidade profilática do reumatismo, fazer a extirpação de amídalas infectadas, extração de dentes com quistos e pranulomas e, bem assim, o tratamento ininterrupto de cáries dentárias, etc..

2.º — *Higienização das habitações*: Geralmente o reumatismo tem sua maior incidência em pessoas de parcos recursos, dadas as suas condições de vida. A questão da habitação é um fator importante e que não deve ser relegado para plano secundário, sabendo-se que a umidade poderá facilitar a eclosão da doença, que deixará, na maioria das vezes, sequelas para os lados do aparelho cárdio-vascular. Poderão também sobrevir lesões graves das articulações e reumatismo deformante, num grau mais avançado da moléstia.

Em nosso meio operário, em virtude de salarios mediocres, de famílias numerosas, pauperismo, há uma verdadeira promiscuidade nas habitações, que são focos de doenças graves, dadas as suas precárias condições higiênico-sanitárias.

Habitações úmidas, com cubagem deficientíssima, sem luz e onde vivem, em franca intimidade, crianças, adultos e velhos, predispõem facilmente à moléstia várias. Urge, portanto, que se tomem medidas enérgicas e imediatas condenando, entre nós, a existência de habitações coletivas, habitualmente sem os mais mezinhos preceitos de higiene.

3.º — *Fator alimentar*: Aliado ao que já foi exposto, é justo salientar a questão alimentar. É sabido e largamente apregoado pelos estudiosos no assunto, que o brasileiro come mal. Em nosso meio operário, principalmente, a alimentação deficiente ou, quando não, afastada dos bons princípios da dietética racional, favorecerá o aparecimento de hipo e avitaminoses diversas, tornando o terreno com as defesas orgânicas diminuídas e predisposto às doenças de carência, reumatismo e outras correlatas.

Será útil proceder-se, entre os escolares, a uma propaganda higiênico-dietética sistemática, com profusa distribuição de cartazes elucidativos nos quais serão demonstrados, com abundâncias de detalhes, os resultados benéficos de uma dietética alimentar racional, sadia.

É o que tinha a dizer relativamente à profilaxia do reumatismo.

A seguir, como contribuição ao estudo das cardiopatias na infância e adolescência, tomei a iniciativa de reunir alguns casos de cardíacos encontrado entre os frequentadores de nosso serviço, passando a transcrever os resultados dos exames feitos na Clínica Cardiológica do Hospital Municipal, sob a direção de abalisados especialistas:

- 5 — N. S. — n.º 727 , com 8 anos — Estenose pulmonar congê-
- 1 — D. P. — n.º 2.003 Y, com 6 anos — Insuf. mitral
- 2 — N. T. — n.º 1.717 Y, com 6 anos — Com. int. ventricular
- 3 — I. M. — n.º 1.798 Y, com 7 anos — Insuf. mitral

4	— A. M. — n.º	—	com 12 anos	— Estenose pulmonar
5	— N. S. — n.º	1.727	, com 8 anos	— Estenose pulm. congênita
6	— R. M. — n.º	965	Y, com 7 anos	— Insuf. mitral
7	— J. S. — n.º	446	L, com 11 anos	— Insuf. mitral
8	— A. P. — n.º	1.062	, com 11 anos	— Insuf. mitral
9	— N. F. — n.º	1.564	Y, com 8 anos	— Esteno mitral
10	— N. M. — n.º	1.448	Y, com 11 anos	— Insuf. mitral
12	— F. P. — n.º	1.482	Y, com 11 anos	— Insuf. mitral
13	— C. L. — n.º	1.648	L, com 12 anos	— Insuf. mitral
14	— D. R. — n.º	420	L, com 12 anos	— Doença mitral
15	— L. N. — n.º	1.501	L, com 9 anos	— Estenose mitral
16	— L. E. — n.º	129	L, com 12 anos	— Com. inter-ventricular
17	— N. B. — n.º	35	L, com 10 anos	— Estenose pulm. cong.
18	— J. J. — n.º	1.579	L, com 4 anos	— Insuf. mitral
19	— L. B. — n.º	424	L, com 11 anos	— Arritmia sinusal
20	— I. R. — n.º	1.783	Y, com 8 anos	— Insuf. aortica
21	— L. S. — n.º	1.809	Y, com 8 anos	— Lesão congênita

Terminando estas ligeiras considerações, pelas quais se pode verificar, de um modo geral, a frequência de cardiopatias entre nossas crianças, acredito ser de grande finalidades encertar entre os escolares uma campanha sistemática bem orientada, no sentido da profilaxia das moléstias que poderão ser causa de lesões cárdio-vasculares.

Far-se-á, assim, uma medicina preventiva de real interesse para a coletividade, contribuindo para diminuir o índice de mortalidade de indivíduos portadores de cardiopatias.

Do exposto, cheguei às seguintes conclusões, que submeto à apreciação deste Congresso:

1.º — Vantagens dos exames periódicos, pelos quais ser-nos-á possível descobrir, em seu início, lesões dos aparelhos circulatório e respiratório.

2.º — Tratamento mais eficiente das lesões referidas, em virtude de diagnóstico precoce.

3.º — Necessidade de se fazer, entre os escolares, uma propaganda higiênico-sanitária, com referência às anginas, amidalites, afecções dentárias e outras, causas frequentes que são de reumatismo.

4.º — Pesquisa sistemática entre os escolares, de reumatismo e coréa, doenças estas passíveis que são de recedivarem.

5.º — Profilaxia do reumatismo, com eliminação de focos primários, frequentemente causadores de cardiopatias.

6.º — Sendo ainda o salicilato de sódio o remédio heróico não só no reumatismo, como também de dôres reumatóides frustas, mialgias, etc., que, apesar de sua benignidade poderão deixar sequelas no aparelho cárdio-vascular, deve-se instituir com este sal, um tratamento intensivo, profilático-curativo. nos casos que se apresentem, acompanhando-se a evolução da moléstia com eletrocardiogramas e radiografias.

7.º — Melhoria das condições higiênico-sanitária das habitações, quanto a umidade, cubagem, luz, etc..

8.º — Alimentação racional, com distribuição sistemática de cartazes, acompanhada de conselhos sugestivos e acessíveis aos escolares.

A ALIMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS DOS PARQUES INFANTIS DE S. PAULO

Estudo realizado no Parque Infantil da Lapa

CILDA A. MOREIRA GOMES

Educadora Sanitária — S. Paulo

COMO SE APRESENTA O PROBLEMA

O problema da alimentação em geral, e da criança em particular, tão complexo e vasto nos seus variados aspectos, e por isso mesmo tão interessante e atual, não o é menos, quando o focalizamos no âmbito dos Parques Infantis. E se orna ainda mais amplo e profundo, se considerarmos que não se limita à área fechada do Parque, mas se estende às casas de suas crianças, ao nível de vida da família e à própria natureza do trabalho de seus membros. Para resolvê-lo em parte, não é suficiente prestar no Parque assistência alimentar, ensinar às crianças o valor da alimentação racional, quando no lar não tem elas meio de obter os alimentos, ou quando a ignorância dos progenitores é a causa da alimentação falha e errônea. "Impõe-se recordar a cada instante que o alimento é um apital que se deve conhecer para governá-lo sábiamente. Para a maioria da humanidade que é a que menos pode, a metade dos seus recursos se consome na alimentação: só este focaliza a questão em sua magnitude, obrigando os governos a ensinar a todos a aplicação adequada e prudente do capital alimento". (Pedro Escudero). É esta a face educacional e social do problema, a qual exige uma solução de caráter geral, que foge à nossa alçada.

Consideremos agora, sob um outro aspecto: como se apresenta ele na criança. "A restrição de alimentos acarreta a redução de substâncias necessárias, o desfalque do tecido vital, leva ao "deficit", diminue a resistência, e decorrem então a fraqueza, a desnutrição e a falência orgânica, com todas as conseqüências maléficas de anemia, tuberculose, etc., e as decorrentes fatalidades, inaptidão para o trabalho, miséria, fome e morte". (Alexandre Moscoso).

ESTADO DE NUTRIÇÃO DA CRIANÇA AO INGRESSAR NO PARQUE

É nesse estado de desnutrição e carência que elas se apresentam ao ingressar no Parque. Para provar essa afirmativa, fizemos a verificação do estado ponderal, ao se matricularem. Devido ao tempo reduzido, limitámos a 200 o número de observações, número pequeno sem dúvida, em relação ao registro geral, mas bastante para permitir um juízo apro-

ximado. Para tal fim, anotámos um a um os pesos, altura e idade das crianças no momento da matrícula, após o que confrontámos essas medidas com as correspondentes às do mesmo sexo e idade da criança normal, pela tabela antropométrica adotada pelos Parques Infantis.

Como era de esperar, o número de crianças de peso baixo do normal, foi elevado. De 200 observações, 123 apresentaram "deficit", o que atinge uma percentagem de 61,5%. ouve predominância de 1, 2 e 3 quilos para menos, atingindo, entretanto, alguns, de 5 a 8 quilos de "deficit"!

Apenas 26 crianças, numa percentagem de 13,0%, sobrepujaram o peso normal, numa incidência maior de 1 a 2 quilos de "superavit".

Estavam em relação de igualdade, 51 crianças, numa proporção de 25,5%.

ANÁLISE DE ALIMENTAÇÃO

Observando, por meio das fichas do Inquérito sobre Alimentação organizado pela Divisão de Educação e Recreio da Prefeitura Municipal, a média da alimentação dos menores do Parque Infantil da Lapa, em suas refeições.

Verificando as refeições principais (almoço e jantar) de 10 crianças, durante 7 dias, (uma semana), num total, portanto, de 140 refeições, obtivemos os seguintes resultados:

ALIMENTOS E PORCENTAGEM EM QUE FORAM ENCONTRADOS

Almoço:

Arroz	— em 55,7% das refeições
Feijão	— em 51,4% das refeições
Carne	— em 34,2% das refeições (sob forma de bolinhos, bifes, etc.)
Massas	— em 18,5% das refeições
Verduras	— em 22,8% das refeições
Raízes e tubérculos	— em 24,2% das refeições
Peixe	— em 8,5% das refeições
Ovos	— em 5,7% das refeições
Víceras	— em 2,8% das refeições

Jantar:

Arroz	— em 41,4% das refeições
Feijão	— em 38,5% das refeições
Carne	— em 30,0% das refeições
Verdura	— em 24,2% das refeições
Raízes e tubérculos	— em 7,1% das refeições
Conservas	— em 12,8% das refeições
Peixe	— em 4,2% das refeições
Víceras	— em 4,2% das refeições

Como vemos, é pequena a proporção de alimentos protéicos (carne peixe, ovos, víceras), verduras e legumes, predominando as substâncias ricas em hidratos de carbono, como as massas, o arroz, o feijão, batatas, etc., cujas proteínas são pobres ou nulas de aminoácidos indispensáveis ao crescimento e aumento de peso, com o triptofano, a lisina, a cistina, etc..

Queremos salientar que o cardápio compõe-se quase exclusivamente de 3 pratos: o arroz, o feijão e mais um complemento, que pode ser bolinho de batata ou de carne, uma verdura e, mais raramente, carne. Deve-se notar que quando surge um prato que foge à rotina, como macarrão, ou sopa, que fazem parte da alimentação comum do proletário, e que por si só constituem um repasto, os outros alimentos são abolidos.

Sabemos que a criança exige para sua manutenção, em relação ao adulto, um consumo maior de substâncias alimentares, para um maior fornecimento de energia calórica. Isso porque, além da "ração de sustento", deve receber também uma "ração de crescimento", que concorra para a formação do organismo em desenvolvimento. Esta ração deve ser rica de substâncias plásticas, que vão constituir os novos tecidos.

Entretanto, a realidade se apresenta muito diferente: refeições insuficientes quanto ao seu valor calórico, pobres quanto aos seus princípios construtores. Para ilustrar, somos tentada a citar a seguinte observação, muito expressiva e típica.

Menino A. P. — Ficha de Inquérito n.º 10 — Idade 12 anos. Peso 29,800 grs.. Altura 1,35 cms.. Peso normal: 35 quilos. Deficit ponderal, 5,200. Esta, portanto, com 15% do peso, abaixo do normal. Passado mórbido: Sarampo, anginas frequentes, pneumonia, ancilostomose. Exame regional: sopro anêmico, mucosas descordadas. Fisionomia apática, não revela grande atividade quer física, quer psíquica. Está na escola, leva almoço para o pai, à fábrica, e à tarde vai ao Parque. Para melhor objetivar, evitando alongar-nos em demasia, transcreveremos a sua alimentação de um dia apenas. Óbvio é dizer que o teor da mesma, durante os outros dias de inquérito não variou em essência.

- 1.^a refeição — às 7 horas da manhã — café e pão.
- 2.^a refeição — às 11 horas — arroz, feijão, xuxú e uma banana.
- 3.^a refeição — às 15,30 horas — café e pão.
- 4.^a refeição — às 18 horas — arroz, feijão e verdura.

Considerando-se os cálculos estabelecidos pela Junta de Higiene da Liga das Nações, por intermédio de sua Comissão Técnica, que determina para as "crianças de 12 anos e acima, o coeficiente 1 para calorias, como um suplemento conveniente para a despesa muscular e 2,5 grs. de proteínas por quilo de peso corpóreo", temos: necessidade calórica, 3.000 calorias. Pelas informações apresentadas, podemos calcular o total de calorias que esse menino ingere, obtendo cerca de 1.900 calorias aproximadamente, isto é, cerca de 1/3 menos do que deveria consumir! Além dessa pobreza quantitativa, a alimentação é também demasiado unilateral. Há escassez de substâncias protéicas e de alimentos ricos em vitaminas, sais minerais e escórias.

Queremos frisar que essas observações não visam um fim estatístico. Procurámos, apenas, demonstrar, e à evidência, a situação *real* de uma das nossas crianças. E, pelo conhecimento que temos das suas famílias e condições, podemos, "mutatis mutandis", estender essas considerações à maioria delas.

ALGUMAS CAUSAS DA DESNUTRIÇÃO

Que poderemos concluir do que foi exposto?

- a) Que mais de metade das crianças, ao ingressar no Parque Infantil, apresenta "deficit" de peso.

b) Que a alimentação das crianças, além de parca, é deficiente de princípios nutritivos, indispensáveis ao seu desenvolvimento e aproveitamento normais.

Quais as causas prováveis desse estado de coisas?

Variados e complexos são os fatores que podem atuar. Apresentam, todavia, uma correlação íntima, que difícil será estabelecer distintamente. Procuraremos classificá-los em:

- 1 — Fator econômico;
- 2 — Fator patológico;
- 3 — Fator social: Trabalho e Ignorância.

Para estudarmos o primeiro item, será necessário saber: a) o rendimento total da família; b) despesa com a alimentação; c) número de pessoas; d) custo dos gêneros; e) base do regime alimentar da família em geral e da criança em particular. Como vemos, este item constitui por si só uma tese para um trabalho substancial e demorado. Exige pesquisa minuciosa e completa, como ainda não se fez.

De um modo geral, entretanto, podemos afirmar que a situação econômico-financeira do operário *é sempre precária.*

FATOR PATOLÓGICO

Embora passem despercebidas na maioria das vezes, são as cáries dentárias frequentes causas de verdadeiras fobias por alimento. Pode-se até justificar essa atitude como natural defesa ao sofrimento ocasionado por quaisquer substâncias no dente lesado. As amídalas hipertrofiadas, determinando amidalites e infecções frequentes, locais e gerais, as verminoses, o raquitismo, as avitaminoses, etc. diminuem a resistência orgânica, facilitando a eclosão de estados mórbidos e consequente depauperamento físico. Aquilatando sua importância, procuramos afastar, na medida do possível, essas causas, ora medicando convenientemente a criança, ora encaminhando-a para Clínica de Oto-Rino-Laringologia, Clínica Dentária, etc. conforme se fizer necessário.

FATOR SOCIAL

Trabalho dos pais. Como temos observado, no lar operário ambos os pais trabalham para a manutenção da família, deixando os filhos num relativo abandono. Em geral, a mãe, antes de sair, faz o almoço, do qual deixa uma parte para o filho, que a esquentará hora de se servir. Ora, uma refeição quase sempre diminuta e nem sempre bem feita, não é de molde a estimular o apetite de quem quer que seja, mormente de uma criança, que, com o fito nos brinquedos ou no horário escolar, engole, às pressas, uma porção mínima do pouco que lhe coube. E nesse estado, não propriamente de fome, "mas de ilusão de ter comido", vai para a escola, onde lhe sobrevem mal-estar, perturbações, cefaléa e náuseas, com suas consequências de desatenção, tornando-se um elemento nocivo aos colegas, além de se prejudicar a si própria.

IGNORÂNCIA

Não existissem os fatores já citados, dificuldades financeiras, doenças, etc., a criança operária continuaria deficientemente alimentada, sinão quantitativa, pelo menos qualitativamente. Isso porque, resta ainda um fator capaz por si só de ser causa de uma alimentação errônea e insuficiente: a ignorância.

Nunca se terá falado em demasia sobre a ignorância do povo no que concerne aos princípios de higiene em geral, e principalmente, da alimentação sadia e racional. Como diz o Prof. Escudero, "nada tem resistido tanto à corrente da civilização, como a arte de comer". A unilateralidade alimentar predomina: é a clássico arroz com feijão. A carne, as verduras, o leite e os ovos, constituem um luxo de que a bolsa do operário não pode dispor. Outro ponto que deve ser frisado, é o da falta de horário das refeições. Percorrendo as fichas do Inquérito constatámos a maior disparidade de horário e irregularidade no número das mesmas. Em compensação perdura o péssimo hábito de as crianças comerem doces, sorvetes e demais guloseimas nos intervalos das refeições, roubando o apetite e alguns tostões, os quais acumulados poderiam ter um fim mais util.

DA COLABORAÇÃO DO PARQUE

A medida do seu alcance, o Parque Infantil procura auxiliar a alimentação de suas crianças, por meio de fornecimento de lanches e de uma educação higiênico-dietética, ministrada aos pais e às próprias crianças. Os lanches são constituídos por um copo de leite, uma fatia de pão e um complemento variavel: manteiga, doce de frutas, mel, banana e queijo. Periodicamente são feitas palestras aos parqueanos, ressaltando as qualidades deste ou daquele alimento, e aos pais, orientando-os no regime alimentar adequado aos seus filhos. Verificando o aproveitamento físico dos frequentadores do Parque Infantil da Lapa durante o ano próximo findo, obtivemos o resultado altamente consolador e estimulante para a continuação de nosso serviço, da bastante expressiva percentagem de 83% de aumento de peso. Permaneceram com o mesmo peso relativamente, apenas 17%, e felizmente não tivemos a registrar a queda de peso de nenhuma das crianças dos nossos serviços.

CONCLUSÕES

a) Indubitavelmente, os serviços que prestam os Parques Infantis são da mais alta valia, visto que zelam pela criança, inculcando-lhe novos hábitos de vida. Entretanto, reconhecemos, estamos muito aquém daquilo a que se poderia chamar de *optimum* para se chegar a atingir o objetivo visado, qual seja o de preparar uma criatura forte e sadia. O problema em tésé, pode se resumir em duas palavras:

- I — A criança precisa *ter* o que comer.
- II — A criança precisa *saber como e o que comer.*

b) No primeiro caso trata-se de matéria que foge ao nosso alcance, uma vez que depende o fato de outras esferas administrativas. Essas crianças que nos procuram são, na sua quase totalidade, filhos de ope-

rários, e sabemos todos que o índice de vida do proletariado não corresponde de modo algum às suas necessidades vitais. O nosso operário alimenta-se mal porque o seu salário é tristemente pequeno, e o teor normal de vida está muito acima do que ele percebe. Dessa forma não é possível conciliar interesses de que resultassem vantagens para possibilitar a melhoria da alimentação.

c) No segundo caso, poderá o Parque Infantil exercer papel de destaque, educando as crianças na forma pela qual devem alimentar-se, como, por exemplo: fazer mastigação adequada, para que resulte uma digestão fácil e proveitosa; regularizar o horário das refeições; conhecer os alimentos indispensáveis a uma boa nutrição e saber fazer a sua escolha, afim de que não se sirvam de alimentos de inferior qualidade, velhos, deteriorados, e, portanto, quase nada nutrientes.

d) É necessário, pois, que se conjuguem esforços no sentido de se oferecer à classe menos abastada, condições de vida que lhe permitam uma possibilidade de escolher os alimentos, para que se possa obter um índice de aproveitamento na economia animal capaz de resistir à luta pela vida que um dia terão de enfrentar as crianças de hoje.

e) Fazemos da nossa parte tudo o que está ao nosso alcance, mas é mister acrescentar que dos poderes superiores, da Saúde e Educação Públicas é que devem partir as primeiras providências, que promoverão uma existência sadia e feliz para a criança brasileira.



SERÃO OS PARQUES INFANTIS DE SÃO PAULO UMA INSTITUIÇÃO INCOMPLETA?

ALCEU MAYNARD ARAUJO

Instrutor — S. Paulo

Bem definiu o que é um Parque Infantil o Dr. Nicanor Miranda em sua conferência "O significado de um Parque Infantil em Sto. Amaro — pg. 19, Tip. das Flores — S. Paulo", definição que não é apenas uma doutrina, mas que encerra um programa de ação: "Parques Infantis são logradouros públicos onde, pela recreação e pelo jogo organizado, se procura educar a criança, ministrando-lhe simultaneamente toda a assistência necessária".

A criança num Parque Infantil de acordo com as suas necessidades reais goza dos benefícios da assistência, educação e recreação. A sua assistência quer no sentido médico, higiênico alimentar é o que de melhor existe em nosso País. Ao lado disso tudo não é descuidada a assistência social que de fato é um elemento eficaz do programa, preparando homens de amanhã, fortes física, moral e intelectualmente.

O trabalho educacional de um Parque Infantil não se restringe apenas ao parqueano: invade seu lar, afogando preconceitos errôneos, desbaratando rotinas, elevando o nível dos seus pais. O parqueano impõe aos pais novas atitudes para com a vida. É porque os ensinamentos ministrados num Parque Infantil têm o poder de contagiar e transformar para o bem, para o útil, para o prático o que há de rotineiro e bolorento das atitudes medievascas das quais são lídimos representantes em nossa época, a grande maioria dos pais dos parqueanos, porque na quase totalidade são estrangeiros de origem, de costumes diferentes dos nossos.

A educação física ministrada nos Parques Infantis, orientada sob os moldes mais modernos, visa formar no parqueano uma personalidade marcante, um indivíduo útil e valioso a si próprio e à comunidade social, do qual é uma célula que deve ser física e moralmente sadia.

A criança que no Grupo Escolar recebe as luzes da instrução e todo amparo social que modernamente a Escola lhe proporciona, que recebe a influência doce e inesquecível da mestra das primeiras letras, influência esta que marca indelevelmente o seu espírito, que recebe esse afeto terno daquela que soletra com êle o "b-a-bá", e que ao passar pelo Parque Infantil goza os benefícios que esta instituição lhe proporciona, sofre ao sair do Grupo Escolar e do Parque Infantil uma violenta, brusca, inexorável solução de continuidade em sua vida.

É por isso que o Parque Infantil é uma instituição incompleta, e todo o trabalho pertinaz do Grupo Escolar periclita e sossobra não raro.

De que vale termos tanto trabalho com a criança nos Grupos Escolares e nos Parques Infantis? Porque gastar rios de dinheiro com o

ensino, se não há um elo educacional entre a fase da infância e a vida adolescente? Porque tanto acervo de sacrifícios se não há uma educação para a cultura?

Em época oportuna, vendo a gravidade desse problema e para que não haja solução de continuidade entre a infância e a idade adulta, para que esse vestibulo da época da realidade, esse estágio que assinala e aponta à vida para uma derrota ou uma vitória cabal — a adolescência, redundasse numa pedra angular do edifício da nacionalidade, é que os poderes públicos voltam a sua atenção para a juventude.

Que é a *Juventude Brasileira* sinão um entreato sadio entre a infância e a idade adulta?

O adolescente que entre nós foi sempre esquecido, hoje já possui a sua instituição protetora. E porque? Por que a criança que foi amparada nos primórdios de sua vida necessita que este amparo se processe através da adolescência porque é aí que se firmam todos os conhecimentos que lhe foram ministrados, para perenizarem no adulto destro para enfrentar todas as contingências que a vida atual impõe.

Esse magno problema da adolescência de há muito vem recebendo especial cuidado da Prefeitura Municipal de São Paulo, através do Departamento de Cultura, pelo seu órgão especializado, a Divisão de Educação e Recreio, nos Clubes de Menores Operários. Há quatro anos que se vem processando esse trabalho, "porque os Clubes de Menores Operários não visam tão somente, como julgam muitos, a educação física da juventude trabalhadora de São Paulo. A sua finalidade é mais precípua, mais ampla, mais universal. Eles visam criar uma personalidade vigorosa, no adolescente operário, uma personalidade cuja expressão seja originada da prática dos jogos, dos esportes e do cultivo de certas formas de arte. É seu objetivo, ainda, o aumento da capacidade e melhoria do trabalhador profissional, a educação higiênica, o aperfeiçoamento da vida mental do adolescente, a formação de hábitos morais e a elevação da consciência cívica dos moços". "Esta obra será, estamos certos, uma contribuição valiosa para o engrandecimento de uma Pátria cada vez mais forte e mais nobre, e de uma humanidade cada vez mais generosa e feliz" (Dr. Nicanor Miranda, in Revista do Arquivo Municipal — vol. XLVIII — pg. 84).

É sabido de todos nós que milhares de alunos passam pelos Grupos Escolares. Aprendem a ler, escrever e fazer as operações. Muitos pais por um conceito errôneo, ou pela necessidade imperiosa de ganhar o sustento, tiram os filhos do 2.º ou 3.º ano escolar, porque já "sabem muito" o "suficiente para viver". São estes metidos nas fábricas para o ganha-pão. Quer burlando a lei, quer mesmo sob a sua proteção, ingressam para o trabalho e, como aprendizes, vão ganhando seus parcos mil réis.

Nesse interregno entram na adolescência. Primeiros contatos com a vida. Primeiro cigarro. Amigos que dizem algo sensacional e desconhecido, que a imaginação ardente crepita para ver e sentir. Glândulas que entram em funcionamento e operam uma revolução física, fisiológica, mental e moral. Época atroz que poderá guindá-los para o ideal, ou lançá-los à sargeta. Os conselhos bons, as palavras doces ouvidas no Grupo Escolar e no Parque Infantil começam a cochilar e a dormir, porque a noite da dúvida invade o espírito. Nem homem, nem criança. Triste situação. Se se achega ao indivíduo amoral, qual cancro, suas palavras e maneiras corrompem aquelas atitudes límpidas e inspiradoras do mestre escola, que sempre visou a formação do caráter individual.

O carater tem como base sólida as atitudes e emoções que lhe estão ligadas. O escolar sai daquela fase de experiências primárias, elementares, para entrar num período mais elevado na adolescência. "Mas para essa passagem faz-se mistér a ajuda de adultos ou de guias que a orientem no seu comportamento. Na adolescência, o indivíduo já não se satisfaz com o simples motivo de praticar ou deixar de praticar um ato porque os pais, professores, instrutores, "acham" que está errado. Necessita saber a "razão" de tal comportamento. A razão é a base dos atos morais, pois a moral nada mais é do que a "reta razão dos atos humanos". O adolescente está apto a adquirir a consciência de seus atos. A consciência é que dirige a vontade na ação" (Nicanor Miranda — Técnica do jogo infantil organizado — pg. 63 — Departamento de Cultura — 1940).

Para a transformação do carater do adolescente, temos que nos utilizar de um processo eficaz que é a imitação. A companhia exerce real influência no adolescente. Colocá-lo num ambiente sadio é o que tem visado o Departamento de Cultura através dos Clubes de Menores Operários. A formação de grupos naturais suscita dos educadores atenção especial, porque influenciados pelo exemplo, esses grupos virão a ser valores positivos.

Modernamente o educador pode utilizar-se do jogo que é uma trilha segura por onde devem passar as tendências da criança, procurando a auto-disciplina, plasmando caracteres, sendo uma realidade na vida adolescente e adulta.

Abrir os olhos dos analfabetos será uma obra valiosa sem proporcionarmos algo mais em seu beneficio?

Há poucos dias travei relações de amizade com um grupo de rapazes que estão internados na casa de uma sra. que lhes dá além da alimentação e roupa, instrução e educação, aquilo que a maioria necessita, — o afeto e carinho maternos, que nas casas correcionais não lhes é dado. Esses menores são conhecidos como "anjos de cara suja". Conversando com um deles, contou-me que havia roubado cerca de 20 conots de joia. E como? Por efeito da leitura de livros policiaes, desses livros de aventuras que impunemente se encontram à venda em bancos de jornais de nossa Capital. Entusiasmou-se com a leitura, e cometia roubos, pois que a nossa polícia estava ainda atrasada para descobrir artimanhas de um "crime perfeito" que com tantas minúcias lera nos contos policiaes. Esse menor estivera no Grupo Escolar, aprendeu a ler, tinha e tem grande pendor para a leitura. Ao sair do Grupo Escolar foi ganhar a vida, mas esta era dura, o mais facil seria seguir o que dizia aquele nefasto livrinho. E porque tudo isso? Porque ele não teve a felicidade de viver em ambiente onde pudessem vicejar as virtudes inatas à alma humana.

Do lar para o Grupo Escolar, deste para a sargeta, da sargeta para uma instituição correcional e se esta uão lhe proporcionar um clima propício, amanhã será um candidato às penitenciárias.

"Antes prevenir do que remediar", diz o velho adágio popular. Como instituição preventiva, o Clube de Menores Operários se impõe, porque perscrutando-se e analisando-se os problemas da juventude nacional, nos seus multifários aspectos, voltando-se-lhes a atenção e mesmo refletindo-se sobre as consequências trágicas do abandono moral, social e físico do adolescente, constatou-se que, em nossa Pátria, era preciso criar uma organização que não viesse apenas remediar, mas, sim, prevenir os males sociais.

O Parque Infantil seria uma instituição incompleta, caso não houvesse os Clubes de Menores Operários, porque o Clube de Menores Operários é um processo educacional para a formação integral do caráter do adolescente que trabalha.

CONCLUSÕES

- a) A obra educacional de nosso povo ainda está restrita aos Grupos Escolares e Parques Infantis. As crianças ao atingirem os 12 ou 13 anos deixam de receber as influências benéficas dessas instituições;
- b) Depois dos 12 anos, os nossos adolescentes ficam em quase completo abandono, entregues a si mesmos;
- c) Os laços e vigilância paternos se afrouxam na adolescência, mormente entre a população operária;
- d) A nossa Capital é industrial, com densa população operária, cujas horas de lazer devem ser orientadas;
- e) As forças do mal agem livremente e as forças do bem são pequenas para frear nossa juventude. O vício assalta com mais frequência e facilidade o adolescente, cujas horas de descanso são mal aproveitadas;
- f) A juventude precisa de um apoio decidido e leal dos poderes públicos;
- g) O jogo organizado, sabiamente dirigido, é um plasmador de caracteres;
- h) Os Clubes de Menores Operários são o "habitat" para a processuação do jogo organizado. Devem-se incrementar e fundar em todo Brasil Clubes de Menores Operários como baluartes fortes de uma Pátria forte de filhos fortes.



A DRAMATIZAÇÃO NO PROGRAMA DE ATIVIDADES DOS PARQUES INFANTIS DE S. PAULO

ALCINIRA MENDES CARNEIRO

Instrutora — S. Paulo

Entre as diversas atividades dos Parques Infantis de S. Paulo, a dramatização figura nas do 4.º grupo, ou seja, o grupo das atividades dramáticas. (Nicanor Miranda, "Classificação das atividades em um Parque Infantil" — Preleção realizada no Curso para Instrutores de Parques Infantis).

A primeira vista este tema não parece apropriado a um Congresso de Saúde Escolar. Examinando, porém, a dramatização como processo moderno e salutar na formação da infância, compreenderemos facilmente sua alta função educativa. O viver intenso nas dramatizações quer de histórias, fatos ou mesmo em aulas de educação física concorre eficaz e cientificamente para a restauração biológica da infância.

A arte do teatro, ou seja, a simples dramatização é já em muitos países civilizados, uma das mais cultivadas e apreciadas. Ela contribui com grande eficiência para fortalecer e socializar um povo. Considerando-a como uma arte, diremos que ela não só eleva um povo como ainda o instrui e enobrece. É a dramatização a grande flama intelectual, moral e social; é por assim dizer, a fonte da qual a sociedade necessita para viver. A arte de socializar se entrelaça com grande função educativa.

Citemos, apenas a título de curiosidade, dois países europeus que consideram as dramatizações como base de cultura social e religiosa.

1.º — A Rússia Soviética, que eleva o teatro acima de tudo no país, com o fim não só de recrear e socializar o povo, mas ainda de fortalecer o governo.

2.º — A França, que também cultiva o teatro não com o mesmo fim com que faz a Rússia, mas para educar artisticamente o seu povo. Não há muito tempo tivemos o prazer de ver nos jornais e também nas fitas cinematográficas a magnífica festa da inauguração da Catedral de Reims, que é uma das mais belas obras de arquitetura. Como se deu a inauguração? Com uma grandiosa representação artística, levada por um grupo teatral da Sorbone! Aliás, esta não é a primeira catedral onde se fazem representações artísticas; já em Chartres, Leon e Vezelay fizeram o mesmo. Fato idêntico se deu também há pouco tempo, durante o Congresso Eucarístico de Quebec, onde as autoridades eclesásticas escolheram obras magníficas do dramaturgo Henri Chéon para levar a efeito.

O método acromático, outrora tão em voga entre os educadores, não se adata a esta nova época de evolução e dinamismo, em que o mundo se nos apresenta imbuído de idéias renovadoras. As crianças de hoje

não são as mesmas de ontem, nem tão pouco os educadores modernos estão de pleno acordo com os antigos nos processos educacionais. Já que estamos evoluindo e renovando sob todos os pontos de vista, temos que considerar a *educação e restauração biológica* da infância como um dos nossos problemas capitais. É da infância que tudo se espera, pois as crianças de hoje serão os cidadãos de amanhã, e uma educação errônea ou mal dirigida repercutirá, fatalmente, na sociedade vindoura. Não é somente o intelecto da criança que deve ser educado, mas sim também o seu físico e a sua vontade. A educação intelectual deve estar sempre unida à educação física.

Um dos primeiros cuidados dispensados às crianças, do ponto de vista educativo e sem dúvida o da socialização. Os Parques Infantis votam especial cuidado a esta atividade, empregando todo esforço possível para desenvolver nos pequenos o espírito de disciplina e cooperação, procurando evitar, tanto quanto possível, as manifestações de egoísmo e demasiado individualismo. A dramatização é um dos principais processos para a socialização da criança. Além disso, dado o grande prazer com que os pequeninos tomam parte nessa atividade, podemos considerá-la como creadora e estimuladora de novas energias, concorrendo eficazmente para o crescimento físico dos mesmos.

A título de estudo fizemos diversas dramatizações entre os frequentadores dos Parques Infantis, chegando a conclusão de que é essa uma das atividades que mais os agradam e entusiasma, mormente em se tratando das meninas.

Nestes dias estão sendo concluídos no Parque Infantil Pedro II os preparativos para a dramatização de seis lendas amazônicas. É digna de nota a grande satisfação e espontaneidade com que as crianças desejam prestar toda a ela pequenina, mas valiosa colaboração a esta iniciativa de insigne valor educativo e sobretudo nacionalista.

Falemos agora, inda que ligeiramente sobre a dramatização nas escolas primárias. Entre os múltiplos processos de ensino, vamos considerar aqui, para estabelecer um paralelo, dois apenas: O Acromático, passivo e o da dramatização, ativo. Comparando-os veremos, sem nenhuma dificuldade, as falhas do primeiro e a eficiência e interesse do segundo. Suponhamos em uma escola. O professor quer dar uma aula sobre o descobrimento do Brasil. Chama a atenção da classe e expõe o assunto. (Processo Acromático). Duas ou três crianças estão atentas, cada uma assentada em seu lugar e afastadas das demais que se acham com a atenção apenas contemplativa, mas, na realidade, longe do assunto proposto pelo professor. Este é um processo de ensino em que a criança apenas utiliza o sentido auditivo. Porque não pôr em prática a dramatização, em que todos os alunos tomam parte ativa, utilizando-se dos sentidos para melhor gravar o fato?

Acresce ainda o importante papel da cooperação. Nenhum representa ali uma parte individual, apesar de muitos terem papéis salientes. Todos estão colaborando para o mesmo fim, dependendo sempre uns do auxílio dos outros. O professor apenas lançará a idéia: "Vamos representar o descobrimento do Brasil?". Imediatamente surgirão: o descobridor, seus companheiros de jornada e, finalmente, os habitantes da nova terra. Aparecerão novas questões: as caravelas, as vestes antigas, as grandes navegações por mar, países desconhecidos... Teremos então uma globalização do ensino. Não só as crianças apreenderão um ponto de história pátria por um modo tão interessante, mas ainda entrarão em contato direto com todos os outros problemas que vão surgindo no decorrer do trabalho.

Não devemos considerar a dramatização como sendo apenas o teatrinho infantil tão em voga entre as crianças nos dias de festas escolares; nem tão pouco a simples exibição, fora do palco, no meio de uma sala de cenas previamente preparadas. A dramatização será tanto mais eficiente quanto mais espontâneo e interessante o assunto. Ela deve sair de dentro para fora da própria classe, apenas com sugestões dos mestres ou alunos mais adiantados, que deverão fornecer aos outros idéias oportunas e grande estímulo.

Do mesmo modo, a educação física procura aproveitar o grande interesse da criança pelas dramatizações, afim de fazer com que ela realize com prazer e aproveitamento os diferentes flexionamentos. As dramatizações, quer de histórias, quer nas aulas de educação física tem muitos pontos de contato. Ambas aproveitando o que há de mais importante neste período de vida da criança, visam um fim comum: a educação pelo interesse.

Segundo Backheuser, "a educação ou é geral ou deixa de ser educação". Estas dramatizações globalizam, por assim dizer, a educação intelectual, física, moral, artística e ainda a sexual.

Depende entretanto, em grande parte, do modo de serem encaminhadas estas dramatizações, para que as crianças possam aproveitar estes diferentes ramos de cultura que concorrem para a educação geral.

Finalizando, devo ainda dizer que no Brasil o processo da dramatização não constitui novidade. Ele conta, aqui, cerca de quatro séculos, sendo empregado desde os tempos coloniais. Lembremos da nossa Piratininga, que se originou em uma escola, tendo como mestre a grande e simpática figura de Anchieta. Este educador, poeta e santo, tendo verdadeira intuição, naqueles remotos tempos, do que seria o ensino, a catequese, por meio da dramatização, compunha, ele próprio, os seus dramas, comédias e outras peças teatrais tão em voga na Côrte, onde os introduzira Gil Vicente, o fundador do teatro português.

A grande diferença, entretanto, — e nisto reside o valor do eminente taumaturgo — está em que o teatro gilvicentino visava apenas deleitar, ao passo que o de Anchieta tinha um fim mais elevado, mais nobre, mais prático: transmitir aos catecúmenos o ensino da Religião e da Moral por meio mais ao alcance e tão do agrado deles. E assim o Veneravel Santo, concebendo as suas peças, compondo-as em estilo simples, mas elegante, musicando-as e ensaiando-as, ainda ele próprio, iniciou no planalto gauroento de Piratininga, há 400 anos, o ensino intuitivo por meio do processo de que ora nos ocupamos: a dramatização.

CONCLUSÕES

I — O viver intenso nas dramatizações quer de histórias, fatos ou mesmo em aulas de educação física, concorre para a restauração biológica da criança.

II — A maioria dos países civilizados considera as dramatizações como base de cultura social.

III — Dado o grande prazer com que as crianças tomam parte na dramatização, podemos considerá-la creadora e estimuladora de novas energias, concorrendo eficazmente para o desenvolvimento de sua personalidade.

IV — Entre os múltiplos processos de ensino, a dramatização pode ser considerada em primeiro plano por ser um processo ativo.

PESO, ESTATURA E CAPACIDADE VITAL EM CRIANÇAS DOS PARQUES INFANTÍIS DE SÃO PAULO

DR. JOÃO DE DEUS BUENO DOS REIS

S. Paulo (*)

É ainda cedo para tirar das medidas antropométricas colhidas nas crianças dos Parques Infantís, conclusões que sirvam de padrão para estudos posteriores a serem feitos nas crianças operárias de São Paulo.

As pesquisas foram orientadas no sentido de conseguir observações as mais completas e numerosas possíveis, no campo da Biotipologia.

O presente trabalho não visa dar como resolvido nenhum dos assuntos tratados, mas somente estimular e oferecer uma pequena contribuição às pessoas que se possam interessar por este gênero de pesquisas.

As medidas consideradas isoladamente perdem muito de seu valor; assim o exame polimétrico é ideal, pois, cada medida ou pesagem é complemento e apóio das outras na expressão da condição anatômica de uma função.

Mas, querer possuir em breve tempo, todo o conjunto delas é utopia, ainda mais, considerando que o exame antropométrico revela seu verdadeiro valor, quando apoiado nos exames clínicos e fisiológicos.

Dos métodos para a determinação do crescimento e dos fatores que modificam para melhor ou para pior, o mais perfeito é aquele que consiste na obtenção de uma série de medidas periódicas de cada indivíduo, desde o nascimento até a morte, observando-se para as mensurações, a mais rigorosa técnica. Os Parques Infntís já possuem dados relativos a alguns elementos biológicos colhidos em uma mesma criança, durante cinco anos consecutivos.

Com curvas e gráficos de crescimento, obtidos com os elementos individuais assim colhidos, poder-se-á com muito maior rigor observar a tendência geral do crescimento individual. Em seguida, pela comparação das curvas de muitos indivíduos, estabelecem-se características gerais do desenvolvimento de um dado traço.

Diariamente, sente-se a necessidade premente de tabelas que, de modo real, auxiliem a ajuizar do maior ou menor desvio apresentado pelas novas crianças que afluem aos Parques Infantís. As poucas tabelas existentes não oferecem garantia quanto à sua aplicabilidade às crianças dos nossos Parques.

(*) O dr. João de Deus Bueno dos Reis apresentou, além desta, mais as seguintes teses: "Assistência médica nos parques infantís de S. Paulo"; "A pediculose no Parque Infantil Pedro II, em S. Paulo"; "Acidentes nos parques infantís de S. Paulo"; "Deficientes respiratórios nos parques infantís de S. Paulo".

Em recente trabalho, otimamente lançado, a Educadora Sanitaria, D. Antonieta de Castro, apresenta os resultados colhidos em 8,360 crianças dos Grupos Escolares da Capital. Este trabalho vem preencher uma grande lacuna apresentada pela antropologia infantil em nosso meio.

Sentimos imensamente não poder estabelecer um paralelo entre os dados por ela obtidos e o que ora apresentamos devido a premência de tempo, o que aliás fizemos com elementos colhidos pelo Prof. Alberto L. Reichenbach, Professor de Educação Física e Jogos das crianças frequentadoras do Clube Atlético Paulistano desta Capital (Anexo VI).

Na análise do desenvolvimento não podem deixar de ser encaradas as diferenças trazidas pelos fatores hereditários e mesológicos que, conjuntamente, atuam sobre o mesmo desenvolvimento, favorecendo ou retardando sua progressão.

Por mais que se envidassem esforços para conseguir grande casuística, fatores extranhos à nossa vontade, limitaram nossas possibilidades de pesquisas. Esse número — 8979 medições individuais — que, para outro gênero de pesquisa, poderia satisfazer, julgamo-lo deficientíssimo, mormente se for considerada sua distribuição por sexos e idades.

Todo o rigor possível foi usado na obtenção dos dados que servem de base às conclusões finais deste trabalho.

É sabido que o exame antropométrico de crianças e adolescentes deve ser periódico. Vários exames são necessários para acompanhar a marcha do seu crescimento. Embora as pesagens e medições das crianças dos Parques Infantis da Capital sejam feitas periodicamente, foram aproveitadas apenas as pesagens e medições verificadas por ocasião do início de sua frequência, deixando-se de levar em consideração as posteriores, por já refletirem as vantagens auferidas pelas crianças em virtude da assistência que lhes é prestada nos Parques Infantis da Capital. Outrossim, foram apenas computadas, as medidas compreendidas numa amplitude de tres meses relativamente às idades cronológicas das crianças.

TÉCNICA EMPREGADA

Os dados foram expressos numericamente, em gramas para o peso, em centímetros para a altura e em centímetros cúbicos para a capacidade vital.

Para efetuar a medição da estatura foi usada a craveira que está adaptada à balança do serviço. Colocadas as crianças de pé sobre o piso da balança, descalças, de calcanhares unidos, peito saliente, cabeça direita, olhando para a frente, braços caídos ao longo do corpo, foram rigorosamente obtidas e anotadas todas as medidas de estatura, fazendo-se deslizar sobre o trilho graduado a haste movel da craveira, até esta tocar suavemente o ponto mais elevado da cabeça da criança.

As medidas não foram tomadas pela manhã como é indicado, visto ser praticamente impossível reunir todas as crianças nessa hora.

Deixamos de mencionar os outros detalhes da técnica empregada para a medição da estatura por serem demais correntios.

A *pesagem* das crianças dos Parques foi efetuada por meio de balanças que apresentavam sensibilidade a 50 gramas.

O vestuário adotado para as pesagens consistiu apenas no calção vermelho, parte do uniforme oficial, o qual, dado o seu ínfimo peso, não foi deduzido do peso total.

Não foi possível executar a pesagem de todas as crianças pela manhã antes do almoço, como exige o rigor técnico, pelo mesmo motivo apontado anteriormente.

As medidas, obtidas segundo a técnica corrente, foram feitas após a verificação sistemática do exato funcionamento da balança, isto é, sendo esta última aferida e tarada diariamente.

Ao lado dos dois elementos antropométricos — peso e estatura — foi colocado um dado fisiométrico do real valor que permite medir e avaliar a capacidade de esforço, de trabalho e de rendimento do aparelho respiratório. Não há dúvida que esse elemento se subordina a outros exames que deixamos de computar, por fugir ao âmbito destas ligeiras notas.

O exame da capacidade vital consiste na medição do volume máximo de ar que pode ser expirado por uma pessoa, depois de uma inspiração máxima. Para se efetuar tal medição foram utilizados espirómetros de Barnes.

A técnica adotada na avaliação da capacidade vital foi a usual, isto é, a criança de pé, erecta, com vestuário perfeitamente folgado no peito e pescoço.

Tomada pela criança uma inspiração, a mais profunda possível, foi todo o ar naturalmente expirado de forma a ser introduzido no espirómetro, pelo respetivo bocal.

Tornou-se inexecutável a técnica preconizada por Rosenthal, devido a escassez de funcionários e de tempo; isto não implica, porem, o não encarecimento de seu valor.

Na execução dos exames foi levado em consideração o aspecto exterior do indivíduo e observadas as dificuldades respiratórias, falta de fôlego, etc..

Inúmeras dificuldades surgiram durante o trabalho, entre as quais cumpre salientar:

- a) imperfeição dos aparelhos;
- b) diversidade do horário à coleta de dados;
- c) perfeita verificação da idade, em alguns casos;
- d) reduzido número de crianças em certas idades, etc. etc..

O VALOR DOS ELEMENTOS EM QUESTÃO

Circunstâncias várias levaram-no a escolher dentre os múltiplos elementos individuais, colhidos rotineiramente nos Parques Infantis do Departamento de Cultura, apenas tres deles — peso, estatura e capacidade vital.

Estes tres elementos oferecem as vantagens de serem os de maior praticidade, os mais generalizados e os que oferecem, ao lado de menores causas de erro, uma idéia bastante aproximada do grau de desenvolvimento físico das crianças.

Convém reconhecer que o fato de se tomar a estatura total, como única medida de comprimento, acarreta graves consequências, pois representa ela, na verdade, a soma das alturas dos membros inferiores, do tronco, do pescoço e do crânio, contribuindo cada um desses segmentos que têm função diferente, para o alongamento do corpo.

Binet chegou à conclusão de que a prova espirométrica é a que oferece, isoladamente, uma classificação individual mais aproximada da classificação obtida com o concurso de todos os fatores.

Com a medição da altura, peso e capacidade vital das crianças, procurou-se obter um índice de crescimento, de forma a posteriormente poder-se estabelecer uma comparação com os outros característicos somáticos biológicos ou mentais.

* * *

As crianças dos Parques Infantis do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal da Capital, pesadas e medidas forneceram dados relativos as várias idades, cujos totais se encontram resumidos em um quadro (anexo I).

A interpretação estatística dos elementos colhidos é da mais imprescindível necessidade, pois, do contrário, nenhum valor teria a reunião de elementos que não nos fornecessem conclusões uteis.

Com os valores obtidos, seguindo rigorosamente os preceitos estatísticos em voga, determinamos a média, a mediana, a norma ou moda e o grau de variabilidade, devidamente ponderados, das várias medidas correspondentes a cada idade (anexos II, III, IV e V).

Finalmente procuramos estabelecer o coeficiente de correlação entre as tres medidas, isto é, a frequência de sua influência recíproca ou coeficiente de covariação, para podermos avaliar a repercussão de um fenómeno sobre o outro.

Feitos os cálculos necessários que deixamos de transcrever para não avolumar o presente trabalho, conseguiram-se elementos com os quais pudemos levantar o gráfico do anexo VII, e tirar as conclusões finais.

Muitas das conclusões a que chegamos foram verdadeiramente imprevisíveis e não estão de acordo com os resultados apresentados em idênticas condições por autores de reputação mundial.

É possível que estejamos laborando em erro; porem, em se tratando de trabalho de caráter eminentemente prático, e, baseado em dados fornecidos por instrumentais que afastam completamente os fatores pessoais, temos que concluir serem as causas de erro existentes unicamente atribuíveis a imperfeição dos aparelhos ou das técnicas utilizadas na coleta dos dados.

Conjecturando a respeito, já no início do trabalho, procuramos uniformizar as técnicas empregadas.

Se os dados conseguidos apresentam falhas, tais falhas foram reduzidas a um mínimo compatível com as condições de trabalho oferecidas aos funcionários.

Na justificativa das conclusões só podem ser invocados *fatores hereditários* (raciais, taras, etc.) e *adquiridos* (mesológicos), os únicos responsáveis pela diversidade dos dados obtidos.

Apelar para questões raciais, ao tratar-se de *fatores hereditários*, é coisa relativamente muito difícil entre nós, dada a multiplicidade de origens étnicas e o grande cruzamento ou mestiçagem apresentado pelas crianças dos Parques Infantis. Existe nos Parques Infantis de São Paulo um verdadeiro cosmopolitismo.

As taras influem prejudicialmente no desenvolvimento físico e psíquico da criança, lesando muito mais o psíquico que o físico. Sem deixar de influir no somático, não chegam a alterar grandemente o ritmo global do desenvolvimento físico das crianças, dada a sua pouca influência sobre as normas desse mesmo desenvolvimento. Tal influência se faz sentir nos casos extremos.

Os *fatores mesológicos*, ao que parece, não modificam grandemente o ritmo do desenvolvimento somático das crianças, nas condições em que

elas se nos apresentam, visto não ser sua influência tão grande a ponto de alterar completamente as condições intrínsecas de sua vida.

As condições de adaptação do organismo humano, fora das condições extremas, são múltiplas e poderosíssimas. Todavia, embora tenhamos chegado a tais conclusões, não podemos anular a influência manifestada pelos fatores mesológicos.

Se por um lado, as condições mesológicas que cercam as crianças são, como acabamos de salientar, compatíveis com um relativo desenvolvimento físico, não podemos deixar de desejar, para as crianças dos Parques Infantis, melhoria das suas condições de vida.

Por outro lado, os mesmos fatores que garantem esse mediano desenvolvimento físico, não são uma garantia do desenvolvimento ideal, quer psíquico, moral e social.

As diferenças apresentadas pelas crianças proletárias e burguesas, quanto a capacidade vital, residem, talvez, nas horas passadas durante a noite em quartos com ar viciado, quando não sejam devidas a diferenças de técnicas ou de aparelhos.

Quanto aos fatores mesológicos, temos ainda a acrescentar que estes influem também na resistência das crianças às moléstias.

As atividades estáticas peculiares às meninas talvez sejam a causa da menor capacidade vital por elas apresentadas, de 8 a 12 anos. A puberdade acelera grandemente o ritmo do desenvolvimento somático, independentemente dos fatores hereditários ou adquiridos, o que justifica o progresso apresentado pelas mesmas a partir dos 12 anos.

A organização de Parques Infantis com assistência médica, alimentar e recreativa, influe, favoravelmente, para que os casos extremos voltem ou convirjam ao normal.

CONCLUSÕES

Do presente estudo tiramos as conclusões abaixo, as quais, poderão servir de fundamento para posteriores e mais completos trabalhos:

1.º — As normas ou modas, medianas e médias encontradas para as várias idades das crianças dos Parques Infantis de São Paulo, são as constantes das tabelas (anexos II, III, IV e V) do presente trabalho.

2.º — As irregularidades e oscilações apresentadas pelas curvas de peso, estatura e capacidade vital, em igualdade de condições de observação, mais ou menos se equivalem para os vários Parques. Procuramos verificar a conclusão supra, visto alguns autores terem afirmado que as curvas de peso são mais irregulares e apresentam maiores oscilações que as outras.

3.º — Considerando-se as crianças do Clube Atlético Paulistano de nível econômico elevado e as dos Parques Infantis da Capital de baixo nível econômico, chega-se à conclusão que:

— as crianças de menores recursos vencem ou acompanham as de meio abastado em peso e estatura, donde se conclue que as melhores condições mesológicas do caso em apreço não exerceram influência. Esta conclusão está em desacordo com Villermé, Pagliani, Niceforo, Axel Key, Rietz, Bowditch que encontraram diferenças de peso entre as crianças da classe pobre e as da classe remediada, diferenças essas que variam de 5 a 6 quilos e de 3-4 quilos respectivamente para meninos e meninas. (Dr. Faria de Vasconcelos, pag. 109 — O Valor Físico do Indivíduo).

4.º — Os resultados da comparação entre as curvas das medianas do Clube Atlético Paulistano (anexo VI) e dos Parques Infantis da Capital (anexos II, III, IV e V) oram os seguintes:

PESO:

- P. I. Pedro II — *meninas* — vencem até aos 6 anos; acompanham até aos 9; perdem daí por diante até aos 13 anos.
meninos — vencem até aos 11 anos; depois perdem daí por diante, até aos 13 anos.
- Ipiranga — *meninas* — acompanham até aos 9 anos; depois perdem, daí por diante, até aos 13 anos.
meninos — vencem até aos 11 anos; depois perdem, daí por diante, até aos 13 anos.
- Lapa — *meninas* — vencem dos 5 aos 9 anos; depois perdem, daí por diante, até aos 13 anos.
meninos — vencem dos 4 até aos 10 anos; depois acompanham daí por diante, até aos 13 anos.
- Sto. Amaro — *meninas* — perdem até aos 6 anos; acompanham até aos 9 anos; depois perdem, daí por diante.
meninos — vencem em todas as idades, de 2 a 13 anos, com exceção de 8 a 9 anos, em que perdem.

ESTATURA:

- P. I. Pedro II — *meninas* — vencem até aos 9 anos; depois perdem, daí por diante, até aos 13 anos.
meninos — acompanham até aos 10 anos; depois perdem, daí por diante, até aos 13 anos.
- Ipiranga — *meninas* — vencem até aos 8 anos; depois perdem, daí por diante, até aos 13 anos.
meninos — acompanham até aos 8 anos; depois perdem, daí por diante, até aos 13 anos.
- Lapa — *meninas* — vencem até aos 9 anos; depois perdem, daí por diante, até aos 13 anos.
meninos — acompanham até aos 8 anos; depois perdem, daí por diante, até aos 13 anos.
- Sto. Amaro — *meninas* — vencem dos 5 aos 7 anos; acompanham até aos 10 anos; perdem daí por diante, até aos 13 anos.
meninos — perdem em toda a curva, de 2 até 13 anos.

CAPACIDADE VITAL

- P. I. Pedro II — *meninas* — perdem em toda a linha, de 2 a 13 anos.
meninos — perdem em toda a linha, de 2 a 13 anos.
- Ipiranga — *meninas* — perdem em toda a linha, de 2 a 13 anos.
meninos — perdem em toda a linha, de 2 a 13 anos.

Lapa — *meninas* — perdem em toda a linha, de 2 a 13 anos.
meninos — perdem em toda a linha, de 2 a 13 anos.

Sto. Amaro — *meninas* — perdem em toda a linha, de 2 a 13 anos, com exceção dos 7 anos.
meninos — perdem em toda a linha, de 2 a 13 anos, com exceção dos 6 anos.

a) Os meninos dos Parques Infantís de São Paulo, ganham em peso dos Parques Infantís para perderem dos do Clube Atlético Paulistano, Dessas idades em diante nada podemos adiantar visto nossas observações irem até aos 13 anos, idade máxima de permanência de crianças em Parques Infantís. Em todo caso parece existir uma tendência dos meninos dos Parques Infantís para perderem dos do Clube Atlético Paulistano dessa idade em diante.

b) As meninas dos Parques Infantís, vencem, em peso, as do Clube Atlético Paulistano, até a idade de 9 anos, para depois perderem, até aos 13 anos.

c) As meninas e os meninos dos Parques Infantís vencem ou acompanham em estatura as crianças do Clube Atlético Paulistano, até aos 8 e 10 anos, para perderem a partir dessa idade, até aos 13 anos. Esta conclusão vem contrariar a observação de vários autores (Bertillon-Bowdith, Manouvrier, Robert Niceforo, Pagliani), os quais afirmam que as crianças de classes pobres apresentam estatura menos elevada do que as crianças de classes remediadas e ricas (Dr. Faria de Vasconcelos — O valor físico do indivíduo — pg. 85).

5.º — No anexo VII damos a distribuição das crianças a cujos dados nos vimos reportando, por sexo, nos Parques e pelos dados totais selecionados.

6.º — O anexo VIII é um diagrama que resume os dados do item anterior. Num total de 3.246 crianças de ambos os sexos, foram selecionadas, 700 (350 do sexo masculino e 350 do sexo feminino), de cujos dados médios construíram-se curvas de peso, estatura e capacidade vital. A dos meninos constitui o anexo IX e a das meninas o anexo X.

7.º) Anexo IX — Meninos — Ritmos de progressão — Este diagrama revela o seguinte:

a) *peso* — tanto a curva dos valores totais quanto a dos valores selecionados apresentam ligeira aceleração do ritmo até aos 10 anos. Daí por diante há um impulso, mas, a curva é ligeiramente decelerada.

b) *estatura* — ambas as curvas (dados totais e dados selecionados) se desenvolvem em ritmo ligeiramente decelerado até aos 10 anos; daí por diante a curva dos dados totais segue em ritmo uniforme a tendência do ano anterior, enquanto que a dos dados selecionados acompanha as características da curva dos pesos.

c) *capacidade vital* — a curva dos dados selecionados apresenta as mesmas características de sua correspondente para as alturas, posto que, até aos dez anos a deceleração seja tão pequena que se poderia considerar este segmento como uma reta. A curva dos dados totais é praticamente uma reta para todo o período em estudo. Há uma ligeira inflexão abaixo dos cinco anos.

8.º — Anexo X — Meninas — Ritmos de progressão — Este diagrama revela o seguinte:

a) *peso* — ao contrário do diagrama para o sexo masculino, o peso das meninas apresenta, tanto na curva dos dados totais, quanto na dos selecionados, uma curva muito uniforme, ligeiramente acelerada, sobre-

tudo, depois dos 10 anos. Esta curva é do tipo da equação $\log y = a - b x$.

b) *estatura* — as curvas de estatura tanto dos dados selecionados quanto dos dados totais revelam notável uniformidade de ritmo e se aproximam da equação $\log. y = a - b \log. x$.

c) *capacidade vital* — a curva dos dados gerais apresenta perfeita correspondência com a curva dos pesos. Entretanto a dos dados selecionados é uma curva reversa, acelerada até aos 7 anos, ligeiramente decelerada até aos 9, quando muda de ritmo, para acelerar-se um pouco mais até o fim do período, sobretudo no último ano.

9.º — As curvas de peso e estatura revelam de um modo geral, medidas um pouco mais altas nos dados selecionados, tanto dos meninos quanto das meninas, com exceção do último ano dos meninos. Quanto a capacidade vital a curva dos dados selecionados, quer para as meninas é secante das curvas dos dados gerais.

10.º — Não existe obrigatoriamente correlação entre peso e estatura das crianças. O primeiro dado varia em função dos tecidos em geral, enquanto que o segundo depende, exclusivamente da superposição das peças de sustentação corpórea (esqueleto e articulações). O afrouxamento dos ligamentos das articulações e mesmo a atitude do indivíduo mais ou menos retesado, pode redundar em modificações da estatura, sem que, no entanto, o peso seja influenciado por tais fatores.

11.º — Várias moléstias, tais como gripes, coqueluches, bronquites, prejudicam temporariamente a capacidade vital.

12.º — Interessa-nos muito mais o equilíbrio dos vários fatores individuais do que a maior ou menor aproximação de cada um deles do padrão estabelecido como normal.

13.º — Devemos levar em consideração o indivíduo normal como um ser único e indivisível, tendo todas as suas funções interdependentes harmonicamente (responsividade).

14.º — Do ponto de vista da responsabilidade, cada indivíduo deve ser o padrão de si mesmo.

15.º — Estabelecidos com as várias medidas colhidas, coeficientes para cada idade, torna-se mais fácil estudar a questão da responsabilidade.

PARQUES INFANTIS EM BUENOS AIRES

DR. ARNALDO PEDROSO FILHO

S. Paulo

CONCLUSÕES

I — Os parques infantis de Buenos-Aires têm por objetivo cuidar da população necessitada e indigente da cidade, podendo abrigar 7.600 crianças.

II — O pavilhão principal apresenta amplas salas para a secretaria, gabinete médico e odontológico.

III — As crianças são divididas em normais e deficientes.

IV — *As deficientes, com atividades e alimentação especiais, são classificadas, de acordo com a lesão que apresentem, em: nutritivas, linfáticas, respiratórias, cardíco-hemáticas e neuro-endócrinas.*

V — O médico pode, pelo exame que realiza, atingir dois importantes desideratuns — profiláticos e terapêuticos.

VI — A área não edificada, com balanços deslizadores, etc., tem um campo destinado aos banhos de sol, sesta e palestra com a zeladora.

VII — A diretora, com as auxiliares, cuida da parte administrativa e orientação educativa.

VIII — Os argentinos, como nós brasileiros, estão muito bem aparelhados para prestar a assistência e educação integral à criança, nos parques infantis.

G O P H E
E P H E

ESCOLAS AO AR LIVRE, PARQUES INFANTIS E COLÔNIAS DE FÉRIAS NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

PROF. M. J. MORAES BARROS

Chefe do Serviço de Colônias de Férias — S. Paulo

CONCLUSÕES

1 — A necessidade de uma vida natural para a criança, estabelecendo atividades de acordo com o seu desenvolvimento físico e mental, exige um ambiente em plena natureza como condição primordial. Os elementos naturais, sol, ar, luz e o exercício físico metódico e racional, são estímulos reais para a garantia das funções fisiológicas, equilíbrio orgânico, saúde e bem-estar.

2 — As escolas ao ar livre são aquelas que garantem o aproveitamento físico maior e tornam o ensino interessante e proveitoso.

3 — Os Parques Infantis são instituições que tendo por base o exercício físico metodizado, fornecem um ambiente favorável e uma recreação organizada, auxiliando a obra da Escola e completando o desenvolvimento integral da criança.

4 — As Colônias de Férias são instituições máximas para a garantia da saúde infantil pelas reações rápidas e convincentes provocadas pelo desnívelamento em clima que o organismo experimenta.

5 — A educação física, sistemática e racional praticada nas colônias vem contribuir para um aproveitamento maior, e habituar a criança ao exercício salutar.

6 — As colônias de férias, pelo contato íntimo com a natureza, exercícios físicos racionais, formação moral e cívica e atividades bem orientadas e dirigidas, realizaram um trabalho construtor, progressivo e constante, o desenvolvimento integral da criança.

Senhores:

O Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, pugnando para a multiplicação das Escolas ao ar Livre, Parques Infantis e Colônias de Férias, cumpre o programa delineado pelo Dr. Adhemar de Barros digno Interventor Paulista, cujo trabalho fecundo e eficiente na assistência e proteção à criança, vem contribuindo para o robustecimento das gerações em formação, para um futuro promissor, para um Brasil maior.

COMO CONTRIBUIÇÃO DO TEMA IX APRESENTARAM TESES MAIS OS SEGUINTE CONGRESSITAS:

- CH. WYMERSCH — A escola ao ar livre de Suresnes.
- PROF. ALFREDO GOMES — Da criação dos Departamentos de Educação Física nos estabelecimentos de ensino.
- PROF. IDA JORDÃO KUESTER — A educação moral nos Parques Infantís de São Paulo.
- PROFS. IRACEMA FRANÇA e CLOVIS DE SOUZA — Os jogos infantís e a educação física.
- PROF. ZILDA BEVILACQUA — A dança folclórica nos Parques Infantís de São Paulo.
- PROF. OLEZIO DE ARRUDA CAMARGO — A educação física e a higiene nas escolas primárias.
- PROF. MARIA LUCIA DE SAMPAIO PINTO — Organização de educação física em face da saúde escolar.
- PROF. HELENA ELIAS — Escolas ao ar livre, jogos infantís, Parques Infantís, Colónias de Férias.
- PROF. GISELDA RUPOLO — Da cooperação entrè a educadora-sanitária e a instrutora de educação física nos Parques Infantís de São Paulo.
- PROF. GELOIRA DE CAMPOS — Os jogos, segundo o método francês, na experiência dos Parques Infantís de São Paulo.



TEMA X

A ADAPTAÇÃO E A ESCOLHA DE PROFISSÕES

Relator: DR. ARISTIDES RICARDO.

CONCLUSÕES

- 1ª) *A Orientação Profissional é um serviço de caráter social.*
- 2ª) *A Orientação Profissional deve visar o adulto, o adolescente, principalmente o menor que estiver a terminar o curso primário, aquele que, por lei, não está em idade de ingressar na vida profissional, e os anormais passíveis de orientação profissional.*
- 3ª) *A Orientação Profissional é um trabalho de cooperação entre a Família, o Estado e as Instituições Particulares.*
- 4ª) *A Orientação Profissional precisa da colaboração do médico, do psicólogo, do psicotécnico, do professor, do educador sanitário e do assistente social.*
- 5ª) *A Orientação Profissional exige pessoas especializadas para o serviço de orientação e aconselhamento profissional e educacional.*
- 6ª) *Há necessidade de pôr em prática, com modificações que atendam à situação atual, o que determina o artigo 290 do Código de Educação do Estado de São Paulo, em seu capítulo III que trata dos Cursos Pré-Vocacionais.*
- 7ª) *O trabalho só constitui uma solicitação útil ao desenvolvimento psico-físico do indivíduo, quando este, por suas disposições mentais e corpóreas se encontra em condições de satisfazer as suas exigências.*

(1) O relator dr. Aristides Ricardo apresentou verbalmente o seu relatório.

- 8ª) *Para a escolha de uma dada profissão deve o indivíduo ser estudado do ponto de vista psico-físico, de modo a verificar-se se êle oferece as disposições mentais e corpóreas necessárias à realização integral das atividades peculiares à profissão escolhida.*
- 9ª) *Para o estudo das exigências do trabalho, cumpre realizar a sua análise funcional, verificando qual a natureza e qual a intensidade de seu mecanismo.*
- 10ª) *Para o estudo do indivíduo do ponto de vista da sua constituição psico-física, recorrer-se-á ao emprêgo de provas clínicas e de psicotécnica, destinando-se, aquelas, à determinação das possibilidades mentais do indivíduo.*
- 11ª) *Quando tais provas demonstrem a incapacidade psico-física do indivíduo para o exercício de tal ou qual profissão, ainda que escolhida, deve êle ser encaminhado para outra profissão, compatível com a sua capacidade, recorrendo-se, em tal caso, à correlatividade e educação das funções.*
- 12) *A seleção profissional deve ser feita nos cursos vocacionais das escolas profissionais ou institutos congêneres, como condição essencial à preservação da saúde individual e à boa execução de um dado trabalho.*



ALGUNS ASPECTOS DA ORIENTAÇÃO NA ESCOLHA DE PROFISSÕES

Profa. JUVENTINA P. SANTANNA

São Paulo

I — QUE É A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

A Orientação Profissional é um serviço que surgiu com o desenvolvimento da sociedade. À medida que esta se foi tornando complexa, a Orientação Profissional passou a exigir atenções, cuidados e estudos especiais, e, hoje ela requer técnica especializada, métodos adequados, processos próprios e pessoas qualificadas para a sua realização.

Pelos meios de que se vale para atingir o seu fim, a Orientação Profissional respeita os princípios naturais e sociais que dirigem o homem, atende as leis do desenvolvimento e as capacidades individuais, vale-se dos conhecimentos e descobertas científicas, aproveita-se das experiências humanas, segue o bom senso e acompanha o progresso social, educacional, comercial, industrial, agrícola, militar...

Com horizontes de tão grande amplitude, a Orientação Profissional precisa ter as suas finalidades determinadas. Estas variam de época para época, de país para país, porém, podemos, de modo geral, considerar como divididos em dois grupos as finalidades da Orientação Profissional:

Finalidades gerais:

- a) conhecimento da pessoa a ser orientada;
- b) conhecimento, por parte do orientado, do grande número das profissões;
- c) aconselhamento, escolha da profissão;
- d) colocação dos orientados;
- e) trabalho de coordenação, fiscalização para reajustamento dos colocados;

Finalidades especiais:

- a) formação da mentalidade profissional dos orientados;
- b) registro de informações a respeito dos orientados e das oportunidades de trabalho do meio em que vivem os indivíduos a serem orientados;
- c) estudo intensivo das profissões e das habilitações que estas exigem.

Estas finalidades incluem problemas de caráter moral-social, médico, psicológico, educativo, legislativo e, principalmente, econômico, pois, entram em jogo a vida da pessoa, as capacidades de produção do trabalhador, o valor dos bem-dotados, a estabilidade profissional, ao lado das preocupações com os instáveis na profissão, com o rendimento por hora de trabalho, com o estudo dos salários, com as férias regulamentares, com o mercado de trabalho...

Vemos, por estas finalidades, que os elementos da Orientação Profissional não são apenas as pessoas a serem orientadas, pois, ela abrange também a profissão, o meio profissional e o orientador.

O orientado é todo aquele que é passível de ser encaminhado para uma profissão.

Para que o encaminhamento seja acertado é necessário o conhecimento e a verificação dos característicos de ordem física, intelectual, moral, social do orientado, isto é, a avaliação de sua estrutura psicofisiológica e de sua personalidade.

A primeira vista, parece que somente o homem normal, anormal ou deficiente é o visado pela Orientação Profissional, porém, a mulher solteira, casada ou viúva e o menor púbere, adolescente, abandonado ou não, também são considerados por ela.

A *profissão*, segundo a define Schwittau "é a atividade pessoal em que o indivíduo realiza a sua vocação ou disposições especiais, dentro de um trabalho que determinará a sua participação na vida social e que lhe garantirá meio de subsistência, além de valorizá-lo positivamente para a economia do país".

As exigências da profissão escolhida ou do grupo de profissões do qual essa faz parte devem ser do conhecimento daquele que vai guiar o orientado.

O meio em que o orientado terá que viver profissionalmente, além de outras informações, requer o conhecimento, que nele deve ter, da marcha das atividades impostas pela profissão escolhida; das profissões que tendem a desaparecer ou a progredir e das que têm caráter passageiro, e ainda, do efeito da propaganda e a lei da oferta e da procura.

O orientador profissional sempre existiu, mesmo nas sociedades não organizadas. Hoje, porém, os problemas da Orientação Profissional estão a pedir pessoa qualificada nesta nova modalidade de trabalho social que ainda não se definiu entre nós.

Para ser orientador profissional não basta ter a técnica e os conhecimentos especializados de orientação profissional, não basta conhecer a Psicologia em suas diversas correntes e especializações, a Pedagogia com seus métodos e processos, a Psicotécnica, a Psicografia e a Grafologia em suas particularidades, é preciso ter vocação.

Passamos a definir a Orientação Profissional como sendo o trabalho de informação, conselho e experiências que irá auxiliar o indivíduo na escolha de uma profissão, na preparação para ela, no ingresso e progresso dentro dela.

Analisando esta definição, vemos dois aspectos distintos na Orientação Profissional:

a) um é dar às pessoas informações e conselhos a respeito da escolha da profissão, preparação para ela, entrada e maneira de nela fazer progresso;

b) o outro é o auxílio prestado à pessoa ao tomar decisões ou a fazer escolha de estudos, de programas e de escolas.

Ao primeiro chamaremos de Orientação Profissional e ao segundo de Orientação Educacional.

Pela Orientação Profissional e pela Orientação Educacional o indivíduo a ser orientado será levado a conhecer as oportunidades profissionais e educacionais da cidade, do Estado e do País em que vive; será auxiliado a conhecer as profissões e as escolas, a compreender os problemas de trabalho e de estudo de forma a poder preparar-se para a vida na comunidade; ser-lhe-ão indicadas as oportunidades de trabalho e de estudos; será guiado de modo a atingir os seus objetivos profissionais ou educacionais porque a escolha de uma carreira deve ser feita depois de se ter da mesma uma ideia nítida, exata do que realmente ela é, pois, do contrário, seria não só um perigo para a sociedade como também um imenso prejuízo para o profissional.

Assim pensando, a Orientação Profissional e a Orientação Educacional devem ser iniciadas no meio escolar para melhor eficiência de ação sobre o indivíduo a ser orientado profissional e educacionalmente.

Destas considerações outros problemas se levantam em se tratando da orientação profissional e educacional do escolar.

Quem deve ser orientado: os menores que trazem para um serviço de orientação profissional e educacional o desejo definitivo dos pais para que êle siga tal profissão ou tal curso de estudos, ou aqueles que na realidade estão sem saber o que fazer na vida profissional futura ou os escolares?

Em resumo: a Orientação Profissional e a Orientação Educacional é um trabalho de orientação a ser feito junto dos pais, ou junto daqueles que realmente não têm orientação profissional alguma?

II — COMO É FEITA, DE MODO GERAL, A ESCOLHA DA PROFISSÃO OU DO CURSO DE ESTUDOS?

A experiência que obtivemos durante o período compreendido entre os anos de 1932 a 1937, época em que estivemos na direção do Serviço de Orientação Profissional e Educacional do Laboratório de Psicologia, atualmente anexo à Cadeira de Psicologia Educacional da Secção de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, habilita-nos a apresentar o seguinte quadro, relativo ao "Como" e ao "Porque" da escolha da profissão:

COMO É FEITA A ESCOLHA DA PROFISSÃO	PORQUÊ É FEITA A ESCOLHA DA PROFISSÃO
1 — pelo conhecimento das vantagens que outros alcançaram na prof.;	1 — predomina a influência de amigos e parentes;
2 — pelo aproveitamento da experiência dos meios acumulados pelos pais que assim sentem garantir o futuro dos filhos;	2 — predomina a vontade dos pais que desconhecem as qualidades e as aptidões dos filhos, com flagrante desrespeito da liberdade individual;
3 — pela conveniência social;	

- | | |
|--|--|
| 4 — pela facilidade do aprendizado; | 3 — predomina a influência das profissões do meio em que vive o futuro profissional; |
| 5 — pela escolha ao acaso; | 4 — predomina o fator econômico; |
| 6 — pelo lucro inicial ou salário mais ou menos elevado; | |
| 7 — pela necessidade de prestar auxílio à família; | 5 — foi o ideal frustrado; |
| 8 — pela necessidade de manter-se; | |
| 9 — pela mudança de situação social, psicológica ou moral; | 6 — porque tem jeito. |
| 10 — por vocação. | |

Na impossibilidade de conciliar uma pesquisa iniciada sobre o assunto, deixamos de apresentar os dados numéricos que comprovem os fatos acima citados. Transcrevemos, porém, a tabela que extraímos da tese "A escolha e a formação profissional em alguns menores operários" da autoria da Assistente Social, Dina Bartholomeu, apresentada por ocasião da terminação do curso da Escola de Serviço Social e elaborada sob a nossa direção.

TABELA N.º 4

Motivos da escolha	N.º absoluto	Porcentagem
Influência do meio profissional	1	1,85
Imposição dos pais	4	7,40
Necessidade econômica	11	20,37
Sugestões de parentes, amigos ou conhecidos	22	40,37
Evitar perda de tempo	7	12,94
Vontade própria	5	9,25
Possibilidade de melhores condições ..	4	7,40
Total	54	99,95

Estes fatos não serão consequências da ausência de mentalidade profissional no momento de ser escolhida a profissão?

Quais serão os responsáveis por esta situação: a Família, a Escola ou o Meio Profissional?

III — COMO INICIAR A FORMAÇÃO DE UMA MENTALIDADE PROFISSIONAL?

A imprevidência na escolha da profissão poderá deixar de existir se houver uma organização que tome a responsabilidade de atender, devidamente, os elementos da Orientação Profissional e que para isto disponha de um órgão central que coordene os trabalhos das seguintes secções:

a) registro de informações sobre o indivíduo a orientar e sobre as oportunidades profissionais e educacionais do meio;

b) serviço clínico, psicológico, psicotécnico, pedagógico, grafológico e social;

c) cursos pré-vocacionais — orientador profissional;

d) gabinete de colocação — conselheiro profissional.

O *Órgão Central* deverá ser financiado pelo Estado, por organizações profissionais locais, por instituições particulares, pela família dos orientados que pagaria uma taxa mínima durante o tempo em que o menor estivesse frequentando o curso, e deverá ter a colaboração de pessoas representativas do meio social, educacional e profissional.

O *Registro de Informações* — As informações sobre o indivíduo a ser orientado deverão ser fornecidas pela família, pelo médico, pelo psicólogo, pelo psicotécnico social. A todas estas informações serão reunidas as que o orientador profissional colherá nos cursos pré-vocacionais através de: palestras individuais e coletivas com os orientados; de observações no meio em que estes frequentam (recreio escolar, igreja, clube, família, rua, cinema) durante as atividades que exercem na escola e fóra desta; de questionários individuais e coletivos aplicados em épocas oportunas; de auto-biografias; de relatórios ou descrições sobre visitas ou estágios feitos em locais de trabalho ou de estudo; de trabalhos gráficos quer sejam livres, espontâneos ou sobre temas previamente determinados. Todas estas informações constarão do prontuário de cada registrado.

As informações sobre o meio profissional e o meio educacional deverão ser colhidas no local do trabalho ou do estudo e controladas por quem de competência no assunto, e deverão constituir material para a elaboração das monografias profissionais e educacionais, cujo plano geral pôde ser o seguinte:

- 1 — histórico;
- 2 — estado atual;
- 3 — o que a profissão exige do profissional;
- 4 — vantagens e desvantagens da profissão;
- 5 — o futuro da profissão;
- 6 — o ingresso na profissão;
- 7 — progresso — carreira profissional;
- 8 — fontes de informações sobre a profissão.

Como exemplo de monografia educacional apresentamos, am anexo, o folheto por nós organizado para ser distribuído entre os alunos dos 4.ºs anos dos Grupos Escolares da Capital, na Semana da Criança, realizada em 1938.

O *serviço clínico, psicológico, psicotécnico, pedagógico, grafológico e social* terá técnicos para cada uma de suas especializações. Estes informadores usarão dos métodos e dos processos próprios da sua especialidade, de maneira a atender as finalidades da Orientação Profissional. Os dados colhidos constarão da ficha individual e serão estudados por pessoa designada pelo *Órgão Central* que, então, traçará o diagnóstico do indivíduo a ser orientado.

Os *cursos pré-vocacionais* deverão funcionar nas escolas públicas e particulares, nos centros familiares, nos institutos profissionais, nos hospitais ortopédicos, nos preventórios, nos sanatórios, nos asilos e internatos e nas organizações profissionais.

Os alunos serão os menores que estiverem a terminar o curso primário ou que ainda não atingiram a idade estabelecida por lei para ingressar na vida de trabalho, e os orientadores profissionais os responsáveis pelos mesmos.

Papel do orientador profissional. A este compete:

Dar às pessoas a orientar, conhecimentos, embora gerais, do grande número de profissões ou grupos de profissões e dos cursos de estudos existentes no bairro, na cidade, no Estado e no País em que vive o indivíduo;

Valer-se de todos os meios para que o orientado obtenha informações de si próprio em face dos conhecimentos que vai adquirindo, isto é, que ele venha a conhecer as suas capacidades, aptidões, habilidades, tendências, disposições, qualidades físicas, morais, psicológicas, fisiológicas; a sua condição econômica e social; as suas aspirações do momento, as futuras e legítimas;

Levar a pessoa a conhecer as possibilidades de progresso e de sucesso em cada profissão ou curso de estudos que o meio apresentar ou nas profissões visadas;

Encaminhar o orientado para que ele venha a fazer uma escolha refletida e conciente da profissão que deverá seguir, a qual deve estar de acordo com as suas capacidades, tendências, habilitações e que não vá contra o Bem Comum e que vise a possibilidade de seu aperfeiçoamento físico, moral, intelectual e técnico futuros.

Quanto às profissões, o orientador profissional deverá apresentá-las sob os seus aspectos de ordens técnicas, econômicas, sociais, práticas e teóricas.

Aulas de Orientação Profissional e de Orientação Educacional — Os conhecimentos acima referidos deverão ser dados durante as aulas de orientação profissional e de orientação educacional que para isto precisam seguir um programa que atenda a situação atual e futura dos orientados e a situação do meio profissional, educacional e social onde estes vivem. É natural que estas aulas sigam um método. Por ocasião de nossas atividades no Serviço de Orientação Profissional e Educacional do Laboratório de Psicologia, experimentamos os seguintes métodos: o socrático, o herbatiano, o de projetos e o de grupos de discussões. Este último foi o que mais se prestou à finalidade das aulas, pois que ele dá ocasião ao aluno de:

ver o que existe no campo profissional e educacional;

ouvir as opiniões alheias, muitas vezes contrárias às suas;

pensar nas próprias possibilidades profissionais e educacionais, levando em consideração o "como", o "onde", o "quando" e o "porque" dos fatos.

Seguimento nas atividades práticas — As atividades extra-curriculares tais como: festas, jornais, clube, biblioteca, trabalhos ocasionais; o estágio em oficinas, em campo experimental de agricultura, em escritórios, em policlínicas; as visitas a logares em que as profissões ou outras atividades profissionais são devidamente exercidas são meios de que o orientador profissional deverá lançar mão para acompanhar e observar o orientado e conhecer as suas reações, o seu temperamento, o

seu caráter, a sua personalidade, as suas capacidades e aptidões como também são meios de que dispõe para levar o aluno ao conhecimento de si próprio.

A orientação propriamente dita — Desde que o indivíduo que está sendo orientado vise ou escolha uma profissão, o orientador profissional terá que fazer com ele o estudo pormenorizado de suas qualidades físicas, psíquicas, intelectuais, anatômicas-fisiológicas, e o estudo particularizado da profissão escolhida, vêr, pelos dados registrados na ficha informativa da pessoa as vantagens e as desvantagens que ela lhe oferece. Uma vez terminada a orientação profissional resta ao orientador profissional encaminhar o orientado para o gabinete de colocações ou para o curso de estudos.

O gabinete de colocações — Este é uma das secções do Serviço de Orientação Profissional cuja finalidade é a de facilitar a entrada dos indivíduos na profissão escolhida. Para isto deverá:

- 1 — organizar a relação das profissões e dos centros de aprendizagem profissionais existentes na zona que está destinado a servir;
- 2 — manter em dia a indicação das vagas existentes nas profissões e nos centros de aprendizagem profissional, de modo a poder servir ao profissional qualificado ou não.

Surge aqui um outro elemento que deve fazer parte do Serviço de Orientação Profissional — é o conselheiro profissional a quem compete:

- 1 — a assistência aos egrêssos dos cursos pre-vocacionais;
- 2 — o seguimento, no trabalho, dos colocados pelo Serviço de Orientação Profissional;
- 3 — o reajustamento dos colocados;
- 4 — apresentar sugestões, baseadas no comportamento dos colocados ou dos reajustados, para a melhoria dos serviços realizados sob a coordenação do órgão central.

IV — OS PROBLEMAS DA APRENDIZAGEM PROFISSIONAL, DA FORMAÇÃO DO APRENDIZ E DO PROFISSIONAL QUALIFICADO

Terá, assim, a Orientação Profissional resolvido os problemas da aprendizagem profissional, da formação do aprendiz e a do profissional qualificado? Não, porque estes não são problemas de sua alçada. A Orientação Profissional cabe, apenas, *iniciar* o indivíduo na escolha da profissão e no conhecimento de si próprio em relação à vida profissional futura.

V — CONCLUSÕES

- 1 — A Orientação Profissional é um serviço de caráter social;
- 2 — A Orientação Profissional deve visar o adulto, o adolescente e principalmente o menor que estiver a terminar o curso primário, aquê que, por lei, não está em idade de ingressar na vida profissional e os anormais passíveis de orientação profissional;
- 3 — A Orientação Profissional é um trabalho de cooperação entre a Família, o Estado, e as Instituições Particulares;

4 — A Orientação Profissional exige pessoas especializadas para o serviço de orientação e aconselhamento profissional e educacional;

5 — A Orientação Profissional precisa da colaboração do médico, do psicólogo, do psicotécnico, do professor, do educador sanitario e do assistente social;

6 — Há necessidade de pôr em prática, com modificações que atendam a situação atual, o que determina o Art. 290 do Código de Educação do Estado de S. Paulo, em seu Capitulo III que trata dos Cursos Pré-vo-
cacionais.



NOTA: Contribuiram ainda para o estudo deste tema os seguintes congressistas:

Prof. Nelson Rebelo, Prof. Ernesto Dias, Prof. João Benedito Costa, Diretor do G. Escolar Américo Brasiliense, Prof. Dirceu Ferreira da Silva, Prof. Masatako Saito, Prof. Oscar Augusto Guelli, Prof. Augusto Leite do Canto, Prof. Dorival Dias Minhoto, Prof. Edmundo Pacheco Melo, Prof. Francisco Bueno Pereira, Prof. José de Campos Camargo, Prof. Antonio Mazza, Prof.^a Lúcia Veltri, Prof.^a Margarida de Almeida, Prof. Décio Machado Gaia, Prof. Lino Avancini, Prof. Arminda de Sá Campos, Prof. José Toledo Costa, Prof. Eliseu das Chagas Pereira, Prof. Francisco Xavier de Castro, Prof. Antonio Tenório da Rocha Brito, Prof. José Maria de Castro, Prof. Licínio Carpinéli, Dr. Radagasio Talvida, Julio Cesar Antunes Maciel, Prof. Atilio Baldochi, Prof. Herculano Loureiro de Almeida, Prof. Ary Cloriano Fialho, Dr. Arnaldo Godoy, Alberto Ferreira Giudice, D. Maria Júlia Pourchet, Diretor do Grupo Escolar Cândido Rodrigues, Diretor do Grupo Escolar "Getúlio Vargas" de Florianópolis, Diretor do Grupo Escolar de Santa Lúcia, Dr. Poli M. Espirito.

MOÇÕES APROVADAS

Excelentíssimo Senhor.

Tenho o prazer de comunicar a Vossa Excelência que o 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar aprovou a seguinte moção:

“Considerando que no presente Congresso Nacional de Saude Escolar ficou sobejamente evidenciada a excelência da Escola como meio para a intervenção da higiene, da medicina e do ensino higiênico em favor da preservação e da restauração da saude da infância e da adolescência;

2) Considerando que o professor é o fator precípua para tornar o meio escolar propício a todas as intervenções de ordem higiênica e médica, sendo mesmo elemento decisivo para a efetivação da educação sanitária, quer como simples professor ou como educador ou orientador sanitário;

3) Considerando que, — atendendo à necessidade de assegurar um mínimo de conforto no lar e na vida social, ao professor, bem como à necessidade de limitação de seu trabalho à escola que rege, afim de se prevenir contra a fadiga acumulada e assim poder obedecer a um elementar princípio de higiene mental, — o professor, como funcionário público, tanto quanto o particular, precisa ter remuneração condigna com a nobreza das funções que exerce;

4) Considerando que, aqui no Brasil, ainda não há, para meios de padrão de vida semelhante, igualdade de remuneração ao professor público;

5) Considerando que o padrão de vencimentos reinante no Distrito Federal é o que se julga razoável para as grandes capitais brasileiras, tanto para sua zona urbana como para a rural;

— Os membros deste Congresso, como sinal de alto interesse pela saude física e mental e pela maior produtividade do professor, acordam em apelar para o Exmo. Sr. Presidente da República no sentido de que se digne ordenar aos devidos órgãos técnicos do Ministério de Educação e Saude a que procedam aos respectivos estudos afim de padronizar a remuneração ao professor público nas capitais e no interior, tomando por base a unidade federativa que atualmente melhor remunera esses funcionários, principais construtores da nacionalidade.”

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os protestos de minha alta consideração.

*A Sua Excelência o Senhor Doutor Getúlio Vargas,
Digníssimo Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.*

5 de maio de 1941.

A. ROMANO BARRETO

Diretor Geral do Departamento de Educação — Presidente da Comissão Executiva do 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar.

Excelentissimo Senhor.

Tenho o prazer de comunicar a Vossa Excelência que o 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar aprovou a seguinte moção:

“Tendo sido apresentadas ao 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar as teses do Dr. J. A. Mesquita Sampaio, sobre “O valor médico-social da Endocrinologia”, e do Dr. Armando de Arruda Sampaio “Bocio endêmico em alguns municípios de São Paulo”, após as discussões dessas teses, o Congresso reconhece que:

1.º — A assistência endocrinológica presta à coletividade imensos benefícios pela ação importante que exerce no somato-psiquismo do homem;

2.º — A endocrinologia é elemento de grande valor na eugenia e na eutecnia, contribuindo para o aperfeiçoamento do tipo racial brasileiro que se vem formando dos descendentes de nacionais e estrangeiros aqui radicados, tipos inteiramente heterogêneos;

3.º — A assistência endocrinológica cresce de valor quando se sabe que é de grande utilidade na prevenção de inúmeras endocrinopatias, que perturbam o crescimento, o desenvolvimento, o psiquismo e o temperamento do indivíduo, diminuindo ou mesmo anulando o seu rendimento, tornando-o, muitas vezes, valor negativo para a sociedade e para o Estado;

4.º — A incidência das endocrinopatias no meio escolar é grande, refletindo-se seriamente na saude, no comportamento e no aproveitamento da criança;

5. — A clínica endocrinológica é particularmente util no Serviço de Saude Escolar, porque:

a) O meio facilita ao médico melhor oportunidade de surpreender as endocrinopatias;

b) A terapeutica na infância e na puberdade dá os melhores resultados na redução e na prevenção das disendocrínias, o que raramente se verifica transposta a idade puberal;

6.º — A clínica endocrinológica na função médico-escolar é util, necessária e imprescindível como consequência das asserções acima exaradas.

Considerando que já existe em funcionamento a secção de Endocrinologia no Serviço de Saude Escolar, em boa hora criada pelo Dr. Figueira de Mello e confiada ao Dr. Habib Carlos Kyrillos, autor de uma das teses acima citadas, médico-escolar e assistente voluntário da Secção de Glândulas Endócrinas do Ambulatório de Neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e da Santa Casa, o 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar solicita e recorre à boa vontade de V. Excia. para que dote a Secção de Endocrinologia do Serviço de Saude Escolar dos recursos necessários para que possa desempenhar, com a maior eficiência, o papel que lhe é destinado na função médico-social e médico-escolar.”

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os protestos de minha alta consideração.

A. ROMANO BARRETO

Diretor Geral do Departamento de Educação — Presidente da Comissão Executiva do 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar.

*Ao Excelentíssimo Senhor Doutor Adhemar Pereira de Barros,
Digníssimo Interventor Federal no Estado de São Paulo.*

5 de maio de 1941.

Excelentíssimo Senhor.

Tenho o prazer de comunicar a Vossa Excelência que o Primeiro Congresso Nacional de Saude Escolar aprovou a seguinte moção:

Primeiro Congresso Nacional de Saude Escolar.

“Diante do grave estado de saude da população em geral, principalmente escolares e, atendendo ao grande número de educandos necessitados de assistência médica permanente, mormente dos que vivem no Interior cumpre que o Estado e as Prefeituras entrossem os seus esforços para que essa assistência seja a mais completa possível.

Pede o autor que a Mesa do Primeiro Congresso Nacional de Saude Escolar faça chegar aos poderes competentes a sua indicação.”

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os protestos de minha alta consideração.

A. ROMANO BARRETO

Diretor Geral do Departamento de Educação — Presidente da Comissão Executiva do 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar.

*A Sua Excelência o Senhor Doutor Adhemar Pereira de Barros,
Digníssimo Interventor Federal em São Paulo.*

2 de maio de 1941.

Excelentíssimo Senhor.

Tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que foi aprovada a seguinte moção apresentada ao 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar:

**PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE SAÚDE ESCOLAR, EM
SÃO PAULO**

“Senhor Presidente

Temos a honra de nos dirigir à mesa, para que seja consignada em ata desta sessão plenária, nossos sinceros parabens ao Excelentíssimo Senhor Doutor Adhemar de Barros, pelo apôio patriótico que vem dando à magnífica organização do Serviço de Saude Escolar, neste Estado.

Organizações como esta, realizam eficientemente os intuits patrióticos do Excelentíssimo Senhor Doutor Getúlio Vargas, no sentido de realizar com segurança a constituição sadia da Juventude Brasileira.”

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os protestos de minha alta e distinta consideração.

A. ROMANO BARRETO

Diretor Geral do Departamento de Educação — Presidente da Comissão Executiva do 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar.

*A Sua Excelência o Senhor Doutor Adhemar Pereira de Barros,
Digníssimo Interventor Federal em São Paulo.*

5 de maio de 1941.

Excentíssimo Senhor.

Tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que o 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar aprovou o seguinte:

“Deve ser dirigido ao Senhor Ministro da Educação e Saude um apelo para a inclusão do ensino obrigatório de Puericultura em todas as escolas do País, oficiais e particulares, colégios, asilos, reformatórios femininos, enfim, em todos os graus do ensino feminino: primário, ginásial, normal, profissional, doméstico, para melhor preparação da mulher na sua futura missão no lar e na formação de brasileiros fortes e sadios.”

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os protestos de minha distinta consideração.

A. ROMANO BARRETO

Diretor Geral do Departamento de Educação — Presidente da Comissão Executiva do 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar.

*Ao Excelentíssimo Senhor Doutor Gustavo Capanema,
Digníssimo Ministro da Educação e Saude.*

2 de maio de 1941.

Excelentíssimo Senhor.

Tenho o prazer de comunicar a Vossa Excelência que, em sessão plenária do 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar, foi aprovada a seguinte moção:

I.º CONGRESSO NACIONAL DE SAUDE ESCOLAR

“Considerando que foi o Estado do Rio de Janeiro que instalou, em 1923, a primeira colônia de férias do Brasil, ampliada esta obra de preservação da infância pelo atual Governo Fluminense, que organizou dois tipos de colônias escolares (montanha e à beira-mar);

considerando que foi também o Estado do Rio de Janeiro o primeiro na criação de escolas ao ar livre (1916, em Campos, 1923, em Niterói);

considerando que a iniciativa da instituição do “Copo de Leite”, no nosso país, cabe ainda ao Estado do Rio de Janeiro, onde o atual Governo está fazendo notavel trabalho experimental sobre a nutrição no meio escolar:

O PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE SAUDE ESCOLAR EMITE UM VOTO DE APLAUSOS AO SR. INTERVENTOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, COMANDANTE ERNANI DO AMARAL PEIXOTO, PELAS INICIATIVAS E REALIZAÇÕES EXPRESSAS NOS TRABALHOS APRESENTADOS PELO PROFESSOR

— 849 —

ALMIR MADEIRA E DR. FIGUEIREDO MENDES, NO TOCANTE
ÀS OBRAS DE PRESERVAÇÃO DA "INFÂNCIA NA IDADE ES-
COLAR."

*Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os protestos da
mais alta estima e distinta consideração.*

A. ROMANO BARRETO

Diretor Geral do Departamento de Educa-
ção — Presidente da Comissão Executiva
do 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar.

*Ao Excelentíssimo Senhor Comandante Ernani do Amaral Peixoto,
Digníssimo Interventor Federal, no Rio de Janeiro.*

5 de maio de 1941.

Excelentíssimo Senhor.

*Tenho o prazer de comunicar a Vossa Excelência que o Primeiro
Congresso Nacional de Saude Escolar aprovou a seguinte moção:*

Primeiro Congresso Nacional de Saude Escolar.

*"O Primeiro Congresso Nacional de Saude Escolar emite um voto
de louvor aos Governos de São Paulo e da Baía, pela manutenção de co-
lonias escolares de férias, em Santos e em Bogari."*

*Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os protestos de
minha alta consideração.*

A. ROMANO BARRETO

Diretor Geral do Departamento de Educa-
ção — Presidente da Comissão Executiva
do 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar.

*Ao Excelentíssimo Senhor Doutor Landulpho Alves,
Digníssimo Interventor Federal no Estado da Baía.*

2 de maio de 1941.

Excelentíssimo Senhor.

*Tenho o prazer de comunicar a Vossa Excelência que em sessão plé-
nária do 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar, foi aprovada a se-
guinte moção:*

Primeiro Congresso Nacional de Saude Escolar

*"Considerando as vantagens inestimáveis de diagnóstico precoce para
a preservação da saude;*

*considerando que o Distrito Federal sistematizou o exame de saude
de todos os alunos matriculados em estabelecimentos de ensino elementar
e técnico profissional;*

*considerando que essa providência consiste no exame individual, feito
periodicamente por médicos especialistas, que registram suas conclusões
na caderneta de saude;*

considerando que a adoção da modalidade de pagamento por unidade visa o rendimento integral e a possibilidade e previsão orçamentária, sem desperdício de mínima parcela;

considerando também que o Sr. Presidente da República acaba de assinar decreto autorizando a criação de duas aldeias educacionais na Capital do País; O PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE SAUDE ESCOLAR EMITE UM VOTO DE APLAUSO AOS SRS. PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL, HENRIQUE DODSWORTH, E SECRETÁRIO GERAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA, DR. PIO BORGES, POR ESSAS PROVIDÊNCIAS DE GRANDE ALCANCE SOCIAL.”

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os protestos de minha distinta consideração.

A. ROMANO BARRETO

Diretor Geral do Departamento de Educação — Presidente da Comissão Executiva, do 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar.

*Ao Excelentíssimo Senhor Doutor Henrique de Toledo Dodsworth,
Digníssimo Prefeito do Distrito Federal.*

NOTA: Nos mesmos termos foi enviado um ofício ao Sr. Dr. José Pio Borges de Castro, DD. Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal.

5 de maio de 1941.

Excelentíssima Senhora.

Tenho o prazer de comunicar a Vossa Excelência que o Primeiro Congresso Nacional de Saude Escolar aprovou a seguinte moção:

Primeiro Congresso Nacional de Saude Escolar.

“Os Congressistas do Primeiro Congresso Nacional de Saude Escolar querem ressaltar, em moção de aplausos, a atuação das Educadoras Sanitárias Escolares, na conservação e aperfeiçoamento da saude do escolar paulistano, sob a proficiente direção da Sra. Maria Antonieta de Castro.”

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os protestos de minha distinta consideração.

A. ROMANO BARRETO

Diretor Geral do Departamento de Educação — Presidente da Comissão Executiva do 1.º Congresso Nacional de Saude Escolar.

A Excelentíssima Senhora Dona Maria Antonieta de Castro.

Sala das Sessões Plenárias do I Congresso Nacional de Saúde Escolar, que se realiza na Capital do Estado de São Paulo, aos 27 dias de abril de 1941.

EXMO. SR. DR. PRESIDENTE

Considerando que a assistência à Infância vai tomando conforme demonstra a própria iniciativa do governo do Estado de São Paulo instalando o I Congresso Nacional de Saúde Escolar, cada vez mais e necessariamente, o aspecto coletivo;

considerando que as crianças são as únicas depositárias dos futuros valores da Nação;

considerando que não se tem cumprido todos os deveres para com a infância;

considerando que o esforço não tem sido comum e uniformemente dirigido para o respeito dos múltiplos e quotidianos deveres de assistência à criança;

considerando, enfim, que a oportunidade é magnífica para focalizar o problema e reconhecer os sagrados direitos da criança proponho, à semelhança do que se tem feito em outros países, com grande êxito, que se promulgue nesta sessão plenária os DIREITOS DA CRIANÇA BRASILEIRA.

Peço venia para passar às mãos de V. Excia. para a devida aprovação da Casa a seguinte sugestão (1):

OS DIREITOS DA CRIANÇA BRASILEIRA

Os participantes do I Congresso Nacional de Saúde Escolar, que se realiza na Capital do Estado de São Paulo, reconhecendo como já o reconheceram outros povos que a criança constitui o valor social máximo e é o mais sagrado patrimônio da Nação e que há necessidade de protegê-la cuidadosamente para a luta pela vida, afirmam como DIREITOS DA CRIANÇA BRASILEIRA, superiores a toda idéia de raça, nacionalidade ou crença religiosa que:

(1) Trabalho do prof. Nicanor Alcântara de Oliveira.

I

A criança deve ser colocada em condições de realizar o seu desenvolvimento normal, tanto sob o ponto de vista de uma vida física e moral sã, como do harmonioso desenvolvimento de suas capacidades.

II

A criança, desamparada, com fome, deve ser alimentada; deve ser assistida quando enferma; deve ser estimulada em sua educação quando atrasada; deve ser orientada normalmente quando desajustada; abrigada e socorrida quando orfã ou em caso de calamidade pública.

III

A criança deve ser preparada para a luta pela vida, afim de ganhar a sua subsistência e protegida contra a exploração econômica.

IV

A criança deve ser educada gratuitamente, pelo Estado, em escolas, crèches e jardins de infância higienicamente instalados e que estejam em proporção direta com a vida social.

V

A criança deve ser orientada para uma formação cultural sólida, acompanhada de uma correspondente capacidade para o trabalho.

VI

A criança deve ser protegida contra todo o agente físico e mental que entrave o seu crescimento, que retarde a sua educação e coíba a sua liberdade.

VII

A criança deve contar para a sua formação integral com a boa organização das instituições auxiliares da família e da escola.

VIII

A criança deve ser educada, inculcando-se lhe o sentimento de Humanidade e de Pátria e o dever de solidariedade e cooperação social.

O Iº Congresso Nacional de Saude Escolar aplaude a Administração de S. Paulo por ter criado o Serviço de Higiene Mental Escolar e a proficiência técnica e operosidade do ilustre diretor do mencionado serviço e de seus prestantes colaboradores.



REPRESENTANTES OFICIAIS DE SOCIEDADES,
ENTIDADES, etc., ao PRIMEIRO CONGRESSO
NACIONAL DE SAUDE ESCOLAR

- Dr. Abgar Renault — Diretor do Departamento Nacional de Educação
Representante do Ministério da Educação e Saude.
- Dr. Olimpio Olinto de Oliveira — Diretor do Departamento Nacional da
Criança — Representante do Ministério da Educação e Saude.
- Prof. Dr. M. B. Lourenço Filho — Diretor do Instituto Nacional de Pes-
quisas Pedagógicas — Representante do Ministério da Educação e
Saude .
- Dr. Antonio Xavier de Oliveira — Médico psiquiatra — Representante do
Ministério ad Educação e Saude.
- Dr. Carlos Sá — Médico sanitarista — Representante do Ministério da
Educação e Saude.
- Dr. Oscar Loureiro — Chefe do Corpo de Saude da 2.^a Região Militar —
Representante do Ministro da Guerra.
- Dr. Darci Lousada Tupi Caldas — Deleagdo Fiscal em São Paulo —
Representante do Ministro da Fazenda.
- Dr. Felix R. Brunot — Representante da Oficina Sanitária Panamericana.
- Dr. Emiliano Nóbrega — Representante do Estado da Paraíba.
- Dr. Aprigio Camara — Representante do Estado do Rio Grande do
Norte.
- Dr. Arnaldo Sant'Ana — Diretor do Serviço de Saude Escolar da Baía.
— Representante do Estado da Baía.
- Prof. Gilberto Ubaldo da Silva — Técnico de Educação Física na Baía
— Representante do Estado da Baía.
- Dr. Teófilo Melo Santos — Chefe da Inspetoria Médico Escolar de Belo
Horizonte — Representante do Estado de Minas Gerais.
- Dr. Santiago Americano Freire — Médico do Instituto Pestalozzi de Belo
Horizonte — Representante do Estado de Minas Gerais.
- Dr. Vasco dos Reis Gonçalves — Diretor Geral de Educação (de Goiaz
— Representante do Estado de Goiaz.
- Dr. Helio Ponce de Arruda — Diretor do Departamento de Saude de Mato
Grosso — Representante do Estado de Mato Grosso .
- Dr. Alcides Lintz — Diretor do Departamento de Saude Escolar do Dis-
trito Federal — Representante da Secretaria de Educação do Dis-
trito Federal.
- Dr. Decio Parreiras — Diretor do Departamento de Saude do Distrito
Federal — Representante da Secretaria de Saude e Assistência do
Distrito Federal.
- Dr. Mário Bossois Ribeiro — Chefe do Centro de Saude no Espírito San-
to — Representante do Estado do Espírito Santo.
- Dr. Joaquim Eduardo de Alencar — Diretor do Departamento de Saude
do Ceará — Representante do Estado do Ceará.
- Prof. Dr. Leonel Gonzaga — Representante do Distrito Federal.
- Profa. D. Celina Padilha — Representante do Distrito Federal.